



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LÍDERES PROTESTANTES PENTECOSTAIS  
ACERCA DE HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS**

**SOCIAL REPRESENTATIONS OF PENTECOSTAL PROTESTANT LEADERS ABOUT  
HOMOSEXUALS WITHIN CHURCHES**

SEROPÉDICA

2025

CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS  
SEGUNDO LÍDERES DE IGREJAS PROTESTANTES PENTECOSTAIS**

**SOCIAL REPRESENTATIONS OF PENTECOSTAL PROTESTANT LEADERS ABOUT  
HOMOSEXUALS WITHIN CHURCHES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Alves Miguez Naiff.

SEROPÉDICA

2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238r      Barbosa, Carlos Eduardo da Silva, 1992-  
             Representações sociais de líderes protestantes  
             pentecostais acerca de homossexuais dentro das  
             igrejas / Carlos Eduardo da Silva Barbosa. - RIO DE  
             JANEIRO, 2025.  
             170 f.: il.

             Orientadora: Luciene Alves Miguez Naiff.  
             Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
             do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
             Psicologia, 2025.

             1. Sexualidade. 2. Psicologia Social. 3.  
             Representações Sociais. 4. Religião. I. Naiff, Luciene  
             Alves Miguez, 1969-, orient. II Universidade Federal  
             Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em  
             Psicologia III. Título.


**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO  
STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA**

**Carlos Eduardo da Silva Barbosa**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia,  
no Programa de Pós-graduação em Psicologia, area de concentração em psicologia.


Dissertação aprovada em: 23/06/2025

Assinaturas:

Documento assinado digitalmente  
 **LUCIENE ALVES MIGUEZ NAIFF**  
Data: 24/06/2025 13:40:21-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Luciene Alves Miguez Naiff , Dra, UFRRJ (presidente da banca)

Documento assinado digitalmente  
 **ANA CLAUDIA DE AZEVEDO PEIXOTO**  
Data: 23/06/2025 13:43:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, Dra, UFRRJ (membro interno)

Documento assinado digitalmente  
 **EDUARDO DE FREITAS MIRANDA**  
Data: 24/06/2025 09:41:23-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Eduardo de Freitas Miranda, Dr, Centro Universitário Dom Bosco (membro externo)

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, aos meus pais, aos meus familiares e amigos, e a todas as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que, de algum modo, foram violentadas e impedidas de estarem livremente congregando em igrejas protestantes pentecostais. A graça e o amor de Deus é para todos nós, pecadores. Que o amor de Deus os alcance onde estiverem.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço ao meu Deus, autor e consumidor da minha vida, por me permitir chegar a lugares que jamais pensei um dia chegar e por me dar saúde, esforço e dedicação para atingir todos os meus objetivos.

Agradeço a minha mãe, Sônia Maria Lomboni da Silva Barbosa, diarista, que lutou com todas as forças, abrindo mão de suas vontades, para que eu chegasse até aqui. Agradeço ao meu pai, Elio Nunes Barbosa, aos meus familiares, amigos, colegas de graduação e jornada acadêmica, por toda construção compartilhada ao longo desses anos.

Em especial, agradeço à minha querida orientadora, Luciene Alves Miguez Naiff. Minhas palavras se fazem pequenas diante da imensa gratidão que carrego no coração. Foi sob sua orientação sábia, paciente e dedicada que esta jornada acadêmica se tornou não apenas possível, mas também profundamente enriquecedora. Cada conselho, cada correção e cada estímulo foram faróis que iluminaram meu caminho, transformando desafios em aprendizados e dúvidas em descobertas. Sua generosidade intelectual e seu compromisso com a excelência inspiraram-me a buscar sempre o melhor, dentro e fora da pesquisa. Mais do que uma orientadora, você foi uma presença fundamental, que acreditou em meu potencial mesmo quando eu próprio hesitava. Por isso, dedico a você não apenas esta dissertação, mas também a certeza de que levarei adiante os ensinamentos que gentilmente compartilhou.

Aos professores Ronald Clay dos Santos Ericeira, Denis Giovani Monteiro Naiff, Aureliano Lopes da Silva Junior, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pelas ricas contribuições em sala de aula. E aos membros da banca de qualificação, Eduardo de Freitas Miranda e Ana Claudia de Azevedo Peixoto, que brilhantemente contribuíram para o seguimento da pesquisa.

Aos professores de graduação em Psicologia, Flávio Lopes Guillon, Wallace da Costa Britto, Pedro Moacyr Chagas Brandão Junior, Julio Cesar Cruz Collares da Rocha, Carlos Alberto Absalão de Souza, Eduardo Duarte de Souza Ferreira, Suelen Carlos de Oliveira, Mônica Freitas Oliveira, Patrícia Castro de Oliveira e Silva e Patricia Estrella Liporace Barcelos, pelo incentivo na carreira docente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -

Finance Code 001.

## **EPÍGRAFE**

*“A graça de Deus não é um prêmio para os justos, mas um socorro para os perdidos.”*

*Martinho Lutero*



## RESUMO

As religiões cristãs têm levantado inúmeros debates nos ambientes eclesiásticos sobre questões no âmbito social, tais como o aborto, a violência sexual e familiar contra a mulher, o abuso sexual e o divórcio. No entanto, nenhum desses assuntos causam tanto alvoroço e divergências de opiniões como abordar questões que envolvem a sexualidade humana, principalmente ao se referir sobre orientações sexuais distintas da heterossexual. A pesquisa teve como objetivo identificar quais são as representações sociais de líderes protestante pentecostais acerca de homossexuais dentro das igrejas, comparando com as representações sociais de pessoas homossexuais, sem especificar “dentro da igreja”, tendo como hipótese que a inclusão do grupo “dentro da igreja” pode gerar diferenças na estrutura das representações. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, baseada na abordagem estrutural de Abric com aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, fundada por Serge Moscovici. Participaram da pesquisa 100 líderes protestantes pentecostais. Foi utilizado um questionário estruturado contendo duas Evocações Livre de Palavras, para análise prototípica e de similitude. Além de perguntas abertas e fechadas. As perguntas fechadas passaram por análise descritivas e as perguntas abertas foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. Na evocação do grupo controle, sobre o termo “homossexuais”, pode-se interpretar que, somente o termo “homossexuais”, sem especificar que são para pessoas da religião dos líderes protestantes pentecostais, e sem especificar que são “dentro das igrejas”, a homossexualidade é vista como pecado e como opção sexual. Ao sermos mais específicos, solicitando que expressem o que acreditam que as pessoas da sua religião pensam sobre o termo “homossexuais dentro das igrejas”, o cognema pecado se repete, sem o cognema opção sexual, mas com o cognema possessão. Dessa forma, podemos supor que, quando partimos de uma visão macro (homossexuais) para uma visão micro (homossexuais dentro das igrejas), fora das igrejas a homossexualidade pode ser vista como pecado e opção sexual e dentro das igrejas pode ser vista como pecado e possessão, indicando representações fortemente enraizadas em visões moralizantes e condenatórias, ancoradas em doutrinas religiosas moralizantes e espiritualizadas. A análise das perguntas abertas reforçou esses achados. À pergunta sobre o que pensam da homossexualidade, os líderes agruparam suas respostas nas categorias “pecado”, “possessão”, “traumas na infância” e “doença”. Em relação à fala do pastor André Valadão sobre casais homossexuais na igreja, observaram-se discursos de exclusão, concordância conservadora, críticas à abordagem e tentativas de promover uma inclusão condicional. Nos relatos de experiências com pessoas homossexuais nas igrejas, surgiram categorias como inclusão ambígua, exclusão institucional, controle moral, conflitos pastorais e aceitação plena, evidenciando práticas sociais pautadas por ambivalência e resistência à diversidade sexual. Conclui-se que as representações sociais dos líderes são majoritariamente negativas e excludentes, fundamentadas na associação da homossexualidade a categorias religiosas de pecado e possessão. Contudo, a presença de discursos de acolhimento e misericórdia na periferia indica fissuras e tensões nas representações, sinalizando possíveis transformações futuras.

**Palavras-chave:** homossexuais; pentecostais; Representações Sociais.

## ABSTRACT

Christian religions have sparked numerous debates in ecclesiastical circles on social issues such as abortion, sexual and domestic violence against women, sexual abuse and divorce. However, none of these issues cause as much commotion and divergence of opinion as addressing issues involving human sexuality, especially when referring to sexual orientations other than heterosexual. The research aimed to identify the social representations of Pentecostal Protestant leaders regarding homosexuals within churches, comparing them with the social representations of homosexual people, without specifying “within the church”, with the hypothesis that the inclusion of the group “within the church” may generate differences in the structure of representations. This was a qualitative, exploratory and descriptive study, based on Abric's structural approach with theoretical support from the Theory of Social Representations, founded by Serge Moscovici. 100 Pentecostal Protestant leaders participated in the research. A structured questionnaire containing two Free Word Evocations was used for prototypical and similarity analysis, in addition to open and closed questions. The closed questions underwent descriptive analysis and the open questions were analyzed according to Bardin's content analysis. In the control group's evocation of the term “homosexuals”, it can be interpreted that, only the term “homosexuals”, without specifying that they are for people of the religion of Pentecostal Protestant leaders, and without specifying that they are “within the churches”, homosexuality is seen as a sin and as a sexual option. When we are more specific, asking them to express what they believe people of their religion think about the term “homosexuals within the churches”, the cognate sin is repeated, without the cognate sexual option, but with the cognate possession. Thus, we can assume that, when we move from a macro view (homosexuals) to a micro view (homosexuals within churches), outside of churches homosexuality can be seen as a sin and sexual option, and within churches it can be seen as a sin and possession, indicating representations strongly rooted in moralizing and condemnatory views, anchored in moralizing and spiritualized religious doctrines. The analysis of the open-ended questions reinforced these findings. When asked what they think of homosexuality, the leaders grouped their answers into the categories “sin”, “possession”, “childhood trauma” and “disease”. Regarding Pastor André Valadão's speech about homosexual couples in the church, we observed discourses of exclusion, conservative agreement, criticism of the approach and attempts to promote conditional inclusion. In reports of experiences with homosexual people in churches, categories such as ambiguous inclusion, institutional exclusion, moral control, pastoral conflicts and full acceptance emerged, evidencing social practices guided by ambivalence and resistance to sexual diversity. It is concluded that the social representations of leaders are mostly negative and exclusionary, based on the association of homosexuality with religious categories of sin and possession. However, the presence of discourses of acceptance and mercy in the periphery indicates fissures and tensions in the representations, signaling possible future transformations.

**Keywords:** homosexuals; Pentecostals; Social Representations.

## LISTA DE SIGLAS

Assembleia de Deus (AD)

Convenção das Assembleias de Deus no Brasil (CADB)

Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB)

Convenção Nacional da Assembleia de Deus no Brasil (CONEMAD)

Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT)

Movimento de Gays e Lésbicas (MGL)

Congregação Cristão no Brasil (CCBB)

Conselho Federal de Psicologia (CFP)

Conselho Nacional de Justiça (CNJ)

Supremo Tribunal Federal (STF)

Estados Unidos da América (EUA)

Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS)

Gays, Lésbicas e Travestis (GLT)

Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT)

Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF)

Grupo Gay da Bahia (GGB)

Homens que fazem sexo com homens (HSH)

Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)

Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Usuários de drogas injetáveis (UDI)

*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* – IRAMUTEQ

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Quer, Interssexuais, Assexuais/Arromânticas/Agêneros, Pansexuais/Polissexuais, Não binárias e todas as outras letras que englobam a orientação sexual e identidade de gênero (LGBTQIAPN+)

Liga Brasileira de Lésbicas (LBL)

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)

Associação de Psiquiatria Americana (APA)

Movimento Homossexual Brasileiro (MHB)

Mulheres que fazem sexo com Mulheres (MSM)

Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da Universidade de São Paulo (CAHEUSP)

Comunidade Cristã Gay (CCG)

*Metropolitan Community Church* (MCC)

Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)

Igreja Cristã Contemporânea (ICC)

Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)

Organização Não Governamental (ONG)

Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor (CORSÁ)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Comitê de Ética e Pesquisa (CEP)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Principais características das igrejas tradicionais/históricas, as igrejas pentecostais e as igrejas neopentecostais.

QUADRO 2 - Orientações sexuais segundo pesquisa do IBGE no ano de 2019.

QUADRO 3 - Mortes da comunidade LGBTQIAPN+ em 2024

QUADRO 4 - Primeiras Igrejas Inclusivas no Brasil

QUADRO 5 - Características do sistema central e do sistema periférico

QUADRO 6 - Evocação livre de palavras do termo indutor “homossexuais”

QUADRO 7 - Evocação livre de palavras do termo indutor “homossexuais dentro das igrejas”

QUADRO 8 - Comparação das evocações “homossexuais” e “homossexuais dentro das igrejas” em cada quadrante

QUADRO 9 - Categorias, unidades de registro/percentual, subcategorias e descrição para análise de conteúdo da pergunta: o que você pensa sobre a homossexualidade?

QUADRO 10 - Categorias, unidades de registro/percentual, subcategorias e descrição para análise de conteúdo da fala do pastor André Valadão sobre um casal homossexual frequentar igrejas

QUADRO 11 - Categorias, unidades de registro/percentual e descrição sobre experiências pessoais com homossexuais dentro das igrejas

## **LISTA DE FIGURAS**

- FIGURA 1 - Origem dos movimentos oriundos da Reforma Protestante
- FIGURA 2 - Distribuição da população em suas respectivas religiões no censo de 2010 do IBGE.
- FIGURA 3 - Cartaz da campanha de prevenção da AIDS do Ministério da Saúde, de 1987.
- FIGURA 4 - Capa de edição zero do jornal O Lampião da Esquina.
- FIGURA 5 - Primeira publicação do jornal Chanacomchana.
- FIGURA 6 - Stonewall brasileiro: ato político contra a pressão policial
- FIGURA 7 - Faixa etária das mortes da comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024
- FIGURA 8 - Mortes na comunidade LGBTQIAPN+ por violência no ano de 2024
- FIGURA 9 - Mortes violentas na comunidade LGBTQIAPN+ nos estados do Brasil no ano de 2024
- FIGURA 10 - Tipificação das mortes violentas na comunidade no ano de 2024
- FIGURA 11 - Modus operandi das mortes na comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024
- FIGURA 12 - Local da morte violenta da comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024
- FIGURA 13 - Igreja Presbiteriana do Brasil emite nota de desligamento do pastor Nehemias Marien
- FIGURA 14 - Ilustração do quadro de quatro quadrantes da análise prototípica das Representações Sociais
- FIGURA 15 - Exemplo ilustrativo da análise de similitude
- FIGURA 16 - Faixa etária dos participantes da amostra
- FIGURA 17 - Sexo dos participantes da amostra
- FIGURA 18 - Congregação dos participantes da amostra
- FIGURA 19 - Cargo eclesial dos participantes da amostra
- FIGURA 20 - Análise de similitude do termo “homossexuais”
- FIGURA 21 - Análise de similitude do termo “homossexuais dentro das igrejas”
- FIGURA 22 - Resposta da pergunta sobre homossexuais em cargo de lideranças nas igrejas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 A PSICOLOGIA E O INTERESSE PELA RELIGIÃO: DO CRISTIANISMO AO PENTECOSTALISMO CONTEMPORÂNEO.....	22
1.1 O Cristianismo.....	24
1.2 O Protestantismo: a Reforma Protestante ou as Reformas Protestantes?.....	28
1.3 O Protestantismo no Brasil e suas correntes (tradicionais/históricas, pentecostais e neopentecostais) .....	32
1.4 Poder pastoral: o cuidado em forma de governo.....	39
1.4.1 O PODER PASTORAL E O CONTROLE SEXUALIDADE.....	41
2 A HOMOSSEXUALIDADE E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	44
2.1 Termos utilizados para se referir à homossexualidade ao longo dos anos.....	44
2.2 A homossexualidade julgada como pecado, crime e doença.....	47
2.3 Cisheterossexismo, cisheteronormatividade, heteronormatividade.....	51
2.4 HIV/AIDS: câncer/peste gay?.....	53
2.5 A Revolta de <i>Stonewall</i> : movimento precursor da visibilidade homossexual.....	55
2.6 O movimento homossexual no Brasil: luta, justiça e dignidade homossexual.....	57
2.7 O crescimento da população homossexual no Brasil.....	61
2.8 Homossexualidade e igrejas pentecostais.....	69
2.9 Igrejas Inclusivas .....	74
3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	79
3.1 Aspectos históricos da Teoria.....	79
3.2 Definições da Teoria.....	81
3.3 Funções da Teoria.....	83
3.4 Os processos de formação: ancoragem e objetificação.....	84
3.5 Teoria do Núcleo Central.....	85
3.6 Zona Muda das Representações Sociais.....	88
4 OBJETIVOS.....	90
4.1 Objetivo Geral.....	90
4.2 Objetivo Específicos.....	90

<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>91</b>
5.1 Desenho da pesquisa.....	91
5.2 Participantes da pesquisa.....	91
5.3 Instrumentos e procedimentos.....	92
5.4 Análise de dados.....	94
5.4.1 USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO.....	96
5.5 Questões éticas.....	96
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>97</b>
6.1 Caracterização dos participantes .....	97
6.1.1 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO À FAIXA ETÁRIA.....	97
6.1.2 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO AO SEXO.....	98
6.1.3 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO ÀS SUAS CONGREGAÇÕES.....	100
6.1.4 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO AO CARGO DE LIDERANÇA ECLESIAÍSTICA.....	100
6.2 Análise das Evocações Livres de Palavras e da Análise de Similitude.....	101
6.2.1 ANÁLISE PROTOTÍPICA E DE SIMILITUDE DO TERMO INDUTOR “HOMOSSEXUAIS” .....	101
6.2.2 ANÁLISE PROTOTÍPICA E DE SIMILITUDE DO TERMO INDUTOR “HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS” .....	105
6.2.3 COMPARATIVO DAS EVOCÇÕES COM OS TERMOS INDUTORES “HOMOSSEXUAIS” E “HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS” .....	112
6.3 Análise da pergunta sobre homossexuais em cargos de lideranças nas igrejas	
Análise de conteúdo das perguntas abertas.....	113
6.4 Análises de conteúdo das perguntas abertas.....	114
6.4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PERGUNTA: O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?.....	115
6.4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA FALA DO PASTOR ANDRÉ VALADÃO SOBRE UM CASAL HOMOSSEXUAL FREQUENTAR IGREJAS.....	125
6.4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PERGUNTA: VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUMA SITUAÇÃO PESSOAL COM PESSOAS HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS? SE SIM, PODE NOS CONTAR?.....	133



<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...</b>	<b>167</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

A construção social do ser humano pode ser moldada e influenciada por diversos fatores independentes, que podem abranger os aspectos biológicos, culturais, econômicos, políticos e, também, religiosos. A religião exerce um papel preponderante na sociedade, evidenciado, por exemplo, na forma como datamos determinados acontecimentos históricos com os termos “antes de Cristo” (A.C.) e “depois de Cristo” (D.C.). Essa maneira de marcar o tempo, centrada no nascimento da figura de Jesus Cristo, tem origem no calendário gregoriano, o mais utilizado no cenário mundial.

A religião pode ser entendida como um fenômeno social que sofre transformações ao longo do tempo, se criando, se recriando e se movimentando; o fenômeno religioso sempre se forma e se transforma (Reimer; Guerra; Oliveira, 2018). Os estudos sociológicos a respeito da religião, são melhores apresentados por meio de pressupostos teóricos da tríplice matricial, os chamados pais da sociologia (Marx, Durkheim e Weber). Karl Marx se posicionava de maneira crítica e, por vezes, pessimista diante da realidade social, afirmando que, em um mundo marcado pela miséria e ignorância, a religião surgiria como uma forma de refúgio e proteção. Em suas análises, Marx frequentemente descreve a religião como um instrumento de opressão e controle social. Ainda assim, acrescenta que a religião “é o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo” (Marx, 2004, p. 45-46 apud Reimer; Guerra; Oliveira, 2018). Essa afirmação traduz a ideia de que a religião oferece uma esperança de felicidade futura, projetada para além da vida terrena, desviando o olhar das injustiças e desigualdades presentes no mundo concreto.

Com base em diferentes perspectivas da Filosofia e das Ciências Sociais e Humanas é possível compreender as funções e importância das religiões para os grupos humanos. Uma das atribuições da religião seria auxiliar as pessoas a lidarem com os impasses da vida e manter certo tipo de equilíbrio emocional e existencial. Ademais, pertencer a uma religião não se restringe à forma como os fiéis cultuam uma entidade espiritual; envolve também um conjunto de normas e padrões de comportamento que orientam a convivência e a inserção desses grupos no tecido social (Bernardi; Castilho, 2016).

Adentrando nos escritos de Durkheim, o sociólogo busca a compreensão sobre o que as religiões possuem em comum. Uma das suas obras mais notáveis, “As Formas Elementares da Vida

Religiosa”, Durkheim objetivou estudar as religiões primitivas na busca pela compreensão da natureza e das funções da religião para a sociedade. As religiões fazem distinção entre o sagrado e o profano<sup>1</sup>. Cada religião pode apresentar conceituações distintas sobre esses dois fenômenos. O sagrado refere-se àquilo que é extraordinário, venerado e separado da vida cotidiana, enquanto o profano diz respeito às atividades comuns e rotineiras da existência. Essa distinção não se limita ao conteúdo das crenças, mas se manifesta também nos rituais, nas práticas e nas representações simbólicas que consolidam a coesão social. Ainda segundo Durkheim, os rituais religiosos desempenham um papel crucial na reafirmação dos valores e das normas sociais. Ao participarem coletivamente desses rituais, os indivíduos reafirmam sua pertença ao grupo, fortalecem a identidade coletiva e revigoram os laços comunitários. Dessa forma, a religião é entendida não apenas como um sistema de crenças individuais, mas como um fenômeno eminentemente social, profundamente entrelaçado com as estruturas e dinâmicas da vida em sociedade.

O autor acrescenta que, geralmente, uma característica daquilo que é religioso é a do sobrenatural. Por sobrenatural, pode-se entender elementos que ultrapassem o nosso entendimento, aquilo que é misterioso e que não pode ser desvendado por meios científicos (Durkheim, 2008). Em relação à função social da religião, ela gira em torno de produzir integração e relações entre a sociedade, por meio dos encontros religiosos, onde os membros se sentem pertencentes daquela comunidade (Durkheim, 2008). É nesse sentido que em Durkheim, não há religião sem sociedade e não há sociedade sem religião; as pessoas são religiosas porque são sociais.

Por sua vez, Max Weber oferece uma abordagem distinta, mais voltada à compreensão do sentido subjetivo das ações religiosas. (Reimer; Guerra; Oliveira, 2018). Em suas investigações, Weber se concentra no papel da religião como motivadora de condutas e transformadora de estruturas sociais, particularmente em sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Nela, o autor analisa como determinadas doutrinas religiosas, especialmente as oriundas do protestantismo, influenciaram o desenvolvimento do espírito capitalista moderno. A prosperidade e o trabalho passaram a ser vistos como sinais de graça divina. Todavia, essa característica predominante, na atualidade, está sendo vista com mais frequência no neopentecostalismo, que

---

<sup>1</sup>Durkheim foi um dos principais teóricos a enfatizar esses conceitos. Os termos são utilizados para distinguir aquilo que é considerado espiritual, divino, religioso, sendo protegido, respeitado e adorado; daquilo que é secular, cotidiano e que não são ligados a aspectos religiosos.

SANTOS, James Washington Alves dos. O sagrado como conceito sociolinguístico: apontamentos entre Durkheim e Saussure. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 67, 2023.

surge entre 1970 e 1980.

Dessa maneira, ao avaliarmos o que Marx, Durkheim e Weber trouxeram, podemos entender a religião como algo complexo, multifacetado e dinâmico. A religião, nesse contexto, revela-se como uma força capaz de moldar visões de mundo, orientar comportamentos e instituir formas de organização social que perduram ao longo do tempo.

A investigação do fenômeno religioso no âmbito acadêmico demanda cuidados epistemológicos específicos. Gomes (2004) adverte que os pesquisadores devem abster-se de afirmar ou negar a existência do sagrado ou dos dogmas professados por determinadas crenças. O enfoque da investigação deve recair sobre a maneira como o ser humano se relaciona com aquilo em que acredita e como essa crença religiosa influencia seu cotidiano. Silva (2004, p. 7) chama a atenção sobre compreender adequadamente “[...] o papel que crenças e práticas religiosas desempenham na construção de subjetividades, sociedades e culturas contemporâneas.”. O autor acrescenta fazendo a seguinte indagação:

Os grupos religiosos estão presentes na mídia, em canais de TV, rádios e jornais. Muitas editoras e gravadoras têm, no público religioso, seu ponto forte. As bancadas religiosas nos Congressos do Ocidente ou governos teocráticos em outras regiões do globo levam a um novo tipo de dúvida: haverá espaço para o pensamento não-religioso no futuro? (Silva, 2004, p. 7).

Essa reflexão nos conduz à constatação de que pesquisar as religiões e seus modos de operação social equivale a investigar a própria contemporaneidade em sua configuração atual. Consequentemente, os estudos religiosos devem ser concebidos como elementos constitutivos da cultura e da formação societária. Como sustentam Vieiralves-Castro e Silva (2008, p. 29), “[...] o pensamento e as práticas religiosas possuem seus devires e lógica própria [...]”, o que exige do pesquisador uma postura não normativa, que se abstenha de juízos de valor sobre dogmas e crenças, concentrando-se antes na análise do comportamento humano em sociedade articulado com suas expressões de fé.

Entre os diversos campos e áreas de atuação da Psicologia, a Psicologia Social emerge como vertente privilegiada para o estudo da religião. Assim sendo, Lima (2010, p. 7) resguarda que a Psicologia Social “[...] por considerar as dinâmicas psicossociais, as dinâmicas entre os indivíduos e fenômenos sociais, é um campo do saber fundamental para o do fenômeno religioso”.

A psicologia social é, no meu entendimento, a ciência do entre. Isso significa dizer que o

lugar privilegiado do inquérito psicossocial não é nem o indivíduo, nem a sociedade, mas precisamente aquela zona nebulosa e híbrida que comporta as relações entre os dois. O foco no entre é, obviamente, um dispositivo teórico, já que empiricamente nos deparamos sempre com instâncias objetivadas produzidas pelo espaço relacional que constitui o “entre” (Jovchelovitch, 2004, p. 21).

Concernente os estudos que envolvem sexualidade e religião, Natividade (2006) aponta a oposição das igrejas pentecostais sobre a orientação sexual homossexual e a impossibilidade de seus membros legitimarem esta orientação em manifestações culturais e políticas, desconsiderando, inclusive, avanços no conhecimento científico sobre este tema que são transmitidos em nossa contemporaneidade. Todavia, afirma que existem pessoas homossexuais que professam sua religiosidade cristã, desejando, por exemplo, fazer parte de alguma igreja protestante, como as igrejas evangélicas pentecostais (Natividade, 2006).

Nesse contexto, é importante destacar o equívoco de movimentos que defendem uma “Psicologia Cristã”<sup>2</sup>, pautadas em seus dogmas e ensinamentos eclesiásticos, os quais se distanciam dos princípios estabelecidos pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo. Tais profissionais que defendem uma Psicologia Cristã, desconhecem os limites entre os campos da Ciência e Religião, levando a confundir sua prática profissional com suas crenças religiosas. Os sujeitos que se apresentam como psicólogos cristãos não apresentam respaldo acadêmico, nem profissional. Sobre este cenário, Lionço (2017) destaca o caso que ocorreu no ano de 2017, em que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ) realizaram posicionamentos públicos sobre o oferecimento de formações em “Psicologia Cristã”. Estes Conselhos reafirmaram que tal oferta não está incluída entre as especialidades<sup>3</sup> que são reconhecidas pela categoria. Ainda sobre essa questão, o Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR) lançou uma nota técnica no ano de 2015 sobre confissão de fé e exercício profissional, esclarecendo que

A(O) Psicóloga(o), assim como todo ser humano, pode ou não ter uma identificação religiosa, mística e/ou espiritual. Entretanto, trata-se aqui de esclarecer a relação da expressão da identidade religiosa, sobre a qual não há restrições, com a atividade profissional, essa sim regulamentada pelo código de ética da profissão, e evitar possíveis conflitos com este. De tal forma que reafirma: a nomenclatura na identificação da(o)

<sup>2</sup>Nota de esclarecimento do Conselho Regional de Psicologia CRP sobre titulação em “Psicologia Cristã”.

<sup>3</sup>A Resolução do CFP n.º 13/2007 identifica apenas uma Psicologia, que se constitui entre 12 especialidades: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia; Psicologia em Saúde e Psicologia em Avaliação Psicológica.

profissional deve referir-se à atuação deste e não a aspectos de foro íntimo, como sua confissão de fé (Conselho Regional de Psicologia do Paraná, 2015, p. 3).

O que foi exposto vai de acordo com o que versa o posicionamento do CFP (2013), por meio do Sistema Conselhos de Psicologia, no que tange a laicidade em território brasileiro, princípio reafirmado por meio da Constituição de 1988. Declarar que o Brasil é um país laico quer dizer que o Estado não privilegia e nem rejeita nenhuma das religiões. Posto isso, embora cada profissional da Psicologia tenha liberdade para professar sua fé, é imperativo que suas convicções religiosas não transponham os limites de sua identidade pessoal para influenciar sua atuação profissional.

Conforme os fatos citados, a presente pesquisa se justifica, em um primeiro momento, por uma motivação particular: a observação de casos em que pessoas que se identificam como homossexuais frequentaram igrejas protestantes pentecostais, mas, por diversas razões, acabaram por não permanecer nesses espaços. Esse fenômeno suscita questionamentos profundos, tais como: “Sou *gay*, posso frequentar a sua igreja?”, “Sou lésbica, será que me aceitam como cristã?”. Tais indagações motivaram este estudo, partindo do pressuposto de que toda pessoa, independentemente de sua orientação sexual, possui o direito de integrar os espaços religiosos que desejar.

Para além do viés individual, acredita-se na relevância social e científica desta investigação. A despeito dos avanços no reconhecimento da liberdade de expressão e das diversas orientações sexuais, indivíduos cristãos homossexuais ainda enfrentam discriminação e preconceito dentro de comunidades religiosas. Assim, urge promover discussões mais amplas sobre essa temática, uma vez que, enquanto em alguns ambientes já se debate abertamente sobre diversidade sexual, nas igrejas pentecostais a homossexualidade permanece um tabu intransponível.

Ademais, promover pesquisas e debates que geram reflexões sobre como a sociedade pode adotar posturas de igualdade, respeito, aceitação e inclusão da população composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais/Arromânticos/Agêneros, Pansexuais/Polissexuais, Não binários e todas as outras letras que englobam a orientação sexual e identidade de gênero (LGBTQIAPN+) nos diferentes espaços, principalmente nos religiosos, se tornam pertinentes na busca por uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Sendo assim, este estudo poderá contribuir significativamente para futuros debates entre docentes, discentes e pesquisadores, promovendo o aprofundamento de diálogos sobre as múltiplas formas de vivenciar a diversidade de gênero e de orientação sexual. Trata-se de um esforço por

compreender como diferentes tradições religiosas percebem e interpretam essas manifestações da subjetividade humana. Esses debates podem – e devem – envolver pessoas de distintas confissões religiosas, não com o intuito de mesclar ciência e religião, mas sim de favorecer um diálogo mais aberto e honesto, reconhecendo que as religiões fazem parte da cultura, da história e das experiências pessoais de cada sujeito.

Ainda que a literatura apresente pesquisas sobre representações sociais da homossexualidade, há lacunas quanto às representações sociais de líderes protestantes pentecostais acerca de homossexuais dentro das igrejas, o que possibilita que este estudo possa ser útil para as Ciências Sociais, fomentando a disseminação de pesquisas mais aprofundadas sobre o binômio sexualidade/religião.

A presente dissertação está estruturada da seguinte forma: além desta seção introdutória, que apresenta a justificativa da pesquisa, o primeiro capítulo irá apresentar a psicologia e o interesse pela religião; o surgimento do Cristianismo e sua divisão com o protestantismo a partir das reformas protestantes; o protestantismo no Brasil e suas correntes teológicas, o poder pastoral como forma de governo e controle sobre a sexualidade. O segundo capítulo tratar-se-á do contexto histórico da homossexualidade; os termos que foram utilizados para se referir à homossexualidade ao longo dos anos; a homossexualidade julgada como pecado, crime e doença; os termos cisheterossexismo, cisheteronormatividade, heteronormatividade; o surgimento do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) sendo denominado por parte da sociedade como “câncer gay ou peste gay”; a Revolta de *Stonewall*, movimento precursor da visibilidade homossexual; o crescimento da população homossexual no Brasil; como a homossexualidade é entendida nas igrejas pentecostais; e as igrejas inclusivas. O terceiro capítulo irá apresentar a teoria das representações sociais, juntamente com seus aspectos históricos; as definições da teoria, suas funções; os seus processos de formação; a teoria do núcleo central e, por fim, a zona muda das representações sociais.

Posteriormente serão apresentados os objetivos da presente pesquisa, a metodologia utilizada, a seção de resultados e discussão, as considerações finais e as referências que nortearam a pesquisa. Por fim, encontram-se os apêndices com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionário de pesquisa para coleta de dados.

## 1 A PSICOLOGIA E O INTERESSE PELA RELIGIÃO: DO CRISTIANISMO AO PENTECOSTALISMO CONTEMPORÂNEO

A Psicologia, antes de se estabelecer como uma ciência autônoma, teve suas origens fincadas na Filosofia. Entre os filósofos gregos já havia um profundo interesse no estudo da alma, significado do termo *psychê* (alma) e logia (estudo de). Desse modo, “a alma ou espírito era concebida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação e a percepção” (Bock; Furtado; Teixeira, 2001, p. 33).

Sócrates (469-399 A.C.), em suas reflexões filosóficas, se preocupava em como o homem se distinguia dos animais. Sua teoria era que essa separação acontece por meio da razão. Seguidamente, Platão (427-347 A.C.), seu discípulo, buscava definir um lugar para essa razão dentro do corpo, chegando a definir esse lugar como a cabeça, onde, para ele, é o membro do corpo em que se encontra a alma. Platão ainda acreditava que a medula fazia a ligação entre alma e corpo. Para ele, essa ligação era necessária, pois via a alma como separada do corpo. Aristóteles (384-322 A.C.) apresentou um ponto de vista divergente, defendendo que a alma e corpo não poderiam ser dissociados (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

Com a ascensão do Império Romano<sup>4</sup>, manifesta-se o desenvolvimento do Cristianismo, tornando-se a principal religião da Idade Média. Além do poder econômico e religioso, o Cristianismo vai se apropriando do saber, e, conseqüentemente, do estudo do psiquismo. É nesse sentido que Santo Agostinho (354-430 D.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 D.C.), filósofos e teólogos, discutiam questões voltadas para a alma, mente e corpo, em suas filosofias religiosas (Bock; Furtado; Teixeira, 2001).

A Psicologia é demarcada como uma ciência independente, se desvinculando da Filosofia, em um contexto europeu, em terras alemãs, com a criação do laboratório experimental de Wilhelm Wundt (1832-1920), na cidade de Leipzig, no ano de 1879 (Soares, 2010). Como observa Araújo (2009), embora Wundt já tivesse estabelecido outros espaços de experimentação, foi esse laboratório que ganhou proeminência histórica por constituir-se no primeiro centro internacional para formação de psicólogos. Wundt treinou e ministrou orientações a diversos psicólogos experimentais de diversos países, que, posteriormente, retornaram a seus países de origem para

---

<sup>4</sup>Considerada a maior civilização da história do Ocidente. Teve duração de 27 A.C a 476 D.C.



implementarem novos laboratórios de Psicologia. Desse modo, a Psicologia foi migrando inicialmente para Inglaterra, Estados Unidos da América (EUA) e, logo em seguida, seguir seus caminhos nos quatro cantos do mundo (Soares, 2010). Vale o destaque que, a partir de Wundt, seus alunos deram continuidade estabelecendo suas próprias teorias e pensamentos dentro da Psicologia, se afastando de seus ensinamentos iniciais (Marcellos; Araújo, 2011).

Desde sua consolidação como ciência autônoma, a Psicologia demonstrou o interesse pelo estudo da religião, uma vez que Wundt, em um dos seus livros intitulado “Völkerpsychologie” (Psicologia dos Povos), o pioneiro da psicologia experimental já se interessava pela dimensão cultural das religiões (Paiva, 1990). Contudo, foi um dos primeiros alunos de Wundt, William James (1842-1910), quem se aprofundou de forma mais significativa pelos estudos da religião dentro da Psicologia (Pereira; Martins, 2022). “James atribuía à natureza humana a capacidade de entrar em comunhão direta com o divino por um sentimento de peculiar solenidade e intensidade, denominada experiência religiosa” (Dias, 2017, p. 102). Observa-se que James demonstrava o interesse em estudar a religião e seus fenômenos de forma empírica, por esse motivo, ele dividia a religião em duas vertentes, em religião institucional e religião individual. Dias (2017) indica que, para James, a religião institucional está ligada ao culto, as cerimônias e rituais, enquanto a religião pessoal está para a consciência, pensamentos e questões interiores. O mesmo autor acrescenta que a religiosidade é um elemento do funcionamento psíquico complexo, embora se manifeste como um componente primordial na vida interior dos seres humanos.

Outro teórico que também abordou a religião a um fenômeno complexo, mas a partir de uma perspectiva crítica, foi o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939). Embora não fosse psicólogo, tem sua imagem e estudos fortemente ligados à Psicologia. Freud considerava a religião como uma ilusão dispensável, funcionando principalmente como mecanismo de controle social para os grupos serem moldados. Em sua visão, sem a religião, dificilmente a moralidade coletiva seria sustentada. Freud argumenta que os seres humanos sentem necessidades psicológicas de proteção, e por esse motivo associam a figura de Deus a de um pai, pela sensação de desamparo (Freud, 2010).

Em contraposição à visão freudiana, Carl Jung (1875-1961) preservava uma visão mais otimista da religião, o que é visto a seguir:

Ninguém podia me roubar a convicção de que estava fadado a fazer o que Deus queria e não o que eu queria. Isso deu-me forças para seguir meu próprio caminho. Frequentemente, sentia que em questões decisivas, eu já não estava entre os homens, mas,

sozinho com Deus (Jung, 1961/1995 apud Miranda, 2019, p. 7).

Percebe-se que, naquele momento, em que Jung passava por questões decisivas em sua vida, ele recorria a Deus e não aos homens. Jung (1980) corrobora com o filósofo Kierkegaard ao afirmar que o ser humano sempre estará em dívida com Deus, manifestando temor, devoção, autoridade e auto humilhação aquilo que considera sagrado. Um dos conceitos centrais da teoria de Jung é o de inconsciente coletivo, concebido por ele como uma camada inconsciente da alma. Jung defendia que os mitos e rituais de determinadas religiões que surgem nas diversas culturas são elementos do inconsciente coletivo da sociedade.

Outro importante pensador que contribuiu para o diálogo entre Psicologia e religião foi Viktor Frankl (1905-1997), psicólogo conhecido por ser o fundador da logoterapia e por sobreviver ao Holocausto. Frankl defendia que a busca por sentido é a principal motivação da existência humana. Para ele, esse sentido poderia ser encontrado nas relações interpessoais, no trabalho, e, também, por meio da religião, principalmente em momentos de dor e angústia. Frankl considerava existir uma religiosidade inconsciente, que não necessariamente se manifesta por meio de práticas religiosas formais, mas sim através da busca por um significado último na vida, algo que transcende o plano meramente material (Frankl, 2017). Embora fosse judeu e reconhecesse o valor da religião como fenômeno existencial importante, ele defendia que cada ser, em particular, pode encontrar esse sentido da vida de maneira individual, por intermédio de diversos aspectos, sendo a religião apenas mais uma dimensão nessa busca de sentido.

Observa-se que diversos teóricos renomados da Psicologia se debruçaram sobre os estudos da religião, ainda que de maneira e enfoques distintos. Enquanto alguns adotaram uma postura crítica, outros demonstraram perspectivas mais positivas e integradoras. No entanto, é inegável que a religião, independentemente de sua expressão ou doutrina, ocupa um lugar significativo e subjetivamente relevante na vida de muitas pessoas, inclusive daquelas que não se identificam com nenhuma crença formal. Assim, compreender a espiritualidade como uma dimensão da existência humana pode contribuir para uma Psicologia mais sensível à diversidade de vivências e sentidos que compõem a experiência humana.

## **1.1 O Cristianismo**

O Cristianismo é uma religião monoteísta<sup>5</sup>, abraâmica<sup>6</sup>, de origem no século I D.C, período histórico da Antiguidade, no contexto do Império Romano (Siqueira, 2018). Seu manual de fé consiste na Bíblia Sagrada, uma coletânea contendo 66 livros<sup>7</sup>, divididos entre antigo testamento (anterior ao nascimento de Jesus) e novo testamento (posterior ao nascimento de Jesus) (Martelli; Martelli, 2020). O antigo testamento possui 39 livros, que ilustram a criação do mundo e a relação do homem com uma força espiritual divina, no caso, Deus. Alguns livros do antigo testamento já anunciavam a vinda de Jesus Cristo. O novo testamento enquadra 27 livros que narram o nascimento, vida e obra e ressurreição de Jesus Cristo. É nele onde podemos encontrar diversas narrativas sobre acontecimentos que não possuem explicações científicas, podendo ser denominados de milagres (Valva, 2023).

A bíblia não é entendida somente como um manual de profissão de fé, mas como um instrumento normativo e formador de conduta para os fiéis (Gerstenberger, 1979). Essa dimensão é evidenciada, por exemplo, pelos 10 mandamentos<sup>8</sup> e, também, pelo modelo de comportamento que os cristãos pretendem seguir conforme a figura de Jesus Cristo no período vivido na Terra, sendo um modelo a ser praticado.

O Cristianismo é baseado no plano da salvação<sup>9</sup> por intermédio da figura de Jesus Cristo. De acordo com essa crença, ele veio à Terra como homem para morrer pelos pecados da humanidade, oferecendo a todos a possibilidade da salvação. No livro de João, capítulo 14, versículos 16 e 17, Jesus diz próximo de ser crucificado:

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós (Bíblia, 1995, p. 1601).”

---

<sup>5</sup>As religiões monoteístas são aquelas que acreditam em apenas uma divindade.

<sup>6</sup>As religiões abraâmicas são monoteístas e têm sua origem na figura do personagem bíblico Abraão. Elas são o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

<sup>7</sup>Existem duas versões da bíblia sagrada, a versão católica e a versão evangélica. A versão mencionada nesta pesquisa é a versão evangélica. A principal diferença entre elas é que na bíblica católica, há mais sete livros no antigo testamento. Esses livros são chamados livros apócrifos ou deuterocanônicos. Estes são: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico ou Siracque e Baruque. Os evangélicos não reconhecem esses livros.

<sup>8</sup>Os 10 mandamentos são a lei que Deus revelou a Moisés para ser direcionada ao povo de Israel. Podem ser encontrados no livro de Êxodo, capítulo 20, versículos do 1 ao 17.

<sup>9</sup>Descrito por meio do livro de João capítulo 3, versículo 16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Outro versículo nesse sentido é o de João, capítulo 16, versículo sete: “Todavia, digo-vos a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei” (Bíblia, 1995, p. 1604). Esses versículos fazem menção a partida de Jesus e a descida do Espírito Santo, para permanecer com os discípulos de Jesus e toda a humanidade, até a próxima volta. É importante destacar que as religiões cristãs acreditam na Trindade, três elementos distintos que formam um só Deus: o Pai (Deus), o Filho (Jesus) e o Espírito Santo (Lima, 2018).

É importante considerar os fatores políticos-históricos que fizeram com que Jesus fosse crucificado. O Império Romano doutrinava uma adoração politeísta, ou seja, adoração de múltiplas divindades. A divindade do imperador era questionada, bem como outras autoridades romanas. Como forma de punição, Jesus foi condenado à morte de cruz, que era uma das punições durante aquele período (Gomes, 2018).

Os discípulos de Jesus deram continuidade à expansão do Cristianismo, pregando a palavra por diversas regiões, tanto entre os judeus, quanto para os gentios<sup>10</sup>. Foi a conversão dos gentios que corroborou para rápida expansão do Cristianismo (Curtis; Lang; Petersen, 2003). A mensagem era pregada nas principais cidades do Império Romano, durante os primeiros séculos D.C (I, II, III e parte do IV), período denominado de cristianismo primitivo. A vivência dessa comunidade cristã inicial é retratada no livro de Atos dos apóstolos, capítulo dois, versículos 42 a 47:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar. (Bíblia, 1995, p. 1994).

Paralelamente a esse período, acontecia a crise do Império Romano, momento em que a igreja começa a ganhar força e notoriedade no cenário político. No século IV, o Cristianismo se tornou a religião oficial de Roma. Pinto (2016) relata que, devido à grande expansão do Cristianismo, o Império já não conseguia obter o controle sobre os cristãos, não tendo outra opção a não ser absorvê-los politicamente. Foi nesse contexto que o imperador Constantino I se converteu ao Cristianismo, permitindo e autorizando o direito ao culto cristão no ano de 313 D.C. Esse

---

<sup>10</sup>Os gentios na bíblia eram considerados as pessoas que não eram judeus.

acontecimento é chamado de Édito de Milão, também conhecido como Édito de Tolerância (Verdete, 2009).

Ainda no século IV, o pastor Ário, de Alexandria, embora se identificasse como cristão, alinhava-se aos conceitos da teologia grega, defendendo que Deus era único e absolutamente transcendente, e, portanto, não poderia ser plenamente conhecido. Ário afirmava que Jesus era um ser divino, mas que não poderia ser considerado Deus em essência. Essa corrente teológica ficou conhecida como arianismo e é considerada uma das heresias mais significativas na história do Cristianismo. Em resposta a essas divergências doutrinárias, foi convocado o Concílio de Nicéia, em 325 D.C., cujo objetivo foi reunir os bispos e líderes religiosos para estabelecer uma doutrina cristã e uma base que fosse comum aos cristãos da época (Curtis; Lang; Petersen, 2003). Posteriormente, em 380 D.C, o imperador Teodósio I, mediante ao Edito de Tessalônica, sentenciava o Cristianismo como a religião oficial do Estado (Pinto, 2016).

A partir do fim do Império Romano, o Cristianismo foi se fortalecendo durante a Idade Média (séculos V-XV), especialmente por intermédio da igreja católica, que também representava o Estado, governada pela figura do bispo de Roma, mais conhecido com o título de papa (Verdete, 2009). Naquela época, Moreira (2019) ressalta que poucas eram as pessoas consideradas ateias, visto que ao assumir posições contrárias a igreja católica, era motivo de sofrer perseguições. De acordo com Alves (1999, p. 9 apud Moreira, 2019):

Houve tempo em que os descrentes, sem amor a Deus e sem religião, eram raros. Tão raros que os mesmos se espantavam com a sua descrença e a escondiam, como se ela fosse uma peste contagiosa. E de fato o era. Tanto assim que não foram poucos os que foram queimados na fogueira, para que sua desgraça não contaminasse os inocentes.

Com o passar dos anos, as igrejas do Oriente e do Ocidente começaram a ter diversos conflitos, criando uma ruptura na igreja. Fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, corroboram para isso. Dentre esses conflitos, pode destacar os seguintes fatos:

O Oriente usava o grego, ao passo que o Ocidente utilizava o latim, graças à Vulgata e aos teólogos ocidentais que escreveram nessa língua. As formas de culto eram diferentes: o pão usado na comunhão, assim como a data para a Quaresma e a maneira pela qual a missa deveria ser celebrada eram também distintas. No Oriente, o clero podia se casar e usar barba. Os sacerdotes ocidentais não podiam se casar e apresentaram o rosto completamente barbeado. As teologias eram diferentes. O Oriente se sentia desconfortável com a doutrina ocidental do purgatório. O Ocidente usava a palavra latina filioque “e do Filho” no Credo niceno, depois de que a cláusula sobre o Espírito Santo estabeleceu que o Espírito “procede do Pai”. Para o Oriente, essa adição era heresia. Diferenças que já

existiam havia séculos explodiram devido a dois homens de temperamento obstinado. Em 1043, Miguel Cerulário tornou-se patriarca de Constantinopla. Em 1049, Leão IX tornou-se papa. Leão queria que Miguel - e, por meio dele, a igreja oriental - se submetessem a Roma. O papa enviou representantes a Constantinopla, mas Miguel se recusou a encontrar-se com eles. Desse modo, os representantes excomungaram Miguel em nome do papa. O patriarca respondeu fazendo o mesmo com os representantes do papa, excomungando-os. Por meio de declarações recíprocas de que o outro não era verdadeiro cristão, os dois bispos criaram um cisma. Entretanto, não foram só eles que provocaram essa separação. As partes conflitantes tinham uma história de diferenças, que jazia na base desse desentendimento. O cisma foi o ato final que reconheceu essas distinções (Curtis; Lang; Petersen, 2003, p. 66).

Em 1054, após todo esse cenário conflituoso, ocorreu de fato essa ruptura, com a chamada Cisma do Oriente (Curtis; Lang; Petersen, 2003). Ocorreu a separação entre a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, localizada em Bizâncio, em Constantinopla. Apesar de compartilharem elementos doutrinários e litúrgicos semelhantes, havia divergências fundamentais, especialmente, quanto à autoridade do papa. A Igreja Ortodoxa não reconhecia a supremacia do papa, sendo liderada pelo patriarca de Constantinopla. Todavia, cada igreja atua de forma independente.

Posteriormente, outra ruptura ocorreu na igreja católica, a chamada Reforma Protestante. Sendo assim, o Cristianismo pode ser entendido em três grandes vertentes: o catolicismo (Igreja Católica Romana), a ortodoxia (Igreja Orientais ou Ortodoxas) e o protestantismo (Igrejas Protestantes). A seguir será apresentado o surgimento do protestantismo por meio da Reforma Protestante.

## **1.2 O Protestantismo: a Reforma Protestante ou as Reformas Protestantes?**

Nos séculos XIV e XV diversos papas começaram a ter seus nomes vinculados à corrupção, nepotismo, abuso de poder, entre outras condutas questionáveis. Esse período foi marcado fortemente pela comercialização das indulgências, que significava, em seu sentido mais literal, o perdão ou a misericórdia (Bascope *et al.*, 2022). O propósito da venda de indulgências era possibilitar que as pessoas comprassem o perdão e alcançassem sua salvação, que era concedida pela Igreja Católica, na figura dos papas (Bascope *et al.*, 2022). Tais fatos fizeram com que no ano de 1460 o papa Sisto IV, estabelecesse que familiares de pessoas já falecidas poderiam adquirir as indulgências para tirar a alma dessas pessoas do purgatório e assegurar-lhes a salvação (Bascope *et al.*, 2022). A Igreja Católica crescia cada vez mais por esse intermédio. Além disso, difundiu-se

a prática da simonia, caracterizada pela venda de cargos eclesiásticos, bem como a comercialização de relíquias e artefatos considerados sagrados (Bascope *et al.*, 2022).

Essas condutas suscitaram a indignação de teólogos e pensadores, que passaram a se rebelar contra a autoridade da Igreja Católica. Assim, constantemente, a Reforma Protestante é associada à figura de Martinho Lutero (1483-1546). Todavia, além dele, existiram outros reformadores e pré-reformadores que influenciaram o início do Protestantismo na Europa. Destaca-se que nenhuma dessas figuras teve como intenção inicial fundar uma nova igreja ou religião, mas sim reformar os costumes e as práticas então vigentes na Igreja Católica (Willaime, 2017).

Nesse cenário, nomes anteriores a Lutero são considerados pioneiros do movimento reformista. Entre eles podemos destacar: Pedro Valdo (1140-1218), João Wycliff (1325-1384), João Huss (1372-1415) e Jerônimo Savonarola (1452-1498)<sup>11</sup>. Pedro Valdo, comerciante residente de Lyon, na França, tinha o costume de propagar as escrituras para seus seguidores, distribuindo os textos traduzidos para a língua materna. Seus seguidores eram conhecidos como “valdenses”, identificados como “[...] o estilo de vida comunitário, ensinamento das Escrituras no vernáculo (ênfatisando o Sermão do Monte), incentivo a pregação de leigos e de mulheres e, a negação ao purgatório (Rios; Nunes, 2022, p. 123,).

Os valdenses foram expulsos pela igreja católica e condenados pelo Concílio de Verona (1184). Freitas (2024) esclarece que os valdenses eram considerados praticantes de bruxaria e hereges, tais fatos fizeram com que o grupo fosse fortemente perseguido pela igreja de Roma. Após a exclusão, os valdenses buscaram refúgio na divisa entre França e Itália, fazendo parte de um grupo de menor expressão na Itália (Freitas, 2024).

Wycliff, nascido em Yorkshire, na Inglaterra, graduou-se em Teologia e Filosofia. Tornou-se um crítico feroz das riquezas da Igreja e de práticas que considerava antibíblicas, sendo o primeiro a se referir ao papa como anticristo (Bascope *et al.*, 2022). O pré-reformador é bastante conhecido por traduzir a bíblia do latim para o inglês, democratizando o acesso às Escrituras e rompendo com a exclusividade do clero católico sobre sua leitura.

Alguns anos mais tarde, surge João Huss, nascido na Boemia, atual República Tcheca. Assim como Wycliff, era formado em Teologia e Filosofia. Huss defendia que o cabeça da igreja não era o papa, e sim, Jesus Cristo (Matos, 2011a). Também criticava a exclusividade do clero no acesso à Santa Ceia, argumentando que este deveria ser um momento acessível a todos,

---

<sup>11</sup>Alguns religiosos mencionam esses teólogos como os pré-reformadores protestantes.

especialmente aos pobres e necessitados (Bascope *et al.*, 2022). Em razão de suas críticas contundentes à Igreja, foi condenado por heresia e executado na fogueira em 6 de julho de 1415 (Bascope *et al.*, 2022).

Por fim, Savonarola, nascido em Florença, na Itália, foi executado por enforcamento, em razão de sua postura crítica em relação à Igreja, especialmente no que dizia respeito à sua conduta moral. Esses três pensadores, Valdo, Wycliff e Savonarola, podem ser considerados pré-reformadores, pois deram os primeiros passos rumo ao que mais tarde seria conhecido como Reforma Protestante. Ou, talvez, seria mais adequado falarmos em Reformas Protestantes?

A primeira Reforma Protestante, e a mais emblemática, ocorreu no século XVI, período da Idade Moderna. O nome mais conhecido, como mencionado anteriormente, é de Lutero. Inicialmente voltado à carreira jurídica, Lutero teve sua vida transformada após quase morrer em uma tempestade, fato que o influenciou profundamente a seguir a vida religiosa (Matos, 2011a). Durante sua trajetória como monge, Lutero passou a divergir de diversas práticas católicas, tais como a autoridade central no papa, rituais de purificação da alma, venda de indulgências e artefatos sagrados, aquisição de cargos por meio de pagamentos, nepotismo e abuso de poder (Mendes, 2017).

No dia 31 de outubro de 1517, Lutero afixou 95 teses na porta da Igreja de Todos os Santos na cidade de Wittenberg, na Alemanha. Em pouco tempo, seus escritos alcançaram cidades como Leipzig, Nuremberg e Basileia, provocando a fúria do papa Leão X (Budke, 2016). Ao recusar retratar-se de suas ideias, Lutero foi excomungado pela igreja católica em 1521. Durante esse período o monge traduziu a bíblia para o alemão, com o objetivo de democratizar o acesso às Escrituras e permitir que os fiéis se relacionassem diretamente com Deus, sem a mediação do clero (Mendes, 2017).

Mesmo após a sua morte, a Reforma Luterana seguiu ganhando força pela Alemanha. Esse crescimento causou inúmeras preocupações ao imperador Carlos V. Em resposta, foi realizada a Dieta de Espira, em 1526, que inicialmente tolerou a liberdade religiosa dos luteranos. No entanto, na segunda Dieta, em 1529, desistiu dessa política conciliadora, afirmando que o catolicismo continuaria estabelecido, proibindo as pregações luteranas. Tal decisão gerou uma revolta nos luteranos que fizeram protestos formais na cidade, o que gerou o nome de “protestantes”, utilizado até os dias atuais (Matos, 2011a). A partir desse momento o luteranismo foi se difundindo na Europa, principalmente em países como a Suécia, Dinamarca, Noruega e Islândia (Matos, 2011a).



Pode-se afirmar, portanto, que essa foi a primeira Reforma Protestante.

Além da reforma de Lutero, outro nome marcante foi de Ulrico Zuínglio (1484-1531), que iniciou uma reforma ainda mais radical na Suíça. As primeiras divergências que Zuínglio teve com a Igreja católica foi em relação à ingestão de carne durante o período da quaresma e à obrigatoriedade do celibato clerical - práticas que, segundo ele, não possuíam respaldo bíblico (Bascoppe *et al.*, 2022; Matos, 2011a). Conforme Bascoppe *et al.* (2022), esse movimento pode ser considerado a segunda reforma, marcada por transformações mais radicais do que as de Lutero, como no ano de 1525, em que é adotado o culto, no lugar da missa. Parecido com as ideias de Lutero, Zuínglio escreveu 67 artigos de fé na igreja de Zurique (Bascoppe *et al.*, 2022).

Matos (2011a) defende que o terceiro movimento da Reforma aconteceu em Zurique, por meio do movimento dos anabatistas, que rejeitavam o batismo infantil. Esses reformadores frequentemente interrompiam cultos e celebrações para defender suas crenças, gerando tensão dentro do movimento protestante. Outro nome importante para as Reformas é o de João Calvino (1509-1564), que nasceu na França, mas desenvolveu sua obra teológica quando foi para a Suíça. O movimento de Calvino é conhecido como calvinismo, que acredita na soberania de Deus e na predestinação, dando início “[...] às igrejas reformadas (continente europeu) ou presbiterianas (Ilhas Britânicas). Os principais países em que se difundiu o movimento reformado foram, além da Suíça e da França, o sul da Alemanha, a Holanda, a Hungria e a Escócia” (Matos, 2011a. p. 12).

Outro importante cenário da Reforma foi na Inglaterra, sob o reinado de Henrique VIII (1491-1547). O rei era muito católico e fazia diversas críticas a Lutero. Henrique VIII casou-se com sua cunhada, após falecimento de seu irmão, lhe dando uma filha mulher, o que o impedia de ter um sucessor (Matos, 2011a). Henrique solicitou ao papa Clemente VII, que anulasse seu casamento para ele se casar com outra mulher, o que não foi atendido. Diante da negativa papal, o Parlamento Inglês, em 1534, anulou o casamento e rompeu oficialmente com a Igreja de Roma, fundando a Igreja Anglicana, onde o papa não possuía autoridade. Além disso, ordenou que a Bíblia em língua inglesa fosse colocada em todas as igrejas (Curtis; Lang; Petersen, 2003). Assim se deu origem a igreja Anglicana<sup>12</sup>.

Com o passar dos anos, outras Reformas Protestantes foram ocorrendo. A Reforma na Escócia, foi liderada por John Knox (1514-1572), discípulo de Calvino e fundador do

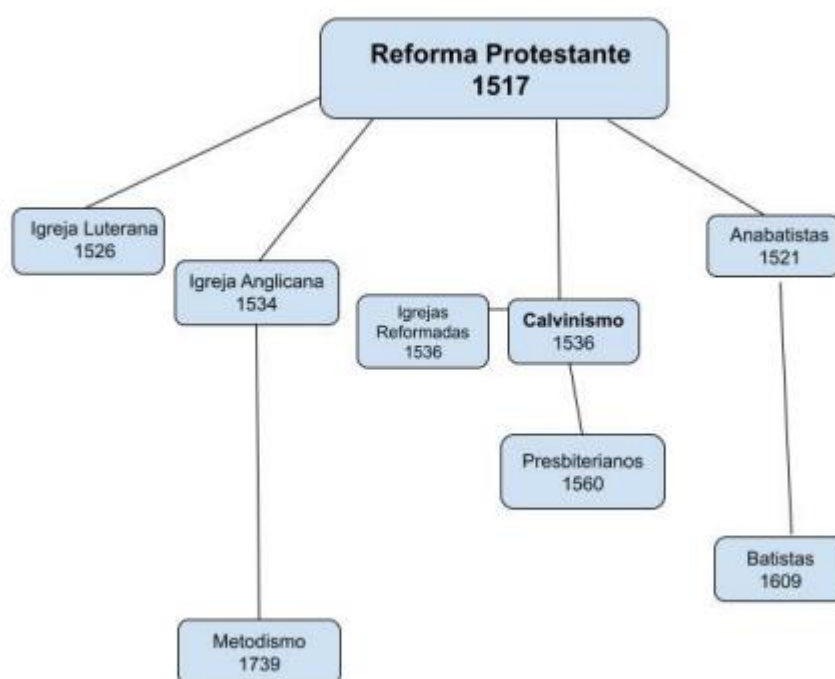
---

<sup>12</sup>Embora tenha surgido nos movimentos das Reformas Protestantes, a Igreja Anglicana apresenta características tanto católicas, quanto protestantes.

presbiterianismo. Na França, o movimento surgiu na década de 1530, pelos chamados huguenotes, mantenedores da traição de Calvino (Matos, 2011a). Nos Países Baixos, a Reforma chegou por volta de 1540. “Eventualmente, os Países Baixos dividiram-se em três nações: Bélgica e Luxemburgo (católicas) e Holanda (protestante)” (Matos, 2011a, p. 16).

A seguir, a figura 1 irá ilustrar os movimentos oriundos da Reforma Protestante:

FIGURA 1 – Origem dos movimentos oriundos da Reforma Protestante



FONTE: Freitas (2024).

Dessa forma, pode-se afirmar que as Reformas Protestantes, não tiveram propósitos, somente, de cunho religioso, mas, também, de valores morais para a época vigente e para gerações futuras. A seguir será apresentado como esses movimentos das Reformas fizeram com que o protestantismo chegasse até o Brasil.

### 1.3 O Protestantismo no Brasil e suas correntes (tradicionais/históricas, pentecostais e neopentecostais)

Historicamente, os primeiros protestantes chegaram ao Brasil durante os séculos XVI e XVII, época do período colonial, por meio das incursões de franceses e holandeses. No entanto, somente no século XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, que se abriu, de fato, as portas para a chegada legal dos primeiros protestantes no Brasil e a consequente expansão de suas igrejas (Matos, 2011b). Em 1822 “[...] é inaugurado o primeiro edifício protestante no Brasil, uma capela anglicana com atividades lideradas pelos capelães Rev. Boys e Rev. Robert Walsh. A edificação simbolizou a consolidação do anglicanismo no Rio de Janeiro” (Freitas, 2024, p. 29). Todavia, somente em 1890, com um decreto republicano que separou a Igreja do Estado, os protestantes passaram a ter reconhecimento e proteção legal.

Até então, as igrejas protestantes que se consolidaram no Brasil eram consideradas históricas/tradicionais, entre as quais destacam-se a Igreja Luterana, fundada por Martinho Lutero, em 1517, na Alemanha, e cuja primeira congregação no Brasil foi estabelecida em 1824; a Igreja a Presbiteriana, efetivada por John Knox, na Escócia, em 1560, implantada no Brasil por Ashbel Green Simonton, em 1862; a Igreja Metodista, nascida em 1739 na Inglaterra, por meio dos irmãos John e Charles Wesley, cujos primeiros missionários no Brasil foram Fountain Pitts (1835) e Justin Spaulding (1836), sendo organizada formalmente em 1867; e a Igreja Batista, formada em 1609, na Inglaterra, por John Smyth, cuja presença no Brasil iniciou-se em 1871, por intermédio dos missionários William e Anne Bagby, em São Paulo (Freitas, 2024; Matos, 2011b). Freitas (2024) comunica que os primeiros protestantes europeus que chegaram no Brasil, se estabeleceram na região sudeste, também se achegando ao sul e nordeste.

A atuação dessas igrejas no Brasil se deu em duas vertentes fundamentais: o compromisso dos missionários em propagar o evangelho e o investimento na educação. A Igreja Presbiteriana, por exemplo, possui uma universidade própria, a Faculdade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de Botafogo, no Rio de Janeiro, com origem em 1964, além de outros colégios e centros de estudos. A Igreja Metodista seguiu pelo mesmo caminho quanto ao ensino, onde podemos citar as seguintes universidades: “[...] a Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), o Instituto Bennet, no Rio de Janeiro, e o Izabela Hendrix, em São Paulo. A Universidade Metodista de São Paulo é outra instituição que consta no rol de equipamentos de ensino ligados à denominação” (Freitas, 2024, p. 33). “Da mesma maneira que os presbiterianos e os metodistas, os batistas fizeram investimentos na área da educação, abrindo alguns colégios, em menor número que os primeiros, mas não demonstraram interesse no ensino de nível superior” (Freitas, 2024, p. 33).

No século XX, emerge uma nova vertente dentro do protestantismo: o pentecostalismo. O pentecostalismo tem suas origens nos EUA, oriundo de dois movimentos marcantes. O primeiro ocorreu no estado do Kansas, na virada do século XIX para o século XX, por intermédio do pregador metodista Charles Parham (1873-1929). O segundo aconteceu em 1906, conduzido por William Seymour (1870-1922), que ficou vastamente conhecido pelo avivamento na Rua Azusa<sup>13</sup>, que ocorreu na cidade de Los Angeles, na Califórnia (Freitas, 2024). As principais características do pentecostalismo são as experiências subjetivas com o Espírito Santo<sup>14</sup> e a glossolalia<sup>15</sup>, outras também podem ser citadas como os dons de profecia, visão e revelação. Nesse sentido, seus cultos eram menos racionais, sendo tomados pelo fervor religioso (Alencar, 2023).

Pode se dizer, segundo Alencar (2023), que o pentecostalismo é dividido entre três ondas. A primeira delas seria o pentecostalismo clássico, de 1910 a 1950, marcada pela criação das duas principais denominações pentecostais no Brasil: a Congregação Cristã no Brasil (CCB) inaugurada em 1910 e a Assembleia de Deus (AD) fundada em 1911. Moreira (2019) esclarece que a CCB teve um crescimento tímido, em solo brasileiro, enquanto as AD crescem significativamente ao longo dos anos.

Freitas (2024, p. 39) elucida os seguintes pontos sobre a CCB:

A Congregação Cristã do Brasil (CCB) foi fundada em São Paulo no ano de 1910 pelo missionário italiano Luidi Franciscon. Alguns pontos tornam a doutrina da CCB um caso particular, são esses: o não reconhecimento do dízimo como prática cristã; homens e mulheres sentam-se separadamente durante os cultos – cada gênero de um lado; as mulheres não podem usar brincos, maquiagem, calça ou cortar o cabelo; durante o culto

---

<sup>13</sup>Ocorreu em um prédio que fora da Igreja Metodista Episcopal Africana, sendo marcado por milagres, curas e glossolalia. O movimento contribuiu para romper barreiras raciais, em um tempo de forte segregação racial. Alguns defendem que tal evento contribuiu para, posteriormente, o surgimento das igrejas Assembleias de Deus (Almeida, 2021). Também defendem que esse segundo momento causou mais impacto que o primeiro, em 1901, liderado por Parham. Esse início do movimento pentecostal teve como um dos influenciadores Jonh Wesley, que buscava um movimento de santidade denominado de “holiness”. O movimento holiness impulsionou a origem do movimento pentecostal.

<sup>14</sup>As igrejas pentecostais aplicam forte ênfase no batismo com o Espírito Santo, citado em alguns versículos da bíblia, como no livro de Mateus, capítulo três, versículo 11: “Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno de lavar as sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo.” (Bíblia, 1995, p. 1389).

<sup>15</sup>Alencar (2023) cita a glossolalia como a manifestação de línguas estranhas. Esse fenômeno é melhor explicado no livro de Atos dos Apóstolos capítulo dois versículos de um a quatro: “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.” (Bíblia, 1995, p. 1630).

as mulheres usam um véu sobre suas cabeças; ao final do culto os homens se cumprimentam com o ósculo santo. Notadamente é uma das denominações evangélicas que menos foi afetada pela cultura local.

Concernente às AD, principal igreja pentecostal com maior número de membros no Brasil (22,5 milhões) e no mundo, Freitas (2024, p. 39-40) afirma que

A Igreja Assembleia de Deus chegou ao Brasil por intermédio de dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, ambos de origem batista. Os dois foram influenciados pelo avivamento da Rua Azusa. A dupla, após temporada nos Estados Unidos, desembarcou em terras brasileiras em viagem missionária que deu origem à Assembleia de Deus no Brasil com fundação em 18 de junho de 1911, em Belém do Pará. Durante os primeiros sete anos, foi utilizado o nome “Missão da Fé Apostólica” em alusão ao movimento originado na Rua Azusa. Nas décadas subsequentes foram fundadas igrejas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e demais capitais das regiões sul. A Igreja Assembleia de Deus possui forte penetração nas áreas mais interioranas da região norte, estando presente nos grandes centros urbanos e, principalmente, nas periferias. A teologia das Assembleias de Deus é conversionista, isto é, com ênfase na evangelização. Mantém a tradição do batismo por imersão para adultos aprendida com os batistas e adiciona a crença na glossolalia – falar em línguas estranhas – como grande evidência do batismo no Espírito Santo, ou, batismo com fogo. Como já citado, a doutrina apreendida pelos assembleianos é classificada teologicamente como “doutrina da segunda bênção”, normalmente uma experiência posterior ao ato da conversão. Dessa forma, o fiel passa por algumas etapas: primeiro, a conversão e o arrependimento dos pecados, representados pela aceitação de Jesus como salvador; logo em seguida, o batismo nas águas e, por último (na maioria dos casos), o batismo com o Espírito Santo. Não é imprescindível seguir essa sequência, pois o batismo com o Espírito Santo pode acontecer em qualquer momento. Em suma, o foco da doutrina é a manifestação dos dons espirituais e pela busca da santificação.

Freitas (2024, p. 40) acrescenta que as AD são divididas em algumas convenções: “[...] Convenção das Assembleias de Deus no Brasil (CADB), Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), Convenção Nacional da Assembleia de Deus no Brasil (CONEMAD) e mais umas 50 convenções, pelo menos, divididas em convenções de abrangência nacional ou local”.

A segunda onda, denominada de pentecostalismo de transição, ocorreu entre as décadas de 1950 e 1980. Nesse período surgem três novas denominações que se destacam: Igreja Evangelho Quadrangular, em 1953, dirigido por Harold Edwin Willians; Igreja Evangélica Pentecostal Brasil Para Cristo, em 1956 pelo missionário brasileiro Manoel de Mello e Silva; e Igreja Pentecostal Deus é Amor, criada em 1962 pelo missionário brasileiro David Miranda (Freitas, 2024; Matos, 2011b). Alencar (2023) acrescenta que, nesse período, o batismo com o Espírito Santo e a glossolalia ficam um pouco de lado, devido a maior importância que os fiéis passaram a dar sobre os dons de cura, os cultos com recursos tecnológicos e o proselitismo, que são características da

segunda onda (Mafra, 2001).

A partir de 1980, surge a terceira onda, conhecida como o movimento neopentecostal, caracterizada pela “[...] manifestação de milagres de cura, no trabalho de libertação/expulsão de demônios e na prosperidade financeira – tudo isso em formato de testemunho de fé amplamente divulgado pelos meios de comunicação” (Freitas, 2024, p. 41). Freitas (2024) diz que o neopentecostalismo chegou ao Brasil pelo pastor missionário de origem canadense Robert McAlister, fundador da Igreja Nova Vida, em 1960, no Rio de Janeiro.

Outras denominações relevantes do neopentecostalismo incluem: a Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977, pelo bispo Edir Macedo, no Rio de Janeiro; a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980, criada pelo missionário R.R. Soares, também no Rio de Janeiro; Igreja Evangélica Cristo Vive, em 1985, estabelecida pelo apóstolo Miguel Ângelo; Igreja Apostólica Renascer em Cristo fundada em 1986 pelo casal Estevam e Sônia Hernandes, no estado de São Paulo; Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra, em 1992, originada pelo apóstolo Robson Rodovalho, em Brasília; Igreja Mundial do Poder de Deus, em 1998, formada pelo apóstolo Valdemiro Santiago, em Sorocaba, São Paulo; Igreja Bola de Neve, em São Paulo, no ano de 1999; Igreja Plenitude do Trono de Deus, também em São Paulo, firmada pelo apóstolo Agenor Duque (Freitas, 2024; Alencar, 2023). Dentre as igrejas neopentecostais, a mais conhecida é a Igreja Universal. Essas igrejas são conhecidas por propagar o evangelho por meios de comunicação, como rádios e canais de televisão.

Um aspecto notável sobre as igrejas neopentecostais, é que, com exceção da Igreja Nova Vida, todas as demais foram procedentes de líderes nacionais, não sendo subordinadas a nenhuma instituição internacional, tendo como ponto em comum a liderança de pastores carismáticos (Freitas, 2024). Freitas (2024) observa que os líderes neopentecostais nem sempre concordam com a forma de governo eclesiástico, acarretando em divergências de pensamentos. Tal fato, corrobora nas igrejas neopentecostais na busca por novos espaços, lugares, territórios, para construção de novos templos, além do foco no alcance de novos membros (Silva, 2012).

Diante desse panorama, observa-se a presença de três vertentes de maior expressão dentro do protestantismo no Brasil: as igrejas tradicionais/históricas, as igrejas pentecostais e as igrejas neopentecostais. Elas serão melhores apresentadas dentro de suas características, no quadro 1.

Quadro 1 - Principais características das igrejas tradicionais/históricas, as igrejas pentecostais e as igrejas neopentecostais.

GRUPOS PENTECOSTAIS	IGREJAS	CARACTERÍSTICAS
Tradicionais/históricas	Luteranas, Batistas, Presbiterianas e Metodistas	Essas igrejas têm como princípio os seguintes mandamentos: “existe um Deus só e três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os homens devem seguir apenas pela Palavra de Deus e, exclusivamente, como ela está revelada na Bíblia” (Bonfim Filho, 2010, p. 2). Essas são lideradas por grupos de assembleias e presbitérios, que tomam as decisões democraticamente sobre os costumes e tradições das igrejas, sem centralizar as decisões em uma figura pastoral. Além da propagação do evangelho, realizam investimento na educação (Freitas, 2024).
Pentecostais	Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor.	As igrejas pentecostais, tem algumas semelhanças com as igrejas consideradas históricas, no entanto, dão mais ênfase ao fervor religioso, a manifestação do Espírito Santo e o falar em línguas, aos dons de profecias, visões e revelações (Freitas, 2024); por vezes, deixam a racionalidade de lado, sendo levados por momentos emocionais e de misticismos. Além disso, na maioria das delas, as decisões são tomadas individualmente pelo pastor (Oliveira; 2020).

Neopentecostais	Igreja Pentecostal Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Evangélica Cristo Vive, Igreja Apostólica Renascer em Cristo e Comunidade Evangélica Sara a Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Bola de Neve e Igreja Plenitude do Trono de Deus.	Surgiram no Brasil por volta dos anos 1980, tendo a presença de muitos empresários religiosos, com forte influência dos Estados Unidos da América (EUA). Pregam, principalmente, sobre prosperidade e bens materiais; enfatizam a cura de espíritos malignos e na cura de doenças por meio de milagres; são guiadas por lideranças carismáticas; e não são tão rígidas como as pentecostais em relação às vestimentas e a padrões comportamentais. São as igrejas que mais crescem atualmente e se preocupam com a inclusão da sociedade. As igrejas neopentecostais têm se destacado pela inclusão dos seus líderes no cenário político, como os bispos Edir Macedo, Marcelo Crivella, Carlos Rodrigues, etc (Nunes, 2006).
-----------------	---	--

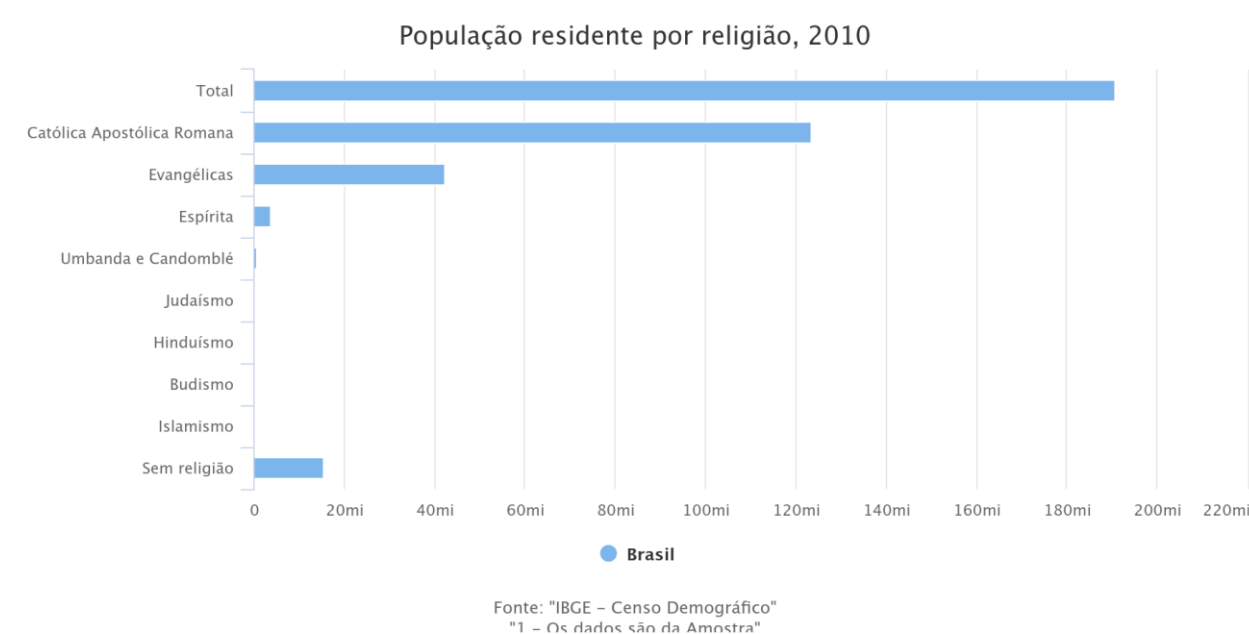
FONTE: Autores (2025).

Embora a religião católica ainda seja predominante no Brasil, observa-se um crescimento contínuo do número de protestantes. Azevedo (2020), por intermédio das informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), diz que no Brasil a religião cristã corresponde a 86,8% da população, tendo um avanço significativo dos protestantes, que já somam 22,2%. A figura a seguir, retirada do IBGE, do último censo de 2010<sup>16</sup>.

FIGURA 2 - Distribuição da população em suas respectivas religiões no censo de 2010 do IBGE.

<sup>16</sup>Não foram encontradas matérias precisas sobre dados mais atuais.





FONTE: AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião** — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%, 2020.

É possível perceber que a igreja católica permanece como a religião majoritária no país, seguida pelos protestantes, espíritas e pessoas que se consideram sem religião, além de adeptos da Umbanda e do Candomblé. A imagem indica um total de 190.755.799 milhões de habitantes naquele período. Esse quantitativo é distribuído em 123.280.172 milhões de Católicos, 42.275.440 milhões de protestantes, 15.335.510 milhões de pessoas sem religião, 3.848.876 milhões de Espíritas e 588.797 mil Umbandistas e Candomblecistas. Ainda que a imagem mencione religiões como o Judaísmo, Hinduísmo, Budismo e Islamismo, os dados apontam uma representatividade numérica insignificante naquele levantamento.

Outro dado relevante refere-se à quantidade de templos religiosos existentes no Brasil. Pinhoni e Croquer (2024) divulgam que, de acordo com o censo do IBGE de 2022, o Brasil possui 580 mil templos religiosos, ultrapassando o número de instituições de ensino (264 mil) e unidades de saúde (248 mil). O IBGE compreende como templos religiosos todos os espaços dedicados à prática da fé, incluindo igrejas, templos, terreiros e sinagogas (Pinhoni; Croquer, 2024). A religião norte é a que concentra maior número desses espaços, enquanto a região sul possui o menor número de templos religiosos.

#### 1.4 Poder pastoral: o cuidado em forma de governo

Como mencionado anteriormente, as igrejas pentecostais diferem das tradicionais/históricas em relação à maneira como a liderança governa a igreja. As tradicionais/históricas lideram democraticamente por intermédio de presbitérios. Os pentecostais centralizam o poder de decisão na figura do pastor. Oliveira (2020) observa que os pastores detêm uma considerável autoridade. Indo além, Souza (2017) cita como exemplo as AD, apontando que o poder exercido pelos pastores desta denominação é autoritário, centralizador e gerontocrático, sendo capaz de manipular e exercer forte influência sobre os fiéis.

Na década de 1970, mais precisamente durante os anos de 1977-1978, o filósofo Michel Foucault (1926-1928), em suas palestras no Collège de France, introduziu um conceito chamado de “poder pastoral” (Foucault, 2008). Antes de adentrarmos neste conceito, é necessário pensarmos como a figura de um pastor, enquanto líder religioso, pode exercer determinado tipo de poder sobre uma comunidade de fiéis. A bíblia apresenta alguns versículos sobre o ofício pastoral. O livro de 1 Pedro, capítulo cinco, versículos dois ao quatro fazem a seguinte recomendação:

Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de bom ânimo, Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E quando aparecer o Sumo a Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória (Bíblia, 1995, p. 1994).

No evangelho de João, capítulo dez, versículo 11, diz “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.” (Bíblia, 1995, p. 1592). Esses versículos indicam, de maneira preliminar, que as principais funções dos pastores estão centradas no cuidado, em alimentar e guiar as suas ovelhas. Foucault (2008) afirma que o pastorado está ligado a três aspectos fundamentais. O primeiro em levar os fiéis ao caminho da salvação, entendida pelos cristãos como a vida eterna que transcende a existência terrena. O segundo aspecto está direcionado a lei, em que cabe ao pastor apresentar as normas divinas às ovelhas e assegurar sua submissão aos mandamentos e à vontade de Deus. Por fim, o terceiro segmento do pastorado está associado à verdade, pois o pastor é também aquele que ensina e transmite a verdade revelada. Assim, o pastor atua como guia espiritual, legislador moral e mestre da verdade.

Conforme essas recomendações para o ofício pastoral, a bíblia também recomenda que os fiéis prestem obediência aos seus pastores. É o que diz o livro de Hebreus, capítulo 13 versículo 17: “Obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de prestar conta; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria

útil.” (Bíblia, 1995, p. 1923).

O poder pastoral, a qual estamos falando, surge

[...] por volta do século VI. O documento que fundamenta essa tese é a *Regula pastoralis* (Regra pastoral) ou *Liber pastoralis* (Livro pastoral), de Gregório Magno (540-604). É o texto básico da pastoral cristã, utilizado até o fim do século XVII. Trata-se de um conjunto de instruções para os pastores (bispos), destinados a governar as almas, como seres de desejos e de apetites. Foucault faz algumas citações de Gregório, nas quais transparece a ideia de que a pastoral cristã institui-se com a justificação da autoridade dos bispos, na igreja, para dirigir o rebanho de fiéis. A questão é de onde vem essa autoridade do clero, conforme Foucault e os intérpretes dele (Oliveira, 2019, p. 137).

Conforme o exposto, percebe-se que esse cuidado é mascarado por uma forma de governo perante a vida dos fiéis. O pastor cuida do rebanho visando governar os seus pensamentos, posicionamentos e condutas morais. Ruiz (2016), em consonância com Foucault, remonta o conceito de poder pastoral à figura do “rei-pastor”, presente em civilizações orientais da Antiguidade, como a Pérsia, Suméria, Assíria, Babilônia e Egito.

Esse termo utilizado por Ruiz (2016), rei-pastor, diz respeito à forma de exercício de poder que estamos discutindo. Trata-se de uma autoridade que combina cuidado e dominação, em uma relação simbólica e concreta de poder. Um exemplo recorrente no meio cristão é o ato da confissão. Confessar erros, pecados e faltas morais permite que esses relatos sejam filtrados pela liderança, servindo como um mecanismo de vigilância e controle dos valores e comportamentos cristãos (Pretes; Vianna; 2007). Essa sensação de controle e vigilância, faz com que os fiéis constantemente se sintam com sua natureza corrompida e como seres impuros. Tal fato os coloca numa incapacidade de liberdade em agir e tomar suas próprias decisões. Existindo uma relação de submissão e de controle pela liderança cristã (Oliveira, 2019).

Por fim, o poder pastoral pode ser considerado benéfico em certos contextos, especialmente para aqueles que sentem dificuldade em conduzir a própria vida moral e espiritual. Para tais indivíduos, a presença de uma liderança que ofereça orientação firme e clara pode ser vista como necessária, sobretudo quando o objetivo maior da fé cristã é alcançar a salvação, e essa meta, acreditam, pode ser facilitada pela condução de um pastor que os guie neste caminho.

#### 1.4.1 O PODER PASTORAL E O CONTROLE SEXUALIDADE

A partir da instauração do controle da confissão sobre o rebanho, essa confissão “colocou

o sexo em discurso, ao exigir do fiel que detalhasse todos os atos, falas, momentos, agentes. Quanto mais detalhada e específica fosse a confissão, melhor seria a filtragem feita pelo confessor” (Pretes; Vianna; 2007, p. 325). A partir disso, discursos de verdade foram sendo impostos sobre as práticas sociais dos fiéis, como a valorização da relação sexual monogâmica, entre pessoas de sexos diferentes e com objetivo exclusivo de procriação (Pretes; Vianna; 2007).

Desde o início da doutrina cristã, exalta-se a virgindade feminina e a castidade masculina. Enfatizava-se que o ato sexual deveria ser consumado apenas no casamento, visando a procriação e, tendo como regra, o sexo-reprodução e não sexo-prazer. Tais concepções continuam presentes na contemporaneidade, ainda que de maneira flexibilizada entre alguns praticantes do catolicismo. Apesar de a Igreja Católica manter oficialmente sua oposição às relações entre pessoas do mesmo sexo, há fiéis que relativizam essas imposições, por entenderem que a religião não deve interferir integralmente em suas escolhas pessoais (Farias, 2010).

Para uma melhor compreensão sobre como a sexualidade passou a ser controlada pelas religiões, os teólogos Ganzevoort, Olsman e Laan (2012) informam que as religiões cristãs têm levantado inúmeros debates nos ambientes eclesiásticos sobre temas de cunho social, como o aborto, a violência sexual e familiar contra a mulher, o abuso sexual e o divórcio. No entanto, os autores consideram que nenhum desses assuntos causam tanto alvoroço e divergências de opiniões como abordar questões que envolvem a sexualidade humana, principalmente no que diz respeito a orientações sexuais não heteronormativas.

Ao longo da história, distintas civilizações e religiões desenvolveram concepções diversas acerca da sexualidade. Na Grécia antiga, por exemplo, tinha-se como premissa o ato sexual em busca do prazer e da satisfação (Bonfim Filho, 2010). Em contrapartida, na religião judaica esses costumes são discriminados, pois se acredita que as relações sexuais devem estar restritas à finalidade reprodutiva. No catolicismo, essa concepção também esteve presente historicamente, levando à reprovação de todas as práticas sexuais que não visassem à procriação, inclusive a homossexualidade (Bonfim Filho, 2010).

Considerando a forma como a religião ultrapassa os limites dos templos e influencia pensamentos e atitudes no convívio social, Ogland e Verona (2014) observam o crescimento de grupos protestantes que têm se introduzido na política, buscando exercer influência de maneira conservadora, conforme os pensamentos de sua religião. Nesse contexto, os autores destacam que recentemente manifestantes protestantes passaram a organizar marchas contra a população

LGBTQIAPN+, se manifestando, também, contra a exposição de casais homossexuais nas telenovelas<sup>17</sup> e se posicionando contrariamente à educação sexual nas escolas (Natividade, 2019).

Tanto as igrejas pentecostais, quanto as igrejas históricas, são extremamente conservadoras. De acordo com Mesquita e Perucchi (2016), as igrejas pentecostais são conhecidas principalmente pelo seu conservadorismo e rigidez, repudiando a homossexualidade. Para essas autoras, a homossexualidade é observada como pecado e as pessoas homossexuais carregam o estigma de possuídas pelo demônio. Logo, para serem salvas, deveriam ser convertidas a essa religião específica, contemplada como libertadora.

Embora as igrejas pentecostais divirjam de muitos costumes do catolicismo, essas igrejas apresentam pensamento semelhante sobre a homossexualidade. Entre os três grupos de igrejas protestantes, Mesquita e Perucchi (2016) sinalizam as igrejas pentecostais como mais rígidas, conservadoras e menos inclusivas em relação aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Barreto e Oliveira Filho (2012) citam a autoridade que determinadas igrejas pentecostais buscam exercer sobre a vida dos membros, procurando estabelecer com quem e quando as pessoas devem se relacionar. Dessa forma, são discriminadas relações sexuais fora dos padrões heterossexuais, fora do casamento ou com pessoas que não compartilham da mesma fé. Em contrapartida, Pinto (2016) reforça que a condição de homossexual nas igrejas não os isenta de sentirem a presença de Deus<sup>18</sup> e serem dignos de sua misericórdia.

---

<sup>17</sup>A novela Amor à vida (2013), transmitida na Rede Globo, mostrou o primeiro beijo gay entre homens em uma novela de TV aberta. O casal adotou filhos, o que, além do beijo, causou grande repúdio do público cristão. BALBINO, Jéfferson. O beijo gay na teledramaturgia: uma visão panorâmica. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 16, n. 41, p. 382-395, 2015.

<sup>18</sup>O economista Gilberto José Nogueiro Júnior, mais conhecido como Gil do Vigor, é um dos exemplos de homossexuais que frequentam igrejas evangélicas. Em uma das conversas no Big Brother Brasil 2021, Gil relatou uma experiência com Deus: o economista expôs que independente de ser homossexual, Deus nunca deixou de falar com ele. Ele utilizou a seguinte fala sobre uma prova do líder a qual foi vencedor: “Eu quero que esses jovens vejam que eu ganhei um carro porque eu fiz uma oração no meio do intervalo e Deus me mostrou o número e eu acertei. Para eles entenderem que Deus continua falando comigo... Mesmo eu sendo bixa ou não, eu me revelando ou não, eu tomando cachaça ou não, Deus não deixa de falar comigo de jeito nenhum! [...]”. CARVALHO, Lucileine. **Gil do Vigor falando de Deus**. (1min35seg). 2021.

## 2 A HOMOSSEXUALIDADE E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A sexualidade humana tem sido, cada vez mais, objeto de intensos debates e reflexões. Ao longo da história, e ainda nos dias atuais, diversos setores buscam coibir, reprimir e controlar a sexualidade, tais como o Estado e as entidades religiosas. Pesquisar sobre a sexualidade é revisitar a história de como ela rege e interfere nas interações humanas e sua composição social (Belin; Neumann, 2020). À luz disso, é um equívoco compreender a sexualidade apenas como sinônimo de ato sexual. Este é apenas um dos múltiplos elementos que compõem a sexualidade em sua plenitude. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a sexualidade

compreende o sexo biológico, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, papéis e relacionamentos. [...] A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (World Health Organization, 2006, p. 5, tradução nossa).

Diante dessa perspectiva, Mottier (2008) acredita que a sexualidade é mais compreendida em relação aos fatores culturais e sociais, não se restringindo aos aspectos meramente biológicos. “A sexualidade é moldada por forças sociais e políticas e conecta-se a relações de poder que envolvem classe, raça e, principalmente, gênero” (Mottier, 2008, p. 2, tradução nossa). Para a autora, a sexualidade pode ser analisada em três modelos culturais: o modelo religioso, o modelo social e o modelo biológico. O modelo religioso gira em torno da moral religiosa. Ele é pautado em condutas sociais e na influência negativa pela diversidade sexual. O modelo biológico diz respeito aos aspectos físicos e de saúde. O modelo social objetiva a busca pela origem e significado dos comportamentos sexuais no que envolve a relação entre indivíduo e estruturas sociais.

Figueiró (2009) critica a redução da sexualidade a aspectos biológicos e corporais, argumentando que tal visão negligencia sua complexidade subjetiva e abrangente. Para a autora, a sexualidade não pode ser associada somente aos aspectos biológicos e/ou de genitalidade; está presente em todos os momentos da vida humana, integrando-se à construção do sujeito. Ela está ligada aos prazeres, sentimentos, afetos e relações, ultrapassando a relação sexual. Assim, a sexualidade deve ser compreendida como expressão da totalidade do ser humano.

### 2.1 Termos utilizados para se referir à homossexualidade ao longo dos anos

O que hoje conhecemos como homossexualidade já foi nomeado de diversas formas ao longo da história. Desde a Antiguidade até a Idade Média, influenciados pela moralidade cristã, as pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo, eram chamadas de sodomitas, sendo tal prática considerada um pecado nefando (Trevisan, 2018). Pretes e Vianna (2007) informam que este termo é, possivelmente, o mais antigo e mais utilizado até século XIX para se referir às pessoas que mantinha relações homoafetivas. Sua origem remonta ao texto do Antigo Testamento, do livro de Gênesis, no capítulo 19, presente na bíblia sagrada, que narra a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Segundo Mesquita (2008), essas cidades foram aniquiladas por Deus em razão das práticas sexuais consideradas pecaminosas, incluindo a homossexualidade e o sexo anal, entre homens e também entre homens e mulheres.

Complementando essa discussão, Pretes e Vianna (2007) inserem que alguns teólogos diferenciam as práticas da sodomia. Entre elas eram citadas a sodomia-perfeita, relação com penetração anal e ejaculação entre dois homens; sodomia-imperfeita, prática sexual entre homem e mulher; e a sodomia foeminarum, relação sexual entre duas mulheres (Del Priori, 2004).

No século XIX, Karl Heinrich Ulrichs, introduziu outro termo para se referir às pessoas do mesmo sexo que se relacionam entre si: o termo uranismo. A expressão tem origem na musa Urânia, da mitologia grega, a inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo, citada por Platão em “O banquete” (Fry; Macrae, 1985). Nesse ínterim, também surge o termo pederastia, consagrado na Grécia Antiga, para se referir a homens que têm relações sexuais com meninos (Trevisan, 2018). Na Grécia Antiga era considerado comum um homem mais velho ter relações sexuais com crianças do sexo masculino (Andrade, 2017). Apenas os homens eram considerados cidadãos durante aquele período, logo, eles eram os detentores do conhecimento. Por esse motivo, era costume a relação sexual entre professor e aluno, tida como forma de passagem do conhecimento (Brasil, 2002).

Em Atenas, essas relações assumiam uma estrutura definida: o homem mais velho era denominado “erastes”, sendo seu papel o de protetor, enquanto o jovem era chamado de “eromenos” e deveria obedecer e respeitar o erastes (Andrade, 2017). Os eromenos deveriam se sujeitar e respeitar os erastes. Em Esparta, quando acontecia alguma situação que colocasse os eromenos em apuros, as autoridades se direcionavam aos seus erastes, e não aos pais dos eromenos (Andrade, 2017). Segundo o mesmo autor, diversos autores da antiguidade clássica se entregavam

aos prazeres homossexuais, como Heródoto, Ateneu, Xenofonte e Platão. Naquele período, a maioria dos casamentos heterossexuais eram arranjados por famílias.

Outra cultura relevante é na Nova Guiné, entre os Baruya, onde a relação sexual entre diferentes gerações é tida como uma regra social. Essa população acredita na crença de que o esperma deriva da energia vital, de modo que os homens mais novos e mulheres deveriam ser alimentados pela ingestão de esperma de homens mais velhos (Brasil, 2002). A esse respeito, Pretes e Vianna (2007) rechaçam o que a teologia cristã condena o onanismo<sup>19</sup>, pois nessa lógica o sêmen foi elevado ao *status* de substância sagrada, ligada à origem da vida, não devendo ser desperdiçado. Nessa mesma perspectiva, também havia forte julgamento das pessoas que se masturbavam entre si ou de maneira isolada, tal fato era chamado de pecado de molície (Trevisan, 2018).

Outro termo amplamente utilizado entre os séculos XVIII e XIX foi “invertidos”, referindo-se à ideia de uma suposta inversão sexual. (Silva Júnior, 2004). Já na década de 1960, especificamente no Brasil, surge o termo “entendido”, empregada para designar pessoas do mesmo sexo que se relacionavam entre si, mas que não apresentavam os chamados “trejeitos” ou não assumiam papéis sociais considerados estereotipados, como os termos pejorativos “bicha” ou “sapatão” (Fry; Macrae, 1985).

Dentre essas múltiplas nomenclaturas, destaca-se o surgimento do termo “homossexual”, cunhado em 1879 pelo austro-húngaro Károly Mária Kertbeny (Faro, 2015). O termo passou a ganhar destaque no campo científico em 1905, quando foi republicado por Magnus Hirschfeld e Havelock Elli (Pretes; Vianna, 2007). Embora o termo homossexual seja o mais utilizado atualmente, alguns dos termos citados podem ainda ser utilizados para se referir as pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, é o caso do termo entendido, que passou a ser utilizado, em alguns casos, bem depois do termo homossexual já ter ganhado notoriedade.

É importante mencionar que, mesmo que alguns desses termos possam se referir tanto aos homens que se relacionam entre si, existem alguns termos que são mais específicos para a

---

<sup>19</sup>O onanismo surge do relato bíblico da morte de Onã, por desperdiçar o seu sêmen na terra para não engravidar a cunhada, fato que era repreendido visto que o sexo era considerado para procriação na época. “Judá, pois, tomou uma mulher para Er, o seu primogênito, e o seu nome era Tamar. Er, porém, o primogênito de Judá, era mau aos olhos do Senhor, por isso o Senhor o matou. Então disse Judá a Onã: Toma a mulher do teu irmão, e casa-te com ela, e suscita descendência a teu irmão. Onã, porém, soube que esta descendência não havia de ser para ele; e aconteceu que, quando possuía a mulher de seu irmão, derramava o sêmen na terra, para não dar descendência a seu irmão. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou. (Bíblia, 1995, p. 92).



homossexualidade feminina, tais como: lésbica<sup>20</sup>, *sapphic*<sup>21</sup>, tríbade<sup>22</sup>, viragos<sup>23</sup>, fanchonas<sup>24</sup>(Pretes; Vianna, 2007; Trevisan, 2018).

## 2.2 A homossexualidade julgada como pecado, crime e doença

Pretes e Vianna (2007) asseveram que, ao longo da história, a homossexualidade foi compreendida a partir de uma tríade opressiva: pecado-crime-doença. Antes, contudo, de adentrarmos a análise dessa tríade, é pertinente situarmos brevemente o contexto histórico das tentativas de elucidar as causas da homossexualidade. Trevisan<sup>25</sup> (2018) destaca que, por longos períodos, psicólogos, cientistas e juristas eram obcecados em buscar a causa da homossexualidade. Nesse ínterim, emergiram estudos biogenéticos sobre a teoria da homossexualidade congênita. Nos anos 1990, por exemplo, foi divulgado um estudo que “descobriu” a ligação entre homossexualidade e impressões digitais, onde em uma comparação com os heterossexuais, os homossexuais, apresentam 30% de estrias a mais na mão esquerda. Em 1995, outro estudo dizia que mulheres grávidas ansiosas, tinham filhos menos viris, sendo o estresse gestacional apontado como possível fator determinante da homossexualidade (Trevisan, 2018).

Essas suposições abriram espaços para proposições controversas sobre manipulação genética com o intuito de evitar o nascimento de crianças com supostos “desvios” de sexualidade. Em um estudo na Grã-Bretanha, 10% dos entrevistados foram a favor da manipulação genética para alterar traços homossexuais. Apesar do empenho em identificar a origem da homossexualidade, Trevisan (2008) diz que os cientistas jamais chegaram a um consenso, e que

---

<sup>20</sup>Acredita-se que esta palavra é a mais utilizada para se referir a mulheres homossexuais. “A palavra “lésbica” deriva do nome da ilha de Lesbos, onde a poeta Safo teve sua escola, a única de que se tem registro na Antiguidade voltada para a educação de moças. Safo foi elogiada por Platão como a décima musa, sendo tida como a inventora da poesia romântica. Descreveu com lirismo sua atração sensual por mulheres e conquistou respeito e admiração na sociedade extremamente machista da Grécia do século 5 A.C.” (Bacellar, 2010, p. 194-195, apud Bechtold, 2021).

<sup>21</sup>Na língua portuguesa, o termo sáfico tem origem também na poeta Safo, para expressar o amor entre mulheres (Barbosa, 2024).

<sup>22</sup>Termo de origem grega cujo significado é esfregar. Desse modo, o termo tríbade se refere às mulheres homossexuais que esfregam suas genitais entre si (Valezi, 2008).

<sup>23</sup>De acordo com o Dicionário On-line de Português (s.d), virago significa mulher que se assemelha com o gênero e hábitos masculinos.

<sup>24</sup>Termo pejorativo que já foi utilizado para se referir a mulheres com características viris e pouco femininas; o que não tem a ver com orientação sexual, mas que parte da sociedade, de forma equivocada, se apropriou para se referir a mulheres homossexuais (Dias Junior, 2020).

<sup>25</sup>Escritor, roteirista, jornalista, dramaturgo e defensor da comunidade LGBTQIAPN+.

essa busca não poderia passar de motivações preconceituosas.

Com isso, a investigação de cunho hereditário cede lugar a enfoques epigenéticos, visando compreender como a homossexualidade se manifesta com tanta frequência. Em 2016, pesquisadores norte-americanos alegaram conseguir prever, com 70% de precisão, se uma pessoa seria homossexual ou heterossexual, com base em exames de DNA. No entanto, tratou-se de mais um estudo de natureza especulativa (Trevisan, 2018).

Diante das reiteradas tentativas frustradas de explicação, a sociedade passa a adotar mecanismos de repressão e controle da homossexualidade. Inicialmente, a homossexualidade era tida como pecado, pois, como citado anteriormente, qualquer prática sexual que não tivesse o objetivo procriativo era considerado um pecado frente a Deus (Prete; Vianna, 2017). Desse modo, até meados do século XIX, a homossexualidade era considerada um pecado contra Deus e um crime contra o Estado (Prete; Vianna, 2017).

No que tange à ideia de pecado, Machado *et al.*, (2011) enfatizam que durante os séculos XI e XII as práticas sodomitas sofriam punições e que, entre os séculos XV a XIX, a igreja classificou os pecados sexuais em dois grupos:

os de acordo com a natureza (fornicação, adultério, incesto, estupro e rapto) e aqueles contrários à natureza (masturbação, sodomia, homossexualidade e bestialidade). O segundo grupo, aqueles contra a natureza, se tornava mais grave por ferir o critério de procriação, constituindo um abuso mais radical da sexualidade humana no discurso sedimentado historicamente (Torres, 2006, p. 149).

Nesse contexto, diversos países europeus, tanto de tradição católica (Espanha, Portugal, França e Itália) quanto protestantes (Inglaterra, Suíça e Holanda), nos séculos XVI, XVII e XVIII adotaram posturas severas quanto à punição em razão da homossexualidade (Trevisan, 2018).

Trevisan (2018, p. 134) relata que essas punições ocorriam

[...] desde multas, prisão, confisco de bens, banimento da cidade ou do país, trabalho forçado (nas galés ou não), passando por marca com ferro em brasa, execração e açoite público até a castração, amputação das orelhas, morte na forca, morte por fogueira, empalamento e afogamento.

O autor acrescenta que, mesmo com esse combate à homossexualidade, era uma prática comum entre os reis, artistas e generais, citando Leonardo da Vinci, Michelangelo, Caravaggio, Cellini, Shakespeare, Marlowe etc.

Durante o Brasil Colonial, ou Brasil Colônia, a homossexualidade era considerada crime, visto que as Ordenações Filipinas carregavam em seu código penal o crime de sodomia. Conforme as Ordenações Filipinas, no seu código penal de 1823, estão contidos no livro V e capítulo XIII, apud Belin e Neumann (2020, p. 6):

Toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo e pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memoria, e todos os seus bens sejam confiscados para a coroa do reino, posto que tenha descendentes: pelo mesmo caso seus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de lesa majestade.

Ainda nesse sentido, Trevisan (2018) afirma que quem não denunciasse um sodomita perderia todos os seus pertences e seria degredo perpétuo para fora do reino. Por outro lado, aqueles que denunciassem o suspeito e houvesse comprovação da prática homossexual, receberia metade dos pertences do “criminoso”. Caso essa pessoa não possuísse posses, a própria Coroa o retribuiria com cem cruzados, sendo a denúncia de modo público ou de modo privado.

Com o advento do iluminismo, emerge a ideia de que práticas homossexuais, se realizadas de forma privada e consensual, não deveriam ser punidas. Assim, em 1810, no Código Penal da França, Napoleão retira os delitos homossexuais como passíveis de punição (Trevisan, 2018). Belin e Neumann (2020) enfatizam que, com a fundação do Império, Dom Pedro I promulgou um novo código penal em que a sodomia deixa de ser considerada crime, fato que, mesmo perdendo a força da lei, a homossexualidade continuou sendo punida de formas indiretas e simbólicas.

A partir de meados do século XIX, o que anteriormente era tido como pecado, ato criminoso, desvio moral e social, passa a ser tomado como desvio psíquico e/ou biológico (Prestes; Vianna, 2018). Fry (1985) dizia que os médicos afirmavam que o “crime” merecia punição; e o que era “doença” exigia “cura” e “correção”. Em função da junção do Direito e da Medicina, os homossexuais eram vistos como sujeitos “anormais” (Prestes; Vianna, 2007). Green (2022) ressalta que as autoridades defendiam que os homossexuais deveriam ser reclusos da sociedade, pois os deixar em liberdade seria um risco coletivo. Segundo ele, havia diferenciação de tratamento conforme a classe social: os homossexuais de classes mais baixas sofriam represálias da polícia, enquanto os de classes mais ricas recebiam tratamento médicos-psicológicos ou eram encaminhados para os manicômios da época. O autor vai além, informando que se os manicômios não curarem a homossexualidade, eles funcionavam como espaços de confinamento e proteção

para os familiares e para a sociedade. Pretes e Vianna (2007) comunicaram que a medicina ocidental buscava a cura para os homossexuais por meio de diversos tratamentos: insulino**ter**apia<sup>26</sup>, eletro**cho**que<sup>27</sup>, lobotomia<sup>28</sup>, castra**ção**<sup>29</sup>, “**ter**apia da aversão<sup>30</sup>”.

Apesar da raiz etimológica ser semelhante, é preciso diferenciar os termos “homossexualidade” e “homossexualismo”, mesmo que, parte da sociedade ainda os veja como sinônimos. Na atualidade, o termo utilizado é homossexualidade, que surgiu em 1889, sendo criado pelo austro-húngaro Károly Maria Kertbeny, em correspondência com Karl Heinrich Ulrichs, o termo passa a ser adotado pela comunidade científica (Fritzen, 2021). Portanto, a homossexualidade passou a ser entendida como “[...] a orientação sexual que envolve a atração afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo [...]” (Albuquerque, 2013, p. 517).

Ressalta-se que a concepção de orientação sexual é relativamente recente. Até o século passado era comum o uso de expressões como “opção sexual” e/ou “preferência sexual”. Movimentos lutaram para clarificar que os sujeitos não escolhem ou optam para quem irão direcionar os seus desejos, o que corrobora para que o termo “orientação sexual” seja o mais adequado (Simões; Facchini, 2009). Essa questão segue sendo debatida, sobre como surge e qual a origem da orientação sexual de cada sujeito. A esse respeito, apresenta-se a seguinte indagação:

O que define a orientação sexual de uma pessoa? Do ponto de vista do conhecimento científico disponível, há pouca coisa que se possa dizer com segurança. Existem várias teorias biológicas, psicológicas e sociológicas acerca de qual seria o fator determinante da orientação sexual, mas não há, até agora, nenhum estudo conclusivo. Nem mesmo se pode afirmar que a orientação sexual seja algo que se consolide e se fixe definitivamente em um determinado período da vida para todas as pessoas, embora isso venha a ser relatado com grande frequência (Simões; Facchini, 2009, p. 31).

Embora na contemporaneidade a homossexualidade não seja vista como patologia, o percurso histórico para essa conquista foi longo. O primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), publicado no ano de 1952, incluiu a homossexualidade como

---

<sup>26</sup>Tinha o objetivo de levar ao choque hiperglicêmico levando a pessoa ao coma (Green, 2022).

<sup>27</sup>Uma das práticas utilizadas na época, principalmente nos EUA a partir de 1935 (Green, 2022).

<sup>28</sup>Retirada de uma das partes do lóbulo frontal.

<sup>29</sup>A castração pode ter outros significados, a depender da área. No caso da homossexualidade, a castração referida como forma de tratamento seria a retirada dos órgãos genitais.

<sup>30</sup>“O paciente seria sujeito a náusea quimicamente induzida, ao mesmo tempo em que vê numa tela a fotografia de um homem nu. Ao se recuperar da náusea, e ao se sentir mais tranquilo e contente, aparecia uma fotografia de uma bela mulher.” (Fry; Macrae, 1985, p. 8).

patologia, diagnóstico que permaneceu até a segunda versão no ano de 1968 (Macedo, 2018). Somente no ano de 1973, essa categoria é desconsiderada pela Associação de Psiquiatria Americana (APA), sendo excluído do DSM. No ano de 1974, o DSM é revisto e a homossexualidade já não se enquadra na categoria de desordem. No entanto, ainda apresentava nomenclaturas pejorativas, visto que é citada a categoria de “perturbação da orientação sexual” “sendo listados os seguintes desvios: ‘homossexualidade’, ‘fetichismo’, ‘pedofilia’, ‘travestismo’, ‘exibicionismo’, ‘voyeurismo’, ‘sadismo’, ‘masoquismo’, ‘outros desvios sexuais” (Nascimento; Lima; Martinez-Ávilla, 2020).

Em 1980, com o lançamento do DSM III, o termo para se referir à homossexualidade foi “homossexualidade ego-distônica” dentro de “outros transtornos psicosssexuais” (Nascimento; Lima; Martinez-Ávilla, 2020). A homossexualidade ego-distônica se referia às pessoas que, de certo modo, apresentavam desconforto com sua própria orientação sexual (Silva; Ravello; Lemke, 2020). Nas edições seguintes, a homossexualidade não é mencionada como transtorno, porém havia os “transtornos de identidade sexual e de gênero”, no DSM IV e, por fim, o DSM V, no que se refere à sexualidade e gênero, “[...] fragmentou o capítulo Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero dando origem a três novos capítulos: Disfunções Sexuais, Disforia de Gênero e Transtornos Parafilicos” (Nascimento; Lima; Martinez-Ávilla, 2020, p. 12).

Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou que a homossexualidade não deve ser conceituada como doença, sendo assim, excluindo qualquer possibilidade de cura (Farias, 2010). Além disso, o CFP (1999, p. 2) afirma que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”. Portanto, atualmente, a homossexualidade não é considerada patologia pelo DSM, pela OMS e pelo CFP.

### **2.3 Cisheterossexismo, cisheteronormatividade, heteronormatividade**

Dando continuidade à discussão sobre os conceitos que buscam moldar e controlar os comportamentos sexuais da sociedade, apresentaremos três conceitos fundamentais: cisheterossexismo, cisheteronormatividade e heteronormatividade. A começar pelo cisheterossexismo, que pode ser entendido por

[...] um sistema de opressão e preconceito institucional, ou seja, o conjunto de acordos e prescrições sociais que constituem uma política de controle e regulam a manifestação da

sexualidade, de modo que todas as pessoas pautem suas vidas conforme o modelo da heterossexualidade e da cisgeneridade (Costa *et al.*, 2023, p. 67).

Frente ao cisheterossexismo, observa-se a necessidade de outros instrumentos que o sustentam, como a heterossexualidade compulsória e a cisheteronormatividade. A cisheteronormatividade pode ser compreendida, como uma naturalização e como norma das pessoas se relacionarem afetivo-sexualmente, exemplo de uma mulher cisgênero com um homem cisgênero, perpetuando, assim, o binarismo de gênero masculino-feminino (Costa *et al.*, 2023). A cisheteronormatividade é “[...] naturalizada de tal modo que suas regras se tornam culturalmente impostas visando produzir, desde a infância, corpos e subjetividades para que estes sejam cisgêneros e heterossexuais, infringindo punições contra aqueles/as que a subvertem” (Rosa, 2020, p. 100).

Convém destacar que o cisheterossexismo e a cisheteronormatividade dialogam diretamente com o conceito de heteronormatividade, que se refere a práticas e estruturas sociais que centralizam e privilegiam as relações heterossexuais como “naturais”. A heteronormatividade ocorre diante da

[...] marginalização, perseguição, repressão e conformação por práticas sociais, crenças ou políticas que se referem especificamente à sexualidade e ao gênero dos indivíduos, tratando a heterossexualidade como uma prática intrínseca e natural ao ser humano e qualquer desvio como antinatural e passível de perseguição, correção e destruição. (Rosa, 2020, p. 63).

Nesse sentido, a heteronormatividade pode ser compreendida como um mecanismo de regularização de padrões que reconhece exclusivamente a heterossexualidade como a única orientação sexual legítima. Ou seja, esse conceito está atrelado à ideia de que apenas são consideradas corretas as relações entre pessoas de sexos diferentes, e todas as outras orientações sexuais são alvo de discriminação. As igrejas protestantes, sobretudo as de vertente pentecostais, reproduzem discursos heteronormativos, posicionando a heterossexualidade como norma e concebendo a homossexualidade como algo inaceitável ou fora da realidade desses espaços (Natividade, 2019).

Percebe-se que, embora distintos em suas definições, os conceitos de cisheterossexismo, cisheteronormatividade e heteronormatividade possuem significativa interseção, ultrapassando relações de gênero e de como as pessoas se relacionam, para relações de opressão, controle e poder, destinado às minorias sexuais e de gênero. Essa lógica se revela, por exemplo, quando casais

pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, são questionados sobre quem é o homem ou mulher da relação, demonstrando que, mesmo em relações não-heterossexuais, persiste a expectativa de que haja a reprodução de papéis sociais cisgêneros e heteronormativos, o que aniquila outras formas de afeto e relacionamento, especialmente aquelas mais igualitárias e diversas em termos de sexualidade (Costa *et al.*, 2023).

As minorias sexuais e de gênero dizem respeito às “populações cuja orientação sexual ou identidade de gênero e o desenvolvimento reprodutivo são considerados fora das normas culturais, sociais ou fisiológicas” (Descritores em Ciências da Saúde, 2017, p. 1). Assim, os conceitos aqui trabalhados contribuem para constituição de um sistema social excludente, que frequentemente patologiza identidades sexuais e de gênero em sua pluralidade (Freitas, 2019).

#### **2.4 HIV/AIDS: câncer/peste gay?**

Retomando o contexto daquilo que é considerado doença/patologia, a comunidade LGBTQIAPN+ marcada por estigmas relacionados a tudo aquilo que se distancia do que é considerado “normal” ou “natural”. Esse estigma foi intensificado com o surgimento da epidemia do HIV, vírus causador da AIDS (Belin; Neumann, 2020).

Os primeiros casos notificados de AIDS ocorreram nos EUA, por volta de 1980, afetando, majoritariamente grupos já historicamente marginalizados, como “negros, gays, transexuais, travestis, usuários de drogas injetáveis (UDI) e profissionais do sexo” (Vásquez; Gomes, 2021, p. 28).

Trevisan (2018) salienta que a doença já havia acometido pessoas no Brasil desde 1982, no estado de São Paulo, embora esses casos não fossem divulgados de forma abrangente. A maior parte dos diagnósticos iniciais envolvia homens homossexuais, o que levou à criação e circulação de termos pejorativos como “câncer gay” ou “peste gay” (Trevisan, 2018). Ademais, editoriais da época chegavam a propagar frases como: “Quando houve a peste suína no Brasil, a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, a solução tem que ser a mesma: erradicação dos elementos que podem transmitir a peste gay” (Trevisan, 2018, p. 431). Tal posicionamento explicita o quanto os discursos sociais da época eram impregnados de ódio e extermínio dirigidos às pessoas homossexuais. Rodrigues (2019) relata que, diante desse cenário, muitos homossexuais foram expulsos de seus lares, foram demitidos de seus empregos e privados

do acesso a serviços médicos e medicamentos.

FIGURA 3 - Cartaz da campanha de prevenção da AIDS do Ministério da Saúde, de 1987

**AMOR  
NÃO  
MATA.**

A Aids está atrapalhando o amor de muita gente. Por pura falta de informação. Você mesmo deve andar preocupado com isso. Todo mundo está. Aids é uma doença perigosa, traiçoeira e até agora incurável. É transmitida através do esperma, da secreção vaginal e do sangue infectados. Portanto, principalmente através do ato sexual. Mas é bom você saber que Aids não se pega através de um abraço, de um aperto de mão, de uma carícia. E você pode manter relações sexuais com segurança utilizando preservativo de borracha. A camisinha. Converse com seu parceiro. Faça o possível para manter a Aids longe de você. Previna-se. Mas não esqueça que as pessoas, os sentimentos e a alegria de viver devem estar acima de qualquer mal. E que, no caso da Aids, morre-se por descuido ou falta de informação. Nunca por amor.

**AIDS**  
VOCÊ PRECISA SABER EVITAR.

**MINISTÉRIO DA SAÚDE**  
Governo José Sarney

FONTE: VIEIRA, William. Linha do tempo dos direitos LGBT conquistados no Brasil e no mundo. **Revista Gama**. 2020.

Adentrando na década de 1990, observou-se uma mudança no perfil epidemiológico do HIV/AIDS: os homens homossexuais deixaram de ser o grupo majoritário afetado, e os casos



passaram a crescer entre mulheres heterossexuais e monogâmicas, homens heterossexuais e recém-nascidos (Teixeira *et al.*, 2022). Foi a partir desse momento, quando se compreendeu que não apenas a população homossexual era acometida, que a comunidade científica passou a se mobilizar mais intensamente na busca por estratégias de combate à epidemia. Nesse contexto, destaca-se o desenvolvimento da terapia antirretroviral por meio do chamado “coquetel”, que resultou em uma redução de 50% dos óbitos (Trevisan, 2018). Paralelamente, as medicações passaram a ser disponibilizadas de forma gratuita nos postos de saúde, consolidando um avanço significativo no enfrentamento da epidemia no Brasil (Varella; Oliveira, 2023).

## **2.5 A Revolta de *Stonewall*: movimento precursor da visibilidade homossexual**

A luta pelos direitos, justiça e dignidade das pessoas homossexuais teve um dos marcos mais representativos no ano de 1969, conhecido como a “Revolta de *Stonewall*”. *Stonewall Inn*, foi um bar fundado na cidade de Nova York, nos EUA, em 1967, se tornando uma espécie de templo da homossexualidade naquela região (Apolinário *et al.*, 2019). O bar era frequentado por gays, lésbicas, travestis e *drag queens* nos EUA. Em 28 de junho de 1969, a polícia local invadiu o estabelecimento praticando atos de violência direcionados aos frequentadores do ambiente (Belin; Neumann, 2020). Essa invasão ocorreu fora dos horários combinados com a máfia, pois os policiais recebiam propinas para fazer a ronda da região, sob a justificativa de que o local não possuía licença para a comercialização de bebidas alcoólicas (Apolinário *et al.*, 2019).

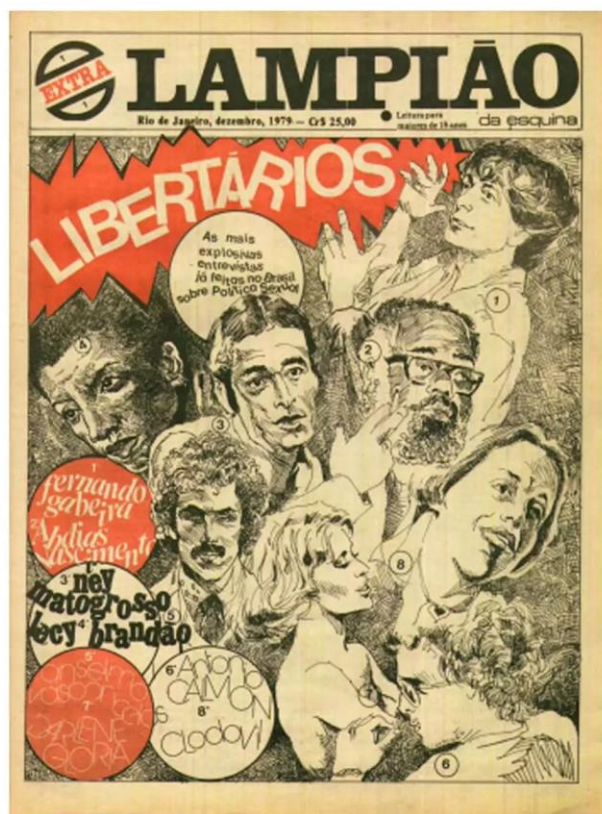
Tal ação policial gerou imediata repulsa, coincidindo em resistência e enfrentamento a violência institucionalizada que recaía sobre aqueles corpos dissidentes (Tagliamento, 2020). À medida que a notícia da repressão se espalhava pela cidade, gays e lésbicas presentes no bar começaram a arremessar objetos contra os policiais gritando “poder gay” (Rodrigues, 2019). Essa rebelião, com protestos e manifestações públicas, durou cerca de seis dias (Belin; Neumann, 2020). Ao todo, aproximadamente 13 pessoas foram presas nessa data, considerada como a noite que deu início ao movimento gay nos EUA (Apolinário *et al.*, 2019).

Na noite seguinte, a comunidade voltou ao local da rebelião com aproximadamente 2.000 pessoas e cerca de 300 policiais. Um ano após o ocorrido, 10.000 pessoas se reuniram em Nova York para celebrar a data, dando início as passeatas gays que passaram a ocorrer em diversos países. Destaca-se, nesse sentido, a passeata ocorrida em São Paulo no ano de 2011, reunindo cerca

de quatro milhões de pessoas (Silva, 2016).

A partir da Revolta de *Stonewall*, alguns movimentos começam a surgir no Brasil, por volta de 1970, período em que a Ditadura Militar estava em seu auge, o que suprimiu a comunidade de ter um embate direto contra o Estado (Belin; Neumann, 2020). Como estratégia de resistência, optou-se inicialmente pela disseminação de informações sobre questões sociais, sexuais e educacionais, culminando na criação do jornal o Lâmpião da Esquina e no movimento lésbico com o grupo “Chanacomchana”, composto por mulheres homossexuais (Belin; Neumann, 2020). Belin e Neumann (2020) acrescentam que, de fato, a luta inicial no Brasil passou a ocorrer quando a população expulsou um grupo de mulheres lésbicas de um bar chamado Ferro’s, em São Paulo, o que impulsionou a união de diversos coletivos de resistência LGBTQIAPN+.

FIGURA 4 - Capa da Edição Zero Do Jornal O Lâmpião Da Esquina



FONTE: VIEIRA, William. Linha do tempo dos direitos LGBT conquistados no Brasil e no mundo. **Revista Gama**. 2020.

FIGURA 5 - Primeira publicação do Jornal Chanacomchana



FONTE: VIEIRA, William. Linha do tempo dos direitos LGBT conquistados no Brasil e no mundo. **Revista Gama**. 2020.

## 2.6 O movimento homossexual no Brasil: luta, justiça e dignidade homossexual

Durante o regime da Ditadura Militar, conforme já mencionado, o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) encontrava-se oprimido e buscava alternativas para fortalecer suas iniciativas políticas e sociais. Nesse contexto, em 1978, surge o jornal *Lampião da Esquina*, que



esteve em circulação entre os anos de 1978 a 1981, considerado o “porta-voz dos homossexuais brasileiros” (Ferraz, 2017; Trevisan, 2018). Esse periódico configurava-se como uma ferramenta de denúncia, expondo as violências sofridas pela população homossexual da época. Em consonância com o discutido na seção anterior, o grupo Chanacomchana, fundado em 1981, frequentava o bar Ferro’s, e, em 1983, essas mulheres fizeram um ato político contra o fim da proibição do jornal *Lampião da Esquina*, que era proibido de ser comercializado. Tal episódio ficou conhecido como “*Stonewall brasileiro*”, marcando o dia 19 de agosto como o dia do orgulho lésbico no estado de São Paulo (Ferraz, 2017).

FIGURA 6 - Stonewall brasileiro: ato político contra a pressão policial



FONTE: VIEIRA, William. Linha do tempo dos direitos LGBT conquistados no Brasil e no mundo. **Revista Gama**. 2020.

Trevisan (2018) reforça que, em 1979, seguia a perseguição ao *Lampião da Esquina*. As bancas de jornais eram bombardeadas com panfletos anônimos, exigindo que não fossem vendidos alguns jornais alternativos, dentre eles, citando o próprio *Lampião*. Das 38 capas do jornal, 20 delas faziam alusão às violências e denúncias de abusos contra homossexuais, evidenciando a relevância de sua atuação (Silva-Júnior, 2019). O jornal encerrou suas atividades no ano de 1981, por diversas

questões, tais como financeiras, e até pressões políticas e sociais. O jornal atuava de forma independente, sem patrocinadores. Além disso, o jornal ainda sofria repressão e censura, por a sociedade da época ser bastante conservadora. Tais fatos fizeram com que os editores dessem encerramento ao jornal, alegando cansaço e conflitos internos entre Aguinaldo Silva, no Rio, e Trevisan, em São Paulo, duas das personalidades mais influentes entre os membros (Quinalha, 2021).

Carneiro (2015) salienta que é consenso no MHB acerca de dois eventos fundantes e interligados: o nascimento do jornal *Lampião da Esquina* e a criação do grupo *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*, ambos instituídos, em 1978. O grupo *Somos* era basicamente composto por homens homossexuais e mulheres lésbicas considerado o precursor na luta pelos direitos da comunidade. Inicialmente, o grupo era composto somente por homens. No ano seguinte à sua fundação, em 1979, o grupo passou a aceitar mulheres lésbicas (Trevisan, 2018).

Ainda nesse cenário, impulsionadas pelo ambiente político fomentado pelo grupo *Somos*, as mulheres lésbicas criam o seu próprio grupo, denominado de *Grupo de Ação Lésbica-Feminista (GALF)*. Após dissensões internas, o grupo *Somos* encerrou suas atividades em 1982 (Carneiro, 2015).

A interligação entre o *Lampião da Esquina* e o grupo *Somos* é evidenciada pela participação de João Silvério Trevisan em ambos (Carneiro, 2015). Simões e Facchini (2009) observam que nas publicações do *Lampião da Esquina* sempre eram feitas menções às lutas do grupo *Somos* e do *Grupo Somos* na comercialização e propagação do *Lampião da Esquina*.

A influência do *Somos* reverberou em todo o país, promovendo o surgimento de novos movimentos, como o *Triângulo Rosa*, no Rio de Janeiro, e o *Grupo Gay da Bahia (GGB)*, no Nordeste (Santos, 2024). Facchini (2002) acrescenta outros movimentos como *Movimento de Gays e Lésbicas (MGL)*, *Homens que fazem Sexo com Homens (HSH)*, *Mulheres que fazem Sexo com Mulheres (MSM)*, *Gays, Lésbicas e Travestis (GLT)*, *Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (GLBT)*, entre outros.

Dentre os movimentos mencionados, o *GGB* pode ser considerado um dos mais relevantes. Trevisan (2018) destaca que o grupo, fundado em 1980, foi possivelmente o primeiro a se registrar como sociedade civil, em 1983. A atuação do *GGB* foi tão impactante que, em 1981, liderou

[...] uma campanha nacional para que o Ministério da Saúde não mais adotasse o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, debaixo do qual se incluía o homossexualismo como “desvio e transtorno sexual”. A campanha recebeu o apoio de

entidades como a Associação Brasileira de Psiquiatria e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), além de numerosas personalidades e 353 parlamentares de todo o país. O debate chegou inclusive à Assembleia Legislativa de São Paulo, onde a deputada Ruth Escobar, autora da vitoriosa moção de aprovação ao documento do GGB, sofreu violento ataque de setores conservadores e chegou a desmaiar no auge dos debates parlamentares. No começo de 1985, e certamente em função das pressões, o Conselho Federal de Medicina finalmente acedeu, passando o homossexualismo para o código 206.9, debaixo da denominação “outras circunstâncias psicossociais” — juntamente com o desemprego, desajustamento social e tensões psicológicas (Trevisan, 2018, p. 362).

Trevisan (2018) também ressalta a atuação combativa do GGB contra práticas discriminatórias, especialmente no que tange aos psicólogos alinhados a ideologias pentecostais que defendiam a “cura” da homossexualidade. Essa luta culminou na promulgação da Resolução nº 1, de 1999 do CFP, que reafirma que a homossexualidade não constitui doença, perversão ou distúrbio. Uma crítica contundente feita por Trevisan (2018) é que, em pleno século XXI, a única forma de levantamento estatístico disponível dos assassinatos da população LGBTQIAPN+ é por meio dos relatórios anuais do GGB desde 1980 até os dias atuais.

Simões e Facchini (2009) propõem uma divisão histórica do movimento político em torno da homossexualidade em três “ondas” ou “fases”. A

“primeira onda”, no período que corresponde ao final do regime militar, a chamada “abertura política,” de 1978 em diante, quando floresceram os primeiros grupos articulando homens e mulheres homossexuais, dos quais o Somos, de São Paulo, se tornou uma espécie de paradigma. Em seguida, focalizamos uma “segunda onda”, durante a redemocratização dos anos 1980 e a mobilização em torno da Assembleia Constituinte, que coincidiu com a eclosão da epidemia do Hiv-Aids, quando se desenharam as condições de institucionalização do movimento. Depois, tratamos de uma “terceira onda”, a partir de meados dos anos 1990, em que a parceria com o Estado, gestada no período anterior, se consolida e dá impulso à multiplicação de grupos ativistas, promovendo a diversificação dos vários sujeitos do movimento na atual designação LGBT, a formação das atuais grandes redes regionais e nacionais de organizações, e a consagração das Paradas do Orgulho LGBT, paralelamente ao crescimento do mercado segmentado voltado à homossexualidade (Simões; Facchini, 2009, p. 14).

Os mesmos autores escreveram o livro “Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT”, apresentando, de forma resumida, a cronologia de algumas siglas referente às identidades de gênero e orientações sexuais, e seu percurso histórico:

Até 1992, o termo usado era “movimento homossexual brasileiro”, às vezes designado pela sigla MHB, e os congressos de militância eram chamados de “encontros de homossexuais”. O termo “lésbicas” passou a ser usado no Encontro de 1993, enquanto a denominação “gays e lésbicas” foi empregada no Encontro de 1995. Nesse ano foi criada a ABGLT, com o nome de Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, que, muito

recentemente, passou a se denominar Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mantendo, porém, a sigla original. O termo “travestis” foi acrescentado a “gays e lésbicas” no Encontro de 1997, e os termos “bissexuais” e “transexuais” foram incluídos no Encontro de 2005, quando se formaram também as respectivas redes de associações nacionais desses segmentos (Simões; Facchini, 2009, p. 15).

Durante a década de 1990, em função de uma lógica mercadológica e do surgimento de diversos eventos voltados à comunidade, o termo gays, lésbicas e simpatizantes (GLS<sup>31</sup>), foi ganhando notoriedade. No entanto, o “s”, de simpatizantes, mais excluía do incluía, sendo pouco ou quase nada inclusivo, não representando pessoas bissexuais, transgêneros, transsexuais e travestis. Em 2005, foi realizado o XII Encontro de gays, lésbicas e transgêneros, em Brasília, foi lançado o coletivo de transexuais, fazendo com que a sigla passasse a ser GLBT, com o “t” contemplando travestis, transexuais e transgêneros (Simões; Facchini, 2009).

Contudo, nos anos 2000, o termo GLBT, que foi se consolidando, não agradava à comunidade lésbica, que busca maior representatividade dentro do movimento. Essa sequência, desagrava Marinalva Santana, militante da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) (Ciscati, 2019). Foi então que, em 2008, na Conferência Nacional GLBT, em Brasília, ocorreu uma mudança para dar mais voz e visibilidade às mulheres, onde, ao invés de utilizar o termo GLBT, ocorreu a mudança para LGBT, representando lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transsexuais e travestis (Loureiro, 2008).

É importante evidenciar que, segundo Bortoletto (2019), a sigla continua em constante evolução, buscando ampliar sua capacidade inclusiva, acompanhando a pluralidade das identidades e orientações sexuais. Em consonância, Castro (2023) observa que, nos últimos anos (2019-2023) incluíram pessoas *quer*, interssexuais, assexuais/arromânticas/agêneros, pansexuais/polissexuais e não binárias, além do sinal de “+” para todas as outras letras que englobam a orientação sexual e identidade de gênero, formando a sigla LGBTQIAPN+, a mais utilizada atualmente e mais abrangente, segundo Castro (2023). A ABGLT teve sua origem com 31 grupos e, atualmente, 237 organizações estão afiliadas, tornando-se, na América Latina, a maior rede da comunidade LGBTQIAPN+ (Jesus, 2012).

## 2.7 O crescimento da população homossexual no Brasil

---

<sup>31</sup> Sigla atribuída por André Fischer na década de 1990, mais precisamente em 1994 (Simões; Facchini, 2009).

Questionar o suposto aumento da população LGBTQIAPN+, nos causa ressalvas e preocupações. Na realidade, não se trata de um crescimento quantitativo dessa população, mas sim do advento de uma maior visibilidade, reconhecimento social e, ainda que de forma gradual, garantia de direitos civis e humanos e conquistas pelas quais a luta persiste, com vistas a beneficiar as gerações futuras. É o que garante o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) na sua resolução n.º 175/2013, que “dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas do mesmo sexo” (Conselho Nacional de Justiça, 2013, p. 1). Esta normativa reforça e regulamenta a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que, em maio de 2011, reconheceu a união estável entre casais homoafetivos como entidade familiar. Na prática, tal reconhecimento estende aos casais do mesmo sexo os mesmos direitos garantidos aos casais heterossexuais, como acesso à pensão por morte, aposentadoria, inclusão em planos de saúde, entre outros benefícios legais.

Com o intuito de fortalecer as decisões já consolidadas pelo STF, o CNJ determinou, por meio da referida resolução, que nenhuma autoridade competente poderá se recusar a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo, sob pena de sanções administrativas. Em consonância com esse avanço, no dia 28 de junho de 2011, marcado como o dia Internacional do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual, aconteceu o primeiro casamento homoafetivo no Brasil, na cidade de Jacareí, no Estado de São Paulo (Scorsolini-Comin, 2011).

A liberdade de expressão das identidades sexuais e de gênero tem, progressivamente, ganhando maior visibilidade e um certo grau de respeito social, resultado de décadas de mobilização, enfrentamentos e conquistas da comunidade LGBTQIAPN+. Todavia, ainda que haja um posicionamento favorável do CNJ em prol da livre manifestação dessas identidades, não se pode afirmar que essa liberdade se manifesta de forma plena ou generalizada. O Brasil continua sendo o país mais violento do mundo para a população LGBTQIAPN+ (Grupo Gay da Bahia, 2025). Apesar dos avanços conquistados, a trajetória ainda é marcada por resistência, dor e desafios contínuos. Contudo, observa-se um crescente reconhecimento social da comunidade LGBTQIAPN+, o que se manifesta, entre outras formas, na multiplicação de eventos e datas comemorativas alusivas às suas lutas e direitos. Destacam-se: o Dia Nacional da Visibilidade Trans (29 de janeiro), Dia Internacional da Visibilidade Trans (31 de março), Dia Internacional de combate à Homofobia (17 de maio), Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ (28 de junho), Dia



Nacional da Visibilidade Lésbica (29 de agosto), Dia da Visibilidade Bissexual (23 de setembro), Dia da Visibilidade Intersexual (26 de outubro), Dia da Solidariedade Intersexual (8 de novembro), Dia da Pansexualidade (8 de dezembro), entre outros (Secretaria de Justiça e Cidadania, 2021).

Essa visibilidade da população LGBTQIAPN+, frequentemente mal interpretada como crescimento demográfico, varia conforme as fontes e critérios utilizados. Tokarnia (2022), jornalista da Agência Brasil, comunica que em 2019 o IBGE realizou uma pesquisa inédita, que investigou a autodeclaração de homossexuais e bissexuais no Brasil. Os dados apontaram que 2,9 milhões de brasileiros com 18 anos ou mais se identificam como lésbicas, gays ou bissexuais. Ressalta-se, porém, que esta foi a primeira vez em que tais informações foram oficialmente coletadas, fato que por si só representa um marco histórico. Os dados serão melhores apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Orientações sexuais segundo pesquisa do IBGE no ano de 2019.

<b>Orientação sexual no Brasil</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Quantidade</b>
Heterossexuais	94,8%	150,08 milhões
Homossexuais	1,2%	1,8 milhões
Bissexuais	0,7%	1,1 milhões
Não souberam responder	1,1%	1,7 milhões
Se recusaram a responder	2,3%	3,6 milhões

FONTE: Adaptado da Agência Brasil que coletou dados do IBGE. (Tokarnia, 2022).

A pesquisa complementa que a população homossexual e bissexual é maior entre pessoas de nível superior, de maior renda e com idade entre 18 e 19 anos. Ainda assim, o próprio IBGE destaca que esses números podem estar significativamente subnotificados, em virtude do preconceito ainda existente, que inibe muitas pessoas de revelarem sua orientação sexual por medo, insegurança ou rejeição social.

Como mencionado anteriormente, o GGB realiza um observatório a cada ano sobre as mortes violentas da comunidade de forma anual. No ano de 2024, o Brasil continuou liderando o *ranking* de homicídios e suicídios da população LGBTQIAPN+ no mundo. Os registros do GGB computaram 291 mortes violentas. Esse número superou o ano anterior que teve 257 mortes. O aumento equivale a 8,83% em relação ao ano anterior. Esse quantitativo expressa que ocorre uma

morte a cada 30 horas. Esse quantitativo incluiu 273 homicídios e 18 suicídios. Além das 291 mortes, há 32 que ainda estão sendo investigadas. Em casa de validação, ocorrerá um aumento para 323 mortes (Grupo Gay da Bahia, 2025).

As pesquisas do GGB são realizadas por financiamento próprio e de forma independente. Posto isso,

A pesquisa do GGB baseia-se em informações coletadas na mídia, em sites de pesquisa na internet e em correspondências enviadas à ONG. É importante destacar que lastimavelmente, apesar de nossas cobranças anuais, os governos continuam omissos: não existem estatísticas oficiais específicas sobre crimes de ódio contra a população LGBT+ no Brasil, o que torna essa pesquisa do GGB essencial para visibilizar essas tragédias, embora reconhecendo que esses dados sejam subnotificados devido à falta de financiamento público para tal pesquisa. Essas 291 mortes violentas de LGBT+ são apenas a ponta de um iceberg de ódio e sangue! (Grupo Gay da Bahia, 2025, p. 2).

Quadro 3 - Mortes da comunidade LGBTQIAPN+ em 2024

Gênero e Orientação sexual	Quantidade	Porcentagem
Gays	165	56,70%
Travestis/Trans	96	32,99%
Lésbicas	11	3,78%
Bissexuais	7	2,41%
Homens trans	6	2,06%
Heterossexual <sup>32</sup>	6	2,06%
Total	291	100%

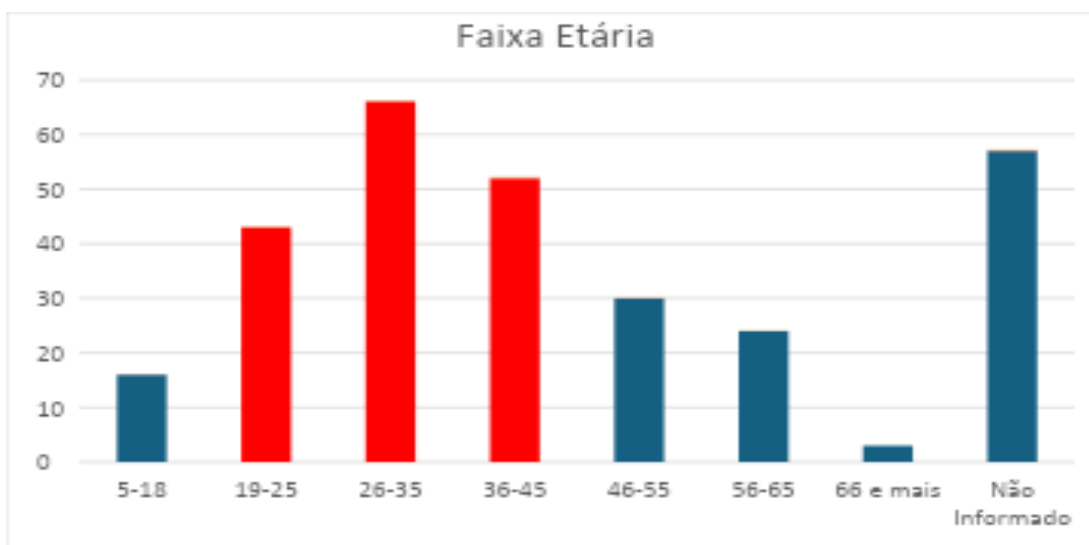
FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil, Grupo Gay da Bahia, 2025.**

Um dos casos mais cruéis das mortes mencionadas foi do homossexual Admilson Julião Martins, (Maia), de 53 anos, em Caruaru (PE). Admilson foi degolado, tendo seu coração removido e substituído por uma pedra (Grupo Gay da Bahia, 2025).

Quanto faixa etária dos óbitos, a figura 7 apresenta os seguintes dados coletados:

<sup>32</sup> Os heterossexuais foram inseridos nessa categoria por terem sido vítimas de homotransfobia, ao serem confundidos como membros da comunidade, por estarem de forma direta ou indireta ligados a essa comunidade (Grupo Gay da Bahia, 2025).

FIGURA 7 - Faixa etária das mortes da comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024

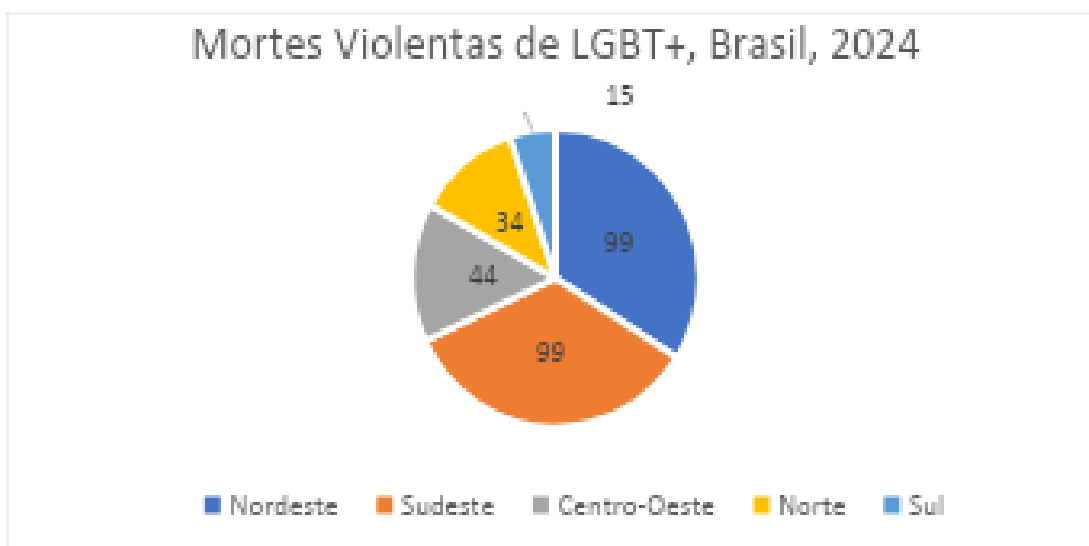


FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil**, Grupo Gay da Bahia, 2025.

Esses dados indicam uma predominância de assassinatos entre jovens de 26 a 35 anos. O mais jovem tinha apenas cinco anos e o mais idoso tinha 75 anos. O menino de cinco anos foi morto por uma adolescente de 14 anos, após ser chamada de “sapatão”. O rapaz mais idoso foi vítima de seu ex-companheiro, sendo vítima de violência doméstica.

Em relação às mortes por região, a figura 8 apresenta o seguinte:

FIGURA 8 - Mortes na comunidade LGBTQIAPN+ por violência no ano de 2024.



FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil**, Grupo Gay da Bahia, 2025.

As informações indicam que o Nordeste e Sudeste lideram esse *ranking*. Em comparação com o ano de 2023, o Sudeste subiu consideravelmente. As duas regiões totalizam 188 mortes, número maior que as outras três juntas. Para um maior detalhamento dos estados, a figura a seguir irá apresentar os seguintes dados:

FIGURA 9 - Mortes violentas na comunidade LGBTQIAPN+ nos estados do Brasil no ano de 2024

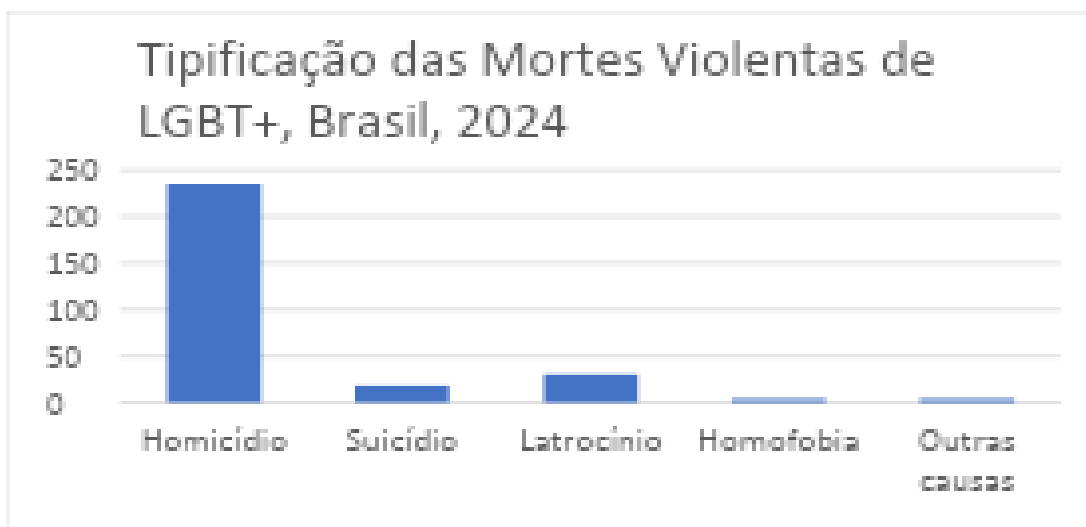


FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil**, Grupo Gay da Bahia, 2025.

São Paulo e Bahia podem ser considerados os Estados mais violentos. Enquanto Espírito Santo e Mato Grosso do Sul os menos violentos.

Além dessas informações, é importante destacar a tipificação dessas mortes, que será apresentada na figura 10.

FIGURA 10 - Tipificação das mortes violentas na comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024



FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBTQ no Brasil, Grupo Gay da Bahia, 2025.**

Além da violência letal, o sofrimento psicológico enfrentado por essas pessoas pode levá-las, tragicamente, ao suicídio. Em muitos casos, essa é percebida como a única forma de pôr fim à dor e à exclusão social vivenciada. Negrão e Ramos (2021) enfatizam cada suicídio ocorrido nessa comunidade deve ser compreendido como um homicídio simbólico perpetrado pela sociedade, apontando que as pessoas não se suicidam por ser homossexuais ou qualquer outra orientação sexual diferente da heterossexual, mas sim, pelo preconceito e falta de aceitação da sociedade perante a esses grupos.

A figura 11, mostra o *modus operandi* das mortes que ocorrem na comunidade.

FIGURA 11 - *Modus operandi* das mortes na comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024

<b>Arma</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
<b>Arma branca</b>	65	22,36%
<b>Arma de fogo</b>	63	21,65%
<b>Espancamento</b>	32	11,00%
<b>Asfixia</b>	21	7,22%
<b>Pedradas/Pauladas</b>	9	3,09%
<b>Carbonizado</b>	6	2,07%
<b>Esquartejado</b>	5	1,72%
<b>Decomposição</b>	2	0,69%
<b>Não informado</b>	88	30,24%
<b>Total</b>	<b>291</b>	<b>100%</b>

FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil, Grupo Gay da Bahia, 2025.**

Percebe-se que predominam as mortes por armas, sejam elas armas de fogo ou armas brancas. Por fim, apresentaremos a figura 12, que expõe o local em que essas mortes ocorreram.

FIGURA 12 - Local da morte violenta da comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2024

Local	Quant.	%
Domicílio/Residência	94	32,30%
Logradouro público	60	20,62%
Mata/Matagal/Bosque	25	8,59%
Estrada/Rodovia	10	3,44%
Rio/Riacho/Córrego	9	3,09%
Bar/Boate/Prostíbulo	7	2,41%
Hospital	6	2,07%
Praia	2	0,69%
Salão de beleza	1	0,34%
Canavial	2	0,69%
Não informado	75	25,78%
<b>Total</b>	<b>291</b>	<b>100%</b>

FONTE: GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de mortes LGBT no Brasil, Grupo Gay da Bahia, 2025.**

Esses dados alarmantes evidenciam que muitas pessoas LGBTQIAPN+ são violentadas dentro de seus próprios lares, o que subverte completamente a ideia do lar como espaço de proteção e segurança. Além disso, os demais lugares, como praças, ruas, matas, matagais, bosques, mostram a falta de segurança pública.

## 2.8 Homossexualidade e igrejas pentecostais

Ferreira e Silva (2015) expõem que os membros das igrejas pentecostais acreditam que, caso pessoas homossexuais frequentem igrejas pentecostais, elas devem passar por rituais de cura e libertação. Nesse contexto, prevalece a concepção de que a homossexualidade precisa ser combatida e erradicada, ainda que não seja considerada, cientificamente, uma doença ou patologia. Tal panorama pode ser ilustrado por meio de um dos relatos presentes na obra “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI’s”, do Conselho Federal de Psicologia, publicado em 2019. O livro reúne diversos testemunhos sobre opressões e formas de violência cotidiana sofridas

pela comunidade LGBTQIAPN+. A seguir, transcreve-se um trecho que retrata a percepção predominante nas igrejas protestantes acerca da homossexualidade:

O entendimento que se tem nisso é unânime em todas as igrejas e denominações evangélicas. O entendimento que se tem a respeito da homossexualidade é que isso é algo que acontece por influência de espíritos malignos, diabo, demônio, essas coisas todas e que a gente precisa lutar contra isso. É algo que você teria capacidade, ou seja, com armas espirituais você combate espíritos. Eles entendem a homossexualidade como um problema de ordem espiritual. Então, aí, começa todo um trabalho de tentar te condicionar, em primeiro lugar, a entender que isso é um pecado, que isso vai contra as leis de Deus e tal (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 69).

McGeorge, Coburn e Walsdorf (2021) destacam que ainda há líderes religiosos que endossam a chamada terapia de reversão sexual, mesmo diante da ampla rejeição científica a essa prática, considerada ineficaz e eticamente condenável.

A terapia de reversão sexual, terapia da reorientação sexual, terapia de conversão ou terapia reparativa ficou conhecida de forma mais abrangente por meio da psicóloga e missionária cristã Rozangela Justino, por oferecer esse tipo de tratamento. Rozangela infringiu a resolução n.º 001/99, do CFP de 22 de março de 1999, que diz: “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão” e que “Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades”. A prática exercida pela psicóloga e missionária fez com que seu registro fosse cassado, sendo impedida de exercer a profissão (Macedo; Sivori, 2018). Segundo Trevisan (2018), Rozangela Justino declara ter atendido e “curado” diversos gays em mais de 20 anos de profissão. Ademais, afirmava que o motivo das pessoas se tornarem homossexuais era porque foram abusadas na infância e na adolescência.

Nesse sentido, Shidlo e Schoroeder (2002 apud McGeorge, Coburn e Walsdorff 2021) alertam que muitos indivíduos submetidos à terapia de reversão relataram sérias consequências psíquicas e emocionais, como dificuldades conjugais, perda do vínculo com a espiritualidade, isolamento social e dificuldades de interação interpessoal. Bradshaw *et al.* (2015) realizaram um estudo entrevistando 1612 pessoas e descobriram que, somente 4% dos sujeitos que se submeteram a esse processo, relataram mudança de orientação sexual, apontando para uma prática ineficaz. Conforme os autores, esse tipo de terapia pode causar ansiedade, depressão e estresse pós-traumático (TEPT), em que alguns sujeitos não conseguem falar sobre o assunto devido ao trauma.

No tocante às relações interpessoais dentro das igrejas pentecostais, Jung (2021) observa que os cristãos protestantes figuram como o grupo religioso que mais se opõe às questões relativas



à diversidade sexual e de gênero, o que evidencia a dificuldade de convivência e de acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+ nesses espaços. Tal postura conduz à invisibilização da orientação sexual, fazendo com que indivíduos homossexuais se sintam compelidos a ocultar sua identidade para serem socialmente aceitos. Além disso, há uma expectativa normativa de que os fiéis sejam heterossexuais, casados e com filhos para que possam ser plenamente aceitos nas congregações.

Nessa perspectiva, YI *et al.* (2018) indagam por que pessoas homossexuais optam por permanecer em igrejas que rejeitam sua orientação sexual, ao invés de buscarem comunidades religiosas inclusivas. Segundo os autores, os vínculos afetivos e familiares constituem fatores determinantes para essa permanência, mesmo diante do desconforto e da opressão sofridos nesses ambientes.

Ogland e Verona (2014) notificam que dentro do meio cristão protestante, 60% são pentecostais. Considerando que, conforme já exposto, os pentecostais são os mais enfáticos na rejeição à homossexualidade, é possível afirmar que esses espaços acabam por reproduzir violências simbólicas e institucionais, promovendo injustiças, preconceitos e exclusões. Dessa forma, indivíduos homossexuais que frequentam tais igrejas têm seus direitos violados, seus corpos objetificados, a expressão de sua sexualidade cerceada e a possibilidade de construir uma família fora do padrão heteronormativo negada. Trata-se, portanto, de uma estrutura social que perpetua formas de violência moral, verbal e psicológica direcionadas especificamente a essas pessoas. Ainda que, em comparação ao século passado, haja hoje uma presença mais visível de pessoas LGBTQIAPN+ em igrejas protestantes, tal presença não deve ser interpretada como aceitação generalizada, uma vez que as práticas discriminatórias persistem (Schnabel, 2016).

Ganzevoort, Olsman e Laan (2012) também evidenciam o número expressivo de congregações e líderes religiosos que rejeitam a homossexualidade, impedindo, inclusive, que pessoas LGBTQIAPN+ exerçam funções ministeriais, como pregar, cantar, dançar ou ensinar. Essa exclusão tem levado muitas dessas pessoas a buscar refúgio em igrejas neopentecostais inclusivas (Ferreira; Silva, 2015).

Esse ponto, no entanto, suscita divergências dentro das próprias igrejas pentecostais, uma vez que a condenação parece recair de maneira desproporcional sobre a homossexualidade. A Bíblia também condena práticas como a perversidade, a idolatria, a imoralidade, o adultério, a avareza, a mentira, a inveja, o alcoolismo, mas, na prática, apenas os homossexuais são, sistematicamente, excluídos dos ministérios e posições de liderança. Desse modo, é necessário

destacar que a presença de pessoas homossexuais nas igrejas protestantes, embora não seja proibida, é tolerada apenas sob a condição de arrependimento e abandono da orientação sexual. Em outras palavras, tolera-se sua presença, mas não sua permanência como sujeitos homossexuais (Ferreira; Silva, 2015).

Percebe-se, assim, a existência de uma hierarquização das transgressões morais, nas quais a homossexualidade é tratada com severidade desproporcional em relação a outras práticas igualmente condenadas pelas doutrinas cristãs. Para ilustrar essa disparidade, recorre-se novamente à obra “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI’s” publicado pelo CFP em 2019, com o relato de uma pessoa homossexual que recebeu punição mais severa do que a aplicada a um pastor acusado de adultério:

Uma vez teve uma reunião (na igreja) para falar sobre a questão da minha homossexualidade. É interessante que, na época em que eu assumi a minha homossexualidade para a igreja, um pastor tinha adulterado uma mulher. Esse pastor, ele pegou dois meses de punição. Eu peguei três anos de punição. Eles pregam que não tem pecadinho e pecadão, tudo é da mesma forma, mas na prática é completamente diferente. Eu não podia assumir os atos pastorais por conta da minha punição, eu estava disciplinado pela igreja (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 108).

Silva, Castro e Siqueira (2021) acrescentam os casos em que pessoas homossexuais também são expulsas dos seus lares, buscando abrigo com amigos ou, até mesmo, assumindo a identidade de pessoas em situação de rua, quando não encontram amparo em nenhum dos meios sociais em que convivem. Concernente a essas formas de opressão e violências ocorridas no próprio lar, será exposto mais um caso presente na obra “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI’s” do CFP, sobre uma mulher lésbica, cisgênero, de 20 anos, que retrata o sofrimento no âmbito familiar:

Bom, a minha mãe descobriu, não descobriu, ela me perguntou se eu realmente gostava de meninos e eu disse que não. [...] Dormi tranquila, só que no outro dia, quando eu acordei – o quarto dela fica em frente ao meu –, ela me chamou no quarto dela. Quando eu entrei lá, ela estava com uma Bíblia em cima da cama e ela começou a falar coisas, buscar textos da Bíblia. Falou sobre isso e meu padrasto estava junto também. Ele não comentou nada, mas ficou ali olhando. Ela pediu para orar também comigo. Daí a gente orou e, a partir de então, ficou um clima, assim, ruim em casa e tal, a gente jogada pelo canto, uma em cada canto (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 40).

É nesse sentido que Silva, Castro e Siqueira (2021) sublinham que muitos indivíduos homossexuais optam por se afastar do convívio familiar, na tentativa de minimizar a dor e o

sofrimento causados por familiares que rejeitam sua orientação sexual.

McGeorge, Coburn e Walsdorf (2021) argumentam que os fiéis das igrejas pentecostais não reconhecem que grande parte do sofrimento psíquico vivenciado por pessoas homossexuais é provocado pelo próprio ambiente cristão. Os autores expressam que a comunidade pentecostal não se enxerga como violenta e homofóbica, tampouco como promotora de ódio e rejeição. Refletir sobre o sofrimento causado a essas pessoas só ocorre, com frequência, diante de tragédias como o suicídio. Schnabel (2016) reforça que os homossexuais apresentam maior índice de ideação suicida, quando comparados com pessoas heterossexuais. Para esse autor, o suicídio emerge como a principal estratégia de muitos desses sujeitos para pôr fim ao sofrimento existencial que os aflige. Natividade (2019) afirma que o suicídio<sup>33</sup> não é causado pelas pessoas serem homossexuais, acreditando que sua orientação sexual não gera o suicídio, mas sim, que a consumação do ato é um homicídio, devido a todo tipo de tratamento direcionado às pessoas homossexuais em igrejas pentecostais.

Ainda conforme a obra “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTI’s” há relatos de indivíduos que participam de encontros religiosos por imposição dos pais, experienciando dor e sofrimento ao ponto de considerarem o suicídio como alternativa. Um desses testemunhos narra a história de um jovem que expôs sua vivência a um líder religioso durante um retiro espiritual:

[...] Eu falei: “Olha, eu estou aqui porque eu sou gay. Eu sou viado desde sempre e minha não quer que eu seja, e eu estou aqui por isso.” Esse cara chegou para mim e pegou e disse assim: “Na sua idade, eu também já fui gay.” Eu me assustei: “Como assim já foi gay?” “Eu tinha troca-troca com os amigos.” Ele falou de uma forma tão vulgar que eu fiquei horrorizado. “Mas Jesus cura essas coisas, você tem que se entregar a Deus e tal.” E eu falava: “É, moço, mas não está gerando não. Eu sou crente desde sempre e, inclusive, tentei dois suicídios, um aos 11 e outro aos 17, 18 anos.” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 98).

---

<sup>33</sup>Pode-se utilizar, como ilustração para os casos de suicídio, o filme “Orações para Bobby”, baseado em uma história verídica, lançado em 2009, nos EUA. O filme retrata situações em que o sofrimento psicológico pode chegar ao suicídio. A obra cinematográfica gira em torno dos conflitos entre Bobby, um adolescente homossexual, de 18 anos e sua mãe Mary Griffith, uma mulher religiosa que tentou “curar” o filho por ser gay. Sua mãe levou Bobby a um terapeuta, de modo a realizar a terapia de reversão sexual. Além disso, sua mãe começa a convocar a família para orar pelo seu filho e a colocar versículos bíblicos sobre a homossexualidade em diversos cantos da casa. Por todos esses conflitos, Bobby se joga de uma ponte e comete suicídio. Após perder seu filho, Mary chega a verbalizar que ela mesma matou Bobby, verbalizando que Deus não o curou por não haver nada de errado com ele. A partir daí, na tentativa de se perdoar, Mary passa a ser militante de causas homoafetivas. Ao final do filme é mostrado Mary e sua família em uma parada gay, em que ela abraçava jovens e incentiva o amor e a liberdade de orientação sexual, sendo contra qualquer tipo de não aceitação dos familiares contra a homossexualidade e enfatizando a importância das famílias não matarem seus filhos com a discriminação, o preconceito e a falta de aceitação com filhos homossexuais (Negrão; Ramos, 2021).

Esse é apenas um entre muitos relatos que revelam as dores profundas e os sofrimentos psicológicos enfrentados por pessoas homossexuais em contextos religiosos excludentes, muitas vezes culminando em ideação suicida ou até mesmo na consumação do suicídio.

## **2.9 Igrejas Inclusivas**

As igrejas inclusivas podem ser entendidas como comunidades de fé cujo objetivo é acolher pessoas oriundas de diferentes contextos socioculturais. Uma de suas características mais notáveis, entretanto, reside na inclusão plena de indivíduos pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, sem a imposição de quaisquer mudanças relativas à orientação sexual ou identidade de gênero. Em um cenário contemporâneo marcado por investidas da bancada evangélica contra políticas públicas e avanços no tocante à diversidade sexual e de gênero, tais igrejas se configuram como uma “luz no fim do túnel” para aqueles que almejam pertencer a uma comunidade religiosa e estabelecer vínculos com Deus e com os demais membros da congregação (Cruz, 2018).

Cruz (2018) salienta que existem outras igrejas que, na visão delas, se consideram inclusivas, “aceitando” pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, todavia, com restrições quanto a exercerem ministérios e possuírem algum cargo eclesiástico, ou seja, permanecendo no “banco” assistindo aos cultos.

A primeira igreja inclusiva surgiu em 1968, em Los Angeles, na Califórnia, nos EUA, com o nome de *Metropolitan Community Church* (MCC), pastoreada pelo reverendo Troy Perry. Perry foi excomungado de sua antiga igreja pentecostal, sendo acusado de seguir uma “orientação homossexual” (Barros, 2020). Em determinado momento, Perry tentou suicídio e, no hospital, em busca da recuperação de sua tentativa, foi visitado por uma moça que evangeliza, onde “ouviu o chamado” para liderar uma nova comunidade de fé (Cruz, 2018).

Com o crescimento da MCC e sua influência sobre a fundação de outras igrejas inclusivas nos Estados Unidos e em diversos países, esse modelo chegou ao Brasil por volta da década de 1990. Naquele momento, o pastor Nehemias Marien, da Igreja Presbiteriana Bethesda, no Rio de Janeiro, aceitava pessoas homossexuais em sua igreja. Marien foi convidado a realizar uma cerimônia de casamento homossexual. Apesar do constrangimento inicial por se tratar de sua primeira experiência nesse tipo de celebração, decidiu aceitar o convite (Soledade, 2024). O

episódio culminou na emissão de uma nota oficial pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), publicada em periódicos da época, desligando-o formalmente da denominação.

FIGURA 13 - Igreja Presbiteriana do Brasil emite nota de desligamento do pastor Nehemias Marien

**A IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL INFORMA:**

1°- Nehemias Marien está desligado do seu quadro de pastores desde 1987;  
 2°- As posições assumidas por ele através da mídia, em nada coincidem com as posições bíblico-doutrinárias da Igreja Presbiteriana do Brasil;  
 3° - Os seus pronunciamentos são de sua exclusiva responsabilidade.

Informa ainda que, além da condição básica de ser formado em um Seminário Teológico de idoneidade comprovada, a Igreja Presbiteriana do Brasil exige de seus Pastores convicções coerentes com a Bíblia, com a Confissão de Fé de Westminster e com os seus Catecismos.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1994.

<b>Rev. Wilson de Souza Lopes</b> Pres. da Igreja Presbiteriana do Brasil	<b>Rev. Guilhermino Cunha</b> Pres. do Sínodo do Rio de Janeiro
<b>Rev. Teutônio Bragança</b> Pres. do Sínodo Leste Fluminense	<b>Rev. Silval Pereira</b> Pres. Sínodo Serrano Fluminense
<b>Rev. Carlos Nunes</b> Pres. Sínodo Oeste do Rio de Janeiro	<b>Rev. Daniel Bittencourt</b> Pres. Sínodo Oeste Fluminense

FONTE: Informe da Igreja Presbiteriana do Brasil. O Globo, 12 de junho de 1994, Matutina, Rio, página 18.

SOLEDADE, Alisson. Inclusiva, gay e queer: a difusão das teologias dissidentes no Brasil (1994-2018). **Mosaico**, v. 16, n. 25, p. 253-270, 2024.

Além da exclusão institucional, Marien passou a sofrer ataques e ofensas provenientes de diversas igrejas protestantes, sendo inclusive alvo de questionamentos sobre sua sexualidade e recebendo ameaças de morte (Soledade, 2024). Apesar do ocorrido, encontrou apoio em novos círculos, como integrantes do Centro Acadêmico de Estudos Homoeróticos da Universidade de São Paulo (CAHEUSP), fazendo com que em 1997 realizasse o culto do orgulho gay (Nascimento; Pereira, 2022). Posteriormente, alguns integrantes do CAHEUSP se juntaram com o intuito de criar uma instituição que contemplasse a fé a sexualidade, momento em que Elias Lilikan, Victor Orellana e Luís Fernando Guarupe criaram a Comunidade Cristã Gay (CCG) no ano de 1997 (Soledade, 2024). A Organização Não Governamental (ONG) Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor (CORSIA), junto com o CAHEUSP se uniram para ministrar seminários,

palestras e estudos sobre temáticas voltadas para homossexualidade, direitos humanos e preconceitos religiosos (Nascimento; Pereira, 2022).

Com o fortalecimento da CCG, os líderes começaram a projetar a ordenação pastoral, iniciando diálogos com o pastor Marien, que acolheu a proposta e presidiu a consagração dos primeiros pastores homossexuais no Brasil: “[...] o pastor Elias Lilikan, o pastor Victor Orellana e o pastor Luiz Fernando Garupe (Cruz, 2018, p. 24-25)”. Luiz Fernando Garupe cria a Comunidade Cristã Metropolitana<sup>34</sup>, nos anos 2000, no Rio de Janeiro e Victor Orellana funda a Igreja Acalanto, em São Paulo, em 2002 (Cruz, 2018; Jesus, 2012).

A partir dos anos 2000 houve

[...] a consolidação e crescimento das igrejas inclusivas no país, como a Comunidade Cristã Nova Esperança, a Igreja Cristã Evangelho Para Todos, a Igreja Inclusiva, a Igreja da Inclusão, e o Movimento Espiritual Livre. Entre 2002 e 2004, ocorre a implementação da filial da Metropolitan Community Church no Brasil, a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), no Rio de Janeiro. Em 2006, após um cisma com a ICM, o pastor Marcos Gladstone funda a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), denominação sobre a qual trato mais adiante [...] (Cruz, 2018, 25).

Marcos Gladstone, após um cisma com a ICM, resolve fundar a ICC. Natividade (2010), ao entrar em contato com um dos pastores da ICC para saber o motivo do rompimento, soube que

[...] o modelo ideal era o de uma igreja com pouca doutrina e teoria, mas muita espiritualidade; almejava-se com isso a construção de um ambiente no qual o fiel homossexual tivesse conforto e orientação. O pastor apontou que as igrejas que mais cresciam no Brasil não possuíam doutrina, como a Universal do Reino de Deus. Assim, uma igreja inclusiva deveria ser uma “igreja comum”. Era preciso se livrar do estigma de ser uma “igreja homossexual” (Natividade, 2010, p. 97).

Essa nova igreja, a ICC<sup>35</sup>, na entrada do seu templo possuía o seguinte dizer: “diferente, ungida e sem preconceitos, a igreja que vive nas asas de um novo tempo” (Natividade, 2010, p. 98). Jesus (2012) em sua dissertação de doutorado em Antropologia, cita um mapeamento das primeiras igrejas inclusivas no Brasil:

Quadro 4 - Primeiras Igrejas Inclusivas no Brasil

<sup>34</sup>Página oficial das Igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil: <https://www.instagram.com/icmdobrasil/> e Página oficial da Igreja da Comunidade Metropolitana do Rio de Janeiro: <https://www.instagram.com/icmrj/>

<sup>35</sup>Página oficial do instagram: <https://www.instagram.com/igrejacontemporanea/>

<b>Igreja</b>	<b>Estado</b>	<b>Ano</b>	<b>Líder</b>
Igreja Evangélica Acalanto	São Paulo	2002	Victor Orellana
Igreja do Movimento Espiritual Livre	Curitiba	2003	Lêoncio Pereira
Comunidade Cristã Nova Esperança	São Paulo	2004	Justino Luiz
Igreja Cristã Evangelho para todos	São Paulo	2004	Indira Valença
Comunidade Família Cristã Athos	Brasília	2005	Ivaldo Gitirana e Márcia Dias
Comunidade Betel	Rio de Janeiro	2006	Márcio Retamero
Igreja Cristã Contemporânea	Rio de Janeiro	2006	Marcos Gladstone
Ministério Nação Ágape	Brasília	2006	Patrick Thiago Bomfim
Igreja Cristã Inclusiva	Recife	2006	Ricardo Nascimento
Igreja da Inclusão	Brasília	2007	Patrick Thiago Bomfim
Igreja Progressista de Cristo	Recife	2008	Kleyton Pessoa
Igreja Renovação Inclusiva para a Salvação	Goiânia	2009	Edson Santana do Nascimento
Igreja Amor Incondicional	Campinas	2009	Arthur Pierre
Inclusiva Nova Aliança40ou MORIAH Comunidade Pentecostal	Belo Horizonte	2010	Gregory Rodrigues de Melo Silva

FONTE: Adaptado de JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em

Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

O foco dessas igrejas não está na “cura gay”, mas na cura das feridas emocionais e traumas acumulados ao longo da vida por membros da comunidade LGBTQIAPN+. (Cruz, 2018). A expansão das igrejas inclusivas, no entanto, entra em rota de colisão com as demais igrejas protestantes tradicionais, que, em sua maioria, as rechaçam. A *Metropolitan Community Church* é aceita no Conselho de pastores dos EUA, cenário diferente das igrejas inclusivas no Brasil (Cruz, 2018). Importa destacar que as igrejas inclusivas não se autodenominam “igrejas gays”, mas sim espaços de acolhimento e aceitação de pessoas historicamente julgadas e marginalizadas, seja por suas sexualidades, identidades de gênero ou por outras vivências de exclusão que marcaram suas trajetórias pessoais e espirituais.



### 3 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

#### 3.1 Aspectos históricos da Teoria

Inicialmente, é importante destacar que o campo de estudos das representações sociais se configura como um dos mais produtivos no âmbito da psicologia social (Sá, 2002). Tal relevância, contudo, não se restringe, somente, à psicologia social. Conforme elucida Fernandes (2012), as representações sociais despertam interesse em diversos campos das ciências humanas: sociologia, antropologia, filosofia, história, linguística, entre outras. O conceito de representações sociais desenvolvido por Serge Moscovici (1924-2014) propõe a valorização do senso comum como objeto de reflexão teórica para a comunidade científica, uma vez que reconhece o conhecimento compartilhado socialmente (Reis; Naiff, 2023). Para Moscovici (2007), o senso comum, ou conhecimento comum, necessita ser explorado e não pode ser tratado como algo irrelevante. A teoria das representações sociais foi publicada pela primeira vez no ano de 1961, na França, na tese de doutorado de Moscovici intitulada *La Psychanalyse son image et son public* (Barros; Naiff, 2015).

Moscovici (1979) reitera que o primeiro teórico a lançar mão das representações sociais foi Durkheim, na forma de representações coletivas. A proposta das representações sociais não invalida as representações coletivas de Durkheim, mas amplia e reconfigura o campo de estudo, incorporando novos fenômenos (Sá, 2002). Durkheim acreditava em uma separação entre representações individuais (estudada pela psicologia) e representações coletivas (estudada pela sociologia), enquanto Moscovici acreditava que essas representações não deveriam ser entendidas de forma separada (Tomei, 2013). Enquanto Durkheim tinha uma preocupação maior com o coletivo, Moscovici vai se dedicar ao indivíduo que forma o coletivo. Moscovici busca entender o pensamento do homem sob uma perspectiva coletiva. Pode-se dizer, então, que em Durkheim o indivíduo faz parte da sociedade, em Moscovici o indivíduo é um agente de mudança que transforma a sociedade. Moscovici (2007) chama atenção sobre, na maior parte das vezes, as pessoas utilizarem as representações coletivas e representações sociais como termos sinônimos, enfatizando sua preferência pelo termo social, por se referir a uma clara noção da sociedade em sua rede de pessoas e interações.

Dito isso, Moscovici (1984, p. 18-19 apud Sá 2002, p. 49) é bem incisivo em seus interesses

com as representações sociais:

As representações sociais em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para se permitir a sedimentação que as transformasse em tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores - e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.

Sá (1998) complementa que os fenômenos de interesse de Moscovici permeiam o cotidiano, as práticas culturais, as instituições, as relações interpessoais e nos pensamentos individuais, ou seja, estão a todo derredor da sociedade.

Na década de 1950, a Psicanálise passa a ganhar grande proporção na sociedade francesa. Inicialmente, as ideias de Freud estavam muito interessadas em um conjunto restrito de psicanalistas, o que fez com que no I Congresso Internacional de Psicanálise, em 1908, tivesse aproximadamente 40 participantes. Todavia, após 1910, em que Freud realizou conferências nos EUA, a psicanálise começou a se difundir amplamente, fazendo com que parte da sociedade começasse a introduzir alguns conceitos psicanalíticos em seu cotidiano, tais como: “traumas”, “inconsciente”, “recalque”, “desejos reprimidos”, “complexo de Édipo”, passaram a integrar o vocabulário social da época (Vala, Castro, 2017). Vala e Castro (2017) mencionam que Moscovici, que passou a residir na França em 1947, estava atento a como a sociedade empregava os conceitos de Freud em versões simplificadas ou distorcidas em relação ao pensamento original freudiano. Esse cenário levou Moscovici a pesquisar as representações sociais da psicanálise em sua tese de doutorado.

Outro estudo primordial para o campo da teoria das representações sociais, foi realizado por Jodelet, sobre as representações sociais da loucura. Sá (2005) enfatiza que esse estudo, ao lado do estudo pioneiro de Moscovici, é um dos mais significativos trabalhos em representações sociais, segundo os autores Jorge Vala, Jean-Claude Abric, entre outros pesquisadores do campo das representações sociais. Jodelet (2005) realizou sua pesquisa em uma comunidade rural francesa, chamada “Colônia Familiar”, que acolhia pessoas com transtornos mentais. Essa pesquisa de campo etnográfica possibilitou a observação e convivência entre as pessoas ali presentes. As pessoas com transtornos mentais eram chamadas de “pensionistas” e aqueles que os abrigavam eram chamados de “albergantes”. O objetivo de Jodelet foi investigar o que os albergantes

pensavam sobre os pensionistas.

A pesquisa de Jodelet, publicada em 1989, corrobora com o momento em que a teoria das representações sociais começa a ganhar força na queda de 1980, com o declínio do behaviorismo, momento em que a psicologia social passa a dar um enfoque maior nas dinâmicas do pensamento social, permitindo o florescimento de novas abordagens teóricas e metodológicas (Sá, 2002). Vale ressaltar, que antes desse período, na década de 1970, a teoria das representações sociais já havia chegado ao Brasil com a vinda de Jodelet, sendo convidada por Silvia Lane para participar de uma atividade da ABRAPSO na SBPC, em Campinas, posteriormente tendo momentos de discussões com estudantes da pós-graduação em Psicologia Social da PUC/SP (Sá; Arruda, 2000).

Ainda no campo das pesquisas das representações sociais, Sá (1998) indaga se todos os objetos que estão à nossa volta podem ser suscetíveis de se tornarem representações sociais. O autor argumenta que não é pertinente que um grupo ou conjunto social tente representar algo inexistente ou com o qual não possua familiaridade com o objeto. Para haver representação é necessário que o objeto tenha relevância cultural e espessura social. Um exemplo citado por Sá (1998) em sua obra, foi uma pesquisa sobre as representações sociais da escola pública em suas relações com uma comunidade favelada. Foi identificado que um grupo de professoras não possuía uma representação minimamente estruturada. Desse modo, compreende-se a necessidade do interesse e a familiaridade com o objeto pesquisado.

Nessa perspectiva, Sá (1998) esclarece que uma mesma instância pode ser tanto objeto de pesquisa, quanto sujeitos da pesquisa, usando o exemplo de Pedro Campos, que fez uma pesquisa sobre as representações sociais de educadores sobre meninos de rua, enquanto Claudia Castro e Luciene Miguez fizeram pesquisas em que meninos/as de rua, como sujeitos, fazem de objetos como a gravidez e maioridade. Esses exemplos elucidam a possibilidade de inversão de papéis entre sujeitos e objetos, desde que se mantenha a relevância e a familiaridade necessárias à construção das representações sociais.

### **3.2 Definições da Teoria**

Vala e Castro (2017) observam que a definição de representações sociais foi constantemente criticada por sua suposta imprecisão e insuficiência conceitual. Ainda que o conceito seja considerado simultaneamente rico e completo, nem sempre se consegue conceituá-lo

com exatidão e clareza (Fernandes, 2012). Todavia, Moscovici reconheceu que essa imprecisão era positiva e necessária. O autor decidiu deixar o conceito em aberto, por julgar que uma definição fechada da teoria poderia restringir o alcance da teoria (Sá, 2002). É nesse contexto que diversos autores não começam suas exposições pela conceituação, eles realizam uma preparação indutiva ao leitor (Sá, 2002).

De forma a apresentar uma introdução do conceito, apresentaremos a seguir algumas definições de teóricos e pesquisadores da teoria das representações sociais:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicação interpessoal. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum (Moscovici, 1981, p. 181 apud Sá, 2002).

Doise (1990, p. 125 apud Sá, 2002) expõe que “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações”. Além dos autores citados, uma definição muito bem aceita é de Jodelet (2001, p. 22) que informa que as representações sociais são “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. É nesse sentido que Moscovici (2007, p. 46) enfatiza que “as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos.” Complementando, Jodelet (2001, p. 27) acrescenta que as representações são “uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto”.

De forma mais contemporânea, Naiff e Naiff (2013, p. 567) dialogam que “produzimos representações de fenômenos que são sociais, mas também as produzimos socialmente.” O que coloca a sociedade como produtora de representações sociais. Os autores acrescentam que os grupos produzirão representações sociais diferentes de acordo com seus interesses e importância variadas em relação aos fenômenos pesquisados. Desse modo, é no universo sociocultural que as representações sociais são produzidas, pois elas “[...] nascem no cotidiano, nas interações que estabelecemos, seja na família, no trabalho, na escola, nas relações com a saúde, entre outras dimensões da vida social, ou seja, onde quer que exista uma realidade a ser apropriada e partilhada” (Naiff; Naiff; Souza, 2009, p. 224).

### 3.3 Funções da Teoria

Tendo visto que as representações sociais executam um papel primordial nas práticas e dinâmicas sociais, Abric (1994) esclarece que as representações sociais respondem a quatro funções essenciais: funções de saber, funções identitárias, funções de orientação e funções justificatórias.

As funções do saber permitem compreender e explicar a realidade. Devido às representações sociais serem formas de conhecimento advindas do senso comum, elas possibilitam a compreensão e a interpretação da realidade, desse modo, facilitando a comunicação social (Silva *et al.*, 2021).

As funções identitárias definem a identidade e permitem a salvaguarda e especificidade do grupo. Elas situam os sujeitos em grupos sociais, definindo a identidade desse grupo, facilitando o sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade social (Silva *et al.*, 2021).

As funções de orientação guiam os comportamentos e práticas sociais, corroborando por moldar comportamentos dos grupos no que tange a ser “certo” ou “errado”, “adequado” ou “inadequado”, perante um contexto social (Silva *et al.*, 2021).

As funções justificatórias permitem justificar a posteriori as posturas e comportamentos. Por meio das funções justificatórias, os atores sociais explicam e justificam suas posturas em determinadas situações e contextos (Silva *et al.*, 2021).

Além das funções das representações sociais, é pertinente explorar os tipos das representações sociais consideradas por Moscovici, que são hegemônicas, emancipadas e polêmicas. As representações sociais hegemônicas “[...] são partilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado (uma nação, um partido, etc.), prevalecendo implicitamente em todas as práticas simbólicas desse grupo, apresentando grande grau de uniformidade e coercividade” (Cabecinhas, 2006, p. 4). Já as representações sociais emancipadas “refletem o compartilhamento de significados por subgrupos e podem resultar em práticas de solidariedade” (Bonomo; Souza, 2013, p. 404). Para Bonomo e Souza (2013), as representações polêmicas são o oposto das emancipadas, pois “[...] provém justamente de contextos conflituosos e de disputa entre grupos, indicando processos de resistência e de oposição que são centrais na elaboração da identidade social” (Bonomo; Souza, 2013, p. 404).

Em síntese, compreende-se que as representações sociais hegemônicas são aceitas por maior parte do grupo, quase sendo unanimidade, formando um consenso social; as representações

sociais emancipadas surgem em grupos menores e específicos, porém, não alteram o funcionamento do grupo em sua totalidade; já as representações sociais polêmicas são conflituosas e podem causar divisão nos grupos, principalmente em sobre fenômenos pouco discutidos e que são considerados como tabus por parte da sociedade.

### **3.4 Os processos de formação: ancoragem e objetificação**

As representações sociais são desenvolvidas de acordo com dois processos: ancoragem e objetificação (Moscovici, 1979), os quais se encontram profundamente interligados e se complementam mutuamente (Vala; Castro, 2017). A ancoragem pode ser compreendida como o processo em que o novo, o estranho, passa a se tornar familiar. Nesse sentido Moscovici (2007) explica que ancorar é classificar e nomear algo. Assim, a ancoragem corresponde a um processo em que os sujeitos são apresentados a objetos desconhecidos e distantes de sua realidade, sendo necessário ancorar esse objeto desconhecido a objetos que são familiares de seu cotidiano. “É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social” (Moscovici, 2007, p. 61).

Santo *et al.* (2019), em um estudo sobre as representações de líderes evangélicos sobre a AIDS, perceberam que esse grupo âncora a AIDS na imagem do câncer, associando a imagem de uma doença amedrontadora que pode causar mortes. Além disso, os mesmos líderes tendem a relacionar a AIDS como um pecado, estabelecendo uma correspondência moralizante e estigmatizante. Outro exemplo contemporâneo, foi a pandemia da COVID-19, fenômeno até então desconhecido, que pode ser associado à gripe espanhola. Além disso, o momento de isolamento social, também pode ser associado a outros momentos de quarentena vivenciados em momentos passados.

Doise (1992) dividiu a ancoragem em três categorias: ancoragem psicológica, ancoragem sociológica e ancoragem psicossociológica. A ancoragem psicológica está ligada aos valores, atitudes e opiniões individuais; a ancoragem sociológica se refere a pertença social dos indivíduos e a ancoragem psicossocial está apoiada na percepção das relações e interações entre os sujeitos na sociedade (Trindade; Santos; Almeida, 2014).

A objetivação, por sua vez, pode ser compreendida como “o processo que permite tornar real um esquema conceptual e dar a uma ideia uma contrapartida material” (Vala, Castro, 2017, p.

586). Ou seja, é trazer a ideia de um conceito o colocando em uma imagem, fazendo com que o abstrato, se torne concreto. Moscovici (2007, p. 71) reforça que a “[...] objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade”. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível”. O autor acrescenta citando o seguinte exemplo: “temos apenas de comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal” (Moscovici, 2007, p. 72). A intenção do autor é de nos mostrar o quanto se torna complexo atribuir uma imagem a Deus. Desse modo, associar a figura de paternidade faz com que aquilo que é considerado abstrato, se torne concreto, algo físico.

Nesse processo, Moscovici (2007) realça que os elementos podem sofrer um processo de seleção e reorganização, complementando que alguns elementos podem ser esquecidos caso não tenham referências imagéticas facilmente evocadas na memória coletiva. O autor complementa que “[...] o físico inglês Maxwell disse certa vez, que o que parecia abstrato a uma geração se torna concreto para a seguinte. Surpreendentemente, teorias incomuns, que ninguém levava a sério, passam a ser normais, críveis e explicadoras da realidade, algum tempo depois”. (Moscovici, 2007, p. 71). Tal reflexão justifica o exposto anteriormente, sobre o quanto os elementos podem sofrer modificações, alterações e reorganizações dentro das representações sociais ao longo dos anos.

Por fim, é importante destacar o quanto esses dois processos têm a ver com a memória social:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (Moscovici, 2007, p. 78).

### **3.5 Teoria do Núcleo Central**

Sá (1998) afirma que a teoria das representações sociais é considerada pelos teóricos como a grande teoria, e que dentro desta teoria, existem três teorias complementares: a antropológica, de Jodelet; a sociodinâmica de Doise e a estrutural de Abric. Miguel (2022), por sua vez, reconhece essas três teorias complementares, acrescentando uma quarta teoria, a teoria dialógica de Marková.

Sá (2002) ressalta que a TNC surge de forma complementar a grande teoria, não havendo o objetivo de substituí-la ou refutá-la.

A TNC foi inaugurada por Jean-Claude Abric em 1976 (Sá, 2002). Para Abric (1994) as representações são hierárquicas, cabendo a toda representação girar em torno de um núcleo central, consumido por um ou mais elementos que têm o objetivo de dar sentido a essa representação. É nesse contexto que o núcleo central se apresenta como o verdadeiro significado da representação e, simultaneamente, como a representação do próprio significado (Abric, 1994). O autor complementa que o núcleo central assegura duas atribuições cruciais:

Uma função geradora: é o elemento através do qual é criada, transforma o significado dos demais elementos constituintes da representação. É através deles que esses elementos ganham um significado, um valor. Uma função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos laços que unem, incluindo os elementos de representação. É, neste sentido, o elemento unificador e estabilizador da representação (Abric, 1994, p. 20-21, tradução nossa).

Ainda em Abric (1994), o autor acrescenta a estabilidade do núcleo central. Ele afirma que o núcleo central é o componente da representação que mais resistirá à mudança, pois qualquer modificação no núcleo central acarretará uma mudança por completo na representação. Sá (2002) enaltece que Abric não considerava a centralidade como algo novo, tendo em vista que remete, no âmbito da psicologia social, aos primeiros textos de Fritz Heider sobre fenômenos de atribuição, em 1927. “Abric, particularmente, assimila de Heider a identificação de uma tendência a se atribuir os eventos percebidos no ambiente a núcleos unitários de significado, que dariam um sentido global à diversidade dos estímulos imediatos” (Sá, 2002, p. 64).

Para além de Heider, Abric buscou reforço nos estudos de Salomon Asch, de 1946, sobre a percepção social. Abric percebeu que nesses estudos havia a presença de um elemento central que emite o significado do objeto a ser pesquisado. Desse modo, a transformação desse elemento central acarreta uma modificação extrema da percepção que se tem do objeto (Sá, 2002).

As representações sociais, conforme essa perspectiva estrutural, também são compostas por um outro sistema, chamado sistema periférico. Sá (2002, p. 74) destaca que “é o sistema periférico que vai inicialmente absorver as novas informações ou eventos suscetíveis de colocar em questão o núcleo central”. Pode-se, portanto, entender que o sistema periférico desempenha, de certa forma, a proteção ao núcleo central. Abric (1994) destaca que o sistema periférico se apresenta em três funções:



- Função de concretização: adapta aquelas ideias abstratas em formas concretas. Ela permite que, de maneira mais acessível, sejam compreendidas no cotidiano.

- Função reguladora: se concretiza por realizar ajustes e alterações a novas informações, se ajustando e modificando parte da representação.

- Função defensora: tem o objetivo de proteger o núcleo central de mudanças bruscas, uma vez que atua em volta do núcleo central criando uma barreira protetora.

Em síntese, conforme já destacado, Sá (2002, p. 74) reafirma que “é o sistema periférico que vai inicialmente absorver as novas informações ou eventos suscetíveis de colocar em questão o núcleo central”. Dessa forma, como salientado, Abric (1994) enfatiza que as representações sociais são constituídas de dois sistemas, o sistema central e o sistema periférico, que serão melhores apresentados no quadro abaixo:

Quadro 5 - Características do sistema central e do sistema periférico

<b>Sistema Central</b>	<b>Sistema Periférico</b>
Ligado à memória coletiva história do grupo	Permite a integração das experiências histórias individuais
Consensual Define a homogeneidade do grupo	Suporta a heterogeneidade do grupo
Estável Coerente Rígido	Flexível Suporta as contradições
Resistente à mudança	Evolutivo
Pouco flexível ao contexto imediato	Sensível ao contexto imediato
Funções: gera a significação da representação; determina a sua organização	Funções: permite a adaptação à realidade concreta; permite a diferenciação do conteúdo; protege o sistema central

FONTE: Sá (2002).

Por fim, Sá (2002, p. 77) retorna ao pensamento de Abric, para concluir que “[...] o sistema central é estável, coerente, consensual e historicamente determinado; o sistema periférico é, por seu turno, flexível, adaptativo e relativamente heterogêneo quanto ao seu conteúdo”.

### **3.6 A Zona muda das Representações Sociais**

A partir da compreensão de que as representações sociais são estruturadas em dois sistemas (central e periférico), Abric (2005) se questiona se realmente os participantes de uma pesquisa expressam o que realmente pensam, acreditando que elas podem omitir determinadas informações que consideram comprometedoras. O autor defende há uma singela diferença entre o que as pessoas pensam, o que elas dizem e o que elas fazem, por isso, para Abric, existem duas facetas das representações: uma que explícita, verbalizada e outra que não é verbalizada e nem expressada, que é chamada de “zona muda”.

É compreensível que alguns leitores que não têm familiaridade com o termo, pensarão que se trata de aspectos do inconsciente. Entretanto, a zona muda não faz parte dos processos inconscientes, ela faz parte da consciência das pessoas, todavia, não é expressada devido aos valores morais ou normas estabelecidas por determinado grupo em específico (Abric. 2005).

O termo foi utilizado inicialmente por Claude Flament, em 1996, sendo melhor apresentado nos estudos de Christian Guimelli e Jean-Claude Deschamps nos anos 2000 sobre representações sociais de ciganos (Abric. 2005). Para Abric (2005), o racismo é um objeto que retrata a zona muda. Naiff, Naiff e Souza (2009) corroboram essa análise ao afirmar que alguns cenários são engendrados por pressões normativas, o que leva as pessoas a não verbalizarem o que realmente pensam sobre determinado objeto. Assim, acreditamos que pesquisas que envolvem tanto a sexualidade, quanto a religião, também retratam essa realidade, visto que a zona muda pode inserir crenças e valores que estão enraizados, podendo as pessoas evitarem discutir e/ou emitir opiniões abertamente, mesmo que influenciam seus pensamentos e comportamentos.

Com o objetivo de descobrir os elementos da zona muda das representações sociais, algumas técnicas podem ser utilizadas. Menin (2006) destaca a técnica da substituição como uma das mais eficazes, por reduzir a pressão normativa e, conseqüentemente, minimizar a implicação direta do sujeito com o objeto de estudo. Outra técnica que pode ser utilizada é a da descontextualização normativa, que coloca o participante da pesquisa distante do seu grupo de

referência. Na técnica da substituição, Abric (2005) diz que podemos solicitar que o participante responda em nome de outras pessoas, permitindo uma certa distância e reduzindo o seu envolvimento. Desse modo, os participantes podem expressar representações “proibidas ao seu grupo”.

Já na técnica da descontextualização normativa, consiste no pesquisador não participar do grupo de referência dos participantes. Para ilustrar essa técnica, Abric (2005) cita a pesquisa sobre as representações sociais dos magrebinos entre estudantes franceses. Inicialmente, os aplicadores se apresentaram como estudantes de Letras, mesmo grupo de referência e de pertença dos participantes; em seguida, os aplicadores se apresentaram como estudantes de direito. Nessa pesquisa, as representações foram mostradas com clara diferença.

Na primeira condição, condição considerada “normal”, em que os pesquisadores de letras entrevistaram seus pares, as palavras centrais que apareceram foram: “geográfico”, “cultura”, “racismo”, “calorosos”; e como elementos periféricos: “delinquência”, “igual”, “impedidos de se integrar”, “vítimas de racismo”. Em seguida, já na descontextualização normativa, os pesquisadores eram estudantes de direito e perguntavam aos estudantes de letras. Apareceram os seguintes termos e palavras: “geográfico”, “delinquência”, “racismo”, “imigração”, como centrais e “não querem se integrar”, “comida”, “baixo nível econômico” como elementos periféricos (Abric, 2005). Essa distinção revela que, na segunda condição, as representações adquiriram um tom mais negativo, evidenciando o efeito do distanciamento do grupo de pertença na verbalização de conteúdos sensíveis.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivo Geral**

Identificar as representações sociais acerca de pessoas homossexuais dentro das igrejas por líderes de igrejas protestantes pentecostais, comparando com as representações sociais de pessoas homossexuais, sem especificar “dentro da igreja”, tendo como hipótese que a inclusão do grupo “dentro da igreja” pode gerar diferenças na estrutura das representações sociais.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Verificar a estrutura e o conteúdo das representações sociais, seu núcleo central e sistema periférico sobre homossexuais dentro das igrejas.
- Investigar o que pensam os líderes protestantes pentecostais sobre os homossexuais dentro das igrejas.
- Analisar as práticas sociais dos líderes protestantes pentecostais em relação aos homossexuais dentro das igrejas, a partir das suas representações sociais.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Desenho de pesquisa**

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivos de uma pesquisa descritiva, baseada na abordagem estrutural de Abric (1994), com aporte teórico da teoria das representações sociais, fundada por Serge Moscovici (1979).

A pesquisa qualitativa

[...] é um campo de investigação que coloca o pesquisador em um determinado local do mundo. Ela envolve uma abordagem interpretativa e naturalística do mundo e enxerga a sociedade enquanto integrante de um determinado espaço, que possui formação e configuração específicas. Na pesquisa qualitativa, parte-se da premissa de que os integrantes de um dado contexto social vivem o presente marcado pelo passado e se projetam para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Admite-se também que toda estrutura social se encontra incorporada no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano. (Hoga; Borges, 2016, p. 33).

Esta pesquisa pode ser considerada aplicada, pois, segundo Gil (2017, p. 32) é voltada “[...] à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica. E descritiva, pois “[...] têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno (Gil, 2017, p. 32).

### **5.2 Participantes da pesquisa**

A amostra foi composta por 100 líderes protestantes pentecostais, de ambos os sexos, com mínimo de 18 anos, todos ocupando algum cargo de liderança eclesiástica (apóstolo, bispos, pastores, evangelistas, missionários e presbíteros). A escolha desse grupo específico se justifica por serem cargos responsáveis pela condução e direção das igrejas, o que lhes confere significativa relevância e influência na formação de opiniões e posicionamentos dentro das comunidades religiosas. É importante salientar que, em algumas denominações, a nomenclatura e atribuições desses cargos podem variar.

Todavia, de modo geral, na maioria das igrejas pentecostais, os missionários são os responsáveis por levar a palavra de Deus a lugares em que ela é pouco propagada. Os evangelistas possuem o mesmo objetivo dos missionários, com mais proximidade com a igreja local, atuando

em zonas periféricas, praças públicas e cruzadas evangelísticas. Os presbíteros são os responsáveis por auxiliar os pastores no ensino, disciplina, aconselhamento e na condução da igreja. O pastor é o responsável geral pela denominação, responsável por cuidar, alimentar e guiar os fiéis. Já o bispo funciona como um supervisor de igrejas e pastores. Por fim, os apóstolos são os responsáveis por fundar igrejas e liderar doutrinas e movimentos.

Quanto ao quantitativo de participantes estipulado, empregamos o critério de saturação, citada por Sá (1998), se referindo à quando as respostas começarem a se repetir, isso significa que a coleta de dados pode ser interrompida, por não haver novos elementos nas respostas.

### 5.3 Instrumentos e procedimentos

O instrumento para coleta de dados constituiu-se de um questionário estruturado, elaborado pelo autor da pesquisa, sob orientação docente. Foi apresentado o TCLE para consentimento e aprovação para participação da pesquisa. Logo em seguida, tivemos perguntas fechadas para caracterização dos participantes. Posteriormente, foi empregada a Evocação Livre de Palavras, com os termos indutores “homossexuais” e “homossexuais dentro das igrejas”.

A Evocação Livre de Palavras ocorreu por meio da técnica da substituição, visando encontrar a zona muda das representações dos termos que foram evocados, em que solicitamos, primeiramente, que os participantes expressassem palavras ou termos que eles acreditam que as pessoas pensam sobre o termo “homossexuais”, para, em seguida, expressassem o que eles acreditam que as pessoas de sua religião pensam sobre o termo “homossexuais dentro das igrejas”. Ressaltamos que a primeira evocação, do termo “homossexuais”, não foi o nosso interesse principal, mas sim, utilizá-la como grupo controle, para avaliar efeitos de tratamento, para observar as mudanças em relação ao nosso objetivo principal, por meio da segunda evocação.

Logo após, com os mesmos dados, foi realizada a análise de similitude. Tanto a análise prototípica, quanto a análise de similitude, foram realizadas com auxílio do *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeq 0.7 alpha 2).

Na sequência, os participantes responderam três perguntas abertas e uma fechada, sobre o tema (crenças, atitudes e comportamentos). A questão fechada solicitou que os participantes respondessem o que eles pensam sobre a uma pessoa homossexual figurar uma liderança em sua

igreja, oferecendo as opções: discordo totalmente, discordo parcialmente, nem concordo e nem discordo, concordo parcialmente e concordo totalmente.

As questões abertas abrangeram o entendimento dos participantes sobre o que pensam sobre a homossexualidade; a solicitação de comentários sobre a fala do pastor André Valadão, previamente apresentada, sobre um casal homossexual frequentar a igreja; e o relato de possíveis experiências pessoais com pessoas homossexuais dentro das igrejas. Em caso positivo, os participantes foram convidados a compartilhar essas experiências.

Após a caracterização dos participantes, o questionário iniciou com a Evocação Livre de Palavras, pois, conforme Oliveira *et al.* (2005), é prudente que este instrumento seja o primeiro contato dos participantes, para não afetar outros conteúdos que serão abordados nas perguntas abertas e fechadas.

A evocação funciona do seguinte modo:

No campo de estudo das representações sociais a técnica de evocação livre consiste em pedir ao indivíduo que produza todas as palavras ou expressões que possa imaginar a partir de um ou mais termos indutores, ou ainda em solicitar um número específico de palavras, seguindo-se de um trabalho de hierarquização dos termos produzidos, do mais para o menos importante (Oliveira *et. al.*, 2005, p. 575).

Ainda segundo Oliveira *et al.* (2005) recomenda-se que não ultrapasse o limite de seis termos evocados, visto que, a partir de sete palavras, os participantes apresentam dificuldades na evocação e rapidez, desconfigurando o caráter espontâneo da evocação. Por outro lado, reiteram que uma quantidade inferior a cinco, pode acarretar em dados insuficientes para a pesquisa.

Abriç (1994, p. 59) destaca que a principal vantagem desse método é que “a associação livre permite a atualização de elementos implícitos que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas”. Assim, esta pesquisa segue a abordagem estrutural, que consiste em apresentar os elementos ordenados em dois sistemas: sistema central e sistema periférico.

Quanto aos procedimentos de aplicação, o questionário estruturado foi divulgado por meio de redes sociais (*whatsapp*, *facebook* e *instagram*), utilizando a técnica “snowball”, mais conhecida como técnica “bola de neve”, a qual permite que um participante repasse o questionário para pessoas próximas dentro do perfil desejado pela pesquisa, ampliando o alcance da amostra (Vinuto, 2014). O questionário estruturado foi disponibilizado via plataforma *Google Forms*, acompanhado do TCLE em linguagem clara e acessível, contendo a justificativa, os objetivos da pesquisa e os

procedimentos utilizados. Esclarece-se, ainda, que os participantes poderiam recusar a participação na pesquisa, bem como, a desistência a qualquer momento, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Aos participantes que concordaram foram conduzidos a página seguinte para o preenchimento do questionário estruturado.

#### 5.4 Análise de dados

Para a Tarefa de Evocação Livre, o material foi examinado pela análise prototípica (quadro de quatro casas), em que os termos evocados foram divididos quanto à frequência e sua ordem média de evocação, para depois apresentarmos a análise de similitude. Os dados analisados na análise prototípica, geraram um quadro de quatro quadrantes que determinou o grau de centralidade dos termos dentro da estrutura das representações sociais (Naiff; Naiff, Braz, 2013).

O primeiro quadrante, localizado na parte superior à esquerda, situa os elementos do núcleo central, palavras que foram rapidamente evocadas e com alta frequência; o segundo quadrante, localizado na parte superior direita, diz respeito a primeira periferia, onde estarão palavras de alta frequência, mas que não foram prontamente evocadas; o terceiro quadrante, situado na parte inferior à esquerda, diz respeito a zona de contraste, que são elementos rapidamente evocados, mas com baixa frequência e o quarto quadrante, no canto inferior à direita, diz respeito aos elementos da segunda periferia, que são tardiamente evocados e com baixa frequência (Naiff; Naiff; Souza, 2009). A figura seguinte irá exemplificar o esquema citado.

FIGURA 14 - Ilustração do quadro de quatro quadrantes da análise prototípica das Representações Sociais

Ordem Média de Evocação (OME)				
Frequência Média	Núcleo Central	1° Quadrante prontamente evocados + alta frequência	Primeira Periferia	2° Quadrante tardiamente evocados + alta frequência
	Zona de Contraste	3° Quadrante prontamente evocados + baixa frequência	Segunda Periferia	4° Quadrante tardiamente evocados + baixa frequência

FONTE: VITTORAZZI, Dayvisson Luis; GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. Representações sociais do meio ambiente: implicações em abordagens de educação ambiental sob a perspectiva crítica com alunos da primeira etapa do ensino fundamental. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 26, p. 1-17, 2020.

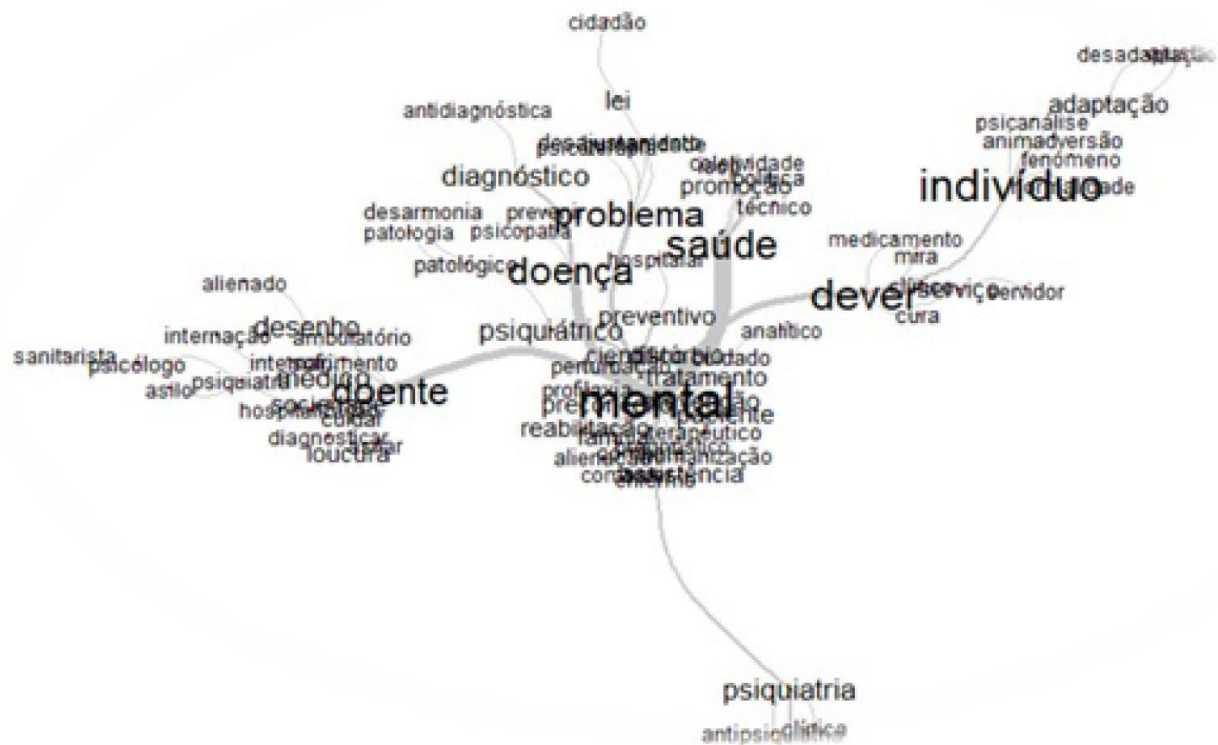


A próxima figura irá ilustrar a análise de similitude. Sobre esta análise, Sá (2002, p. 126) explica que:

A análise de similitude foi introduzida no campo das representações sociais por Claude Flament – com a participação também de outros autores, como Vergés e Degenne – já nos anos setenta, ou seja, à ocasião mesma do advento da teoria do núcleo central, tornando-se então a principal técnica de detecção do grau de conexidade dos diversos elementos de uma representação.

Desse modo, entende-se que essa análise contribui tanto na avaliação da intensidade dos termos, quanto na estrutura de suas conexões. Ou seja, apresenta “[...] a força das ligações estabelecida entre as mesmas” (Oliveira *et. al.*, 2005, p. 87). Oliveira *et al.* (2005, p. 586) acrescentam que “[...] as relações de ligação entre os termos produzidos, uma análise de distância entre os elementos de uma produção discursiva, na medida em que dois cognemas vão juntos suas ligações são mais ou menos fortes”.

FIGURA 15 - Exemplo ilustrativo da análise de similitude



FONTE: MOTA, Ana Maria Del Grossi Ferreira; MIRANDA, Rodrigo Lopes. Adoecimento Mental, Antipsiquiatria e Antidiagnóstico: Notas a Partir de Elso Arruda. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 896-916, 2022.

Na análise das questões psicossociais e caracterização dos participantes, os resultados passaram por análise descritiva (frequência e percentual). Para as perguntas abertas, foi utilizada a técnica da análise de conteúdo de Bardin (2011), respeitando as três etapas expostas pela autora: pré-análise; exploração do material e tratamento dos dados, inferência e interpretação.

#### 5.4.1 USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE APOIO

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa, em especial o ChatGPT, como apoio na redação, organização textual e no processo analítico. Essas ferramentas auxiliaram na reformulação de trechos, sugestão de estruturas argumentativas, esclarecimento de conceitos e, de forma complementar, na sugestão de categorias preliminares para a análise de conteúdo. Além disso, a IA foi utilizada como suporte para localizar referências relevantes e sugerir artigos científicos que pudessem enriquecer a discussão dos resultados. Todo o conteúdo gerado ou sugerido foi criteriosamente avaliado, selecionado e adaptado pelo autor, assegurando a integridade acadêmica e a responsabilidade intelectual do trabalho. O uso da inteligência artificial foi conduzido com base em princípios éticos, servindo como um recurso de apoio e não como substituto das decisões analíticas e interpretativas da pesquisa.

### 5.5 Questões éticas

A pesquisa foi submetida pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sendo aprovada sob o número 7.439.150, seguindo as recomendações expostas nas Resoluções de nº 510/2016 e 674/2022, que versam sobre a realização de pesquisas com seres humanos. Todos os participantes da pesquisa consentiram sua participação por meio do TCLE conforme as diretrizes das resoluções citadas.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

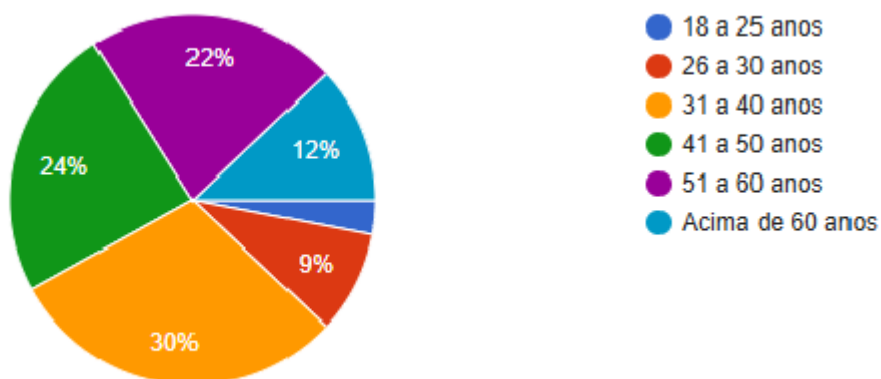
Nesta seção discorreremos dos resultados e discussões das questões fechadas, análise prototípica, análise de similitude e questões abertas.

### 6.1 Caracterização dos participantes

#### 6.1.1 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO À FAIXA ETÁRIA

Quanto à faixa etária dos participantes, 30 participantes (30%) eram de 31 a 40 anos; 24 participantes (24%) eram de 41 a 50 anos; 22 participantes (22%) são de 51 a 60 anos; 12 (12%) acima de 60 anos; nove participantes (9%) são de 26 a 30 anos e três participantes (3%) estão na faixa etária de 18 a 25 anos. A figura 16, em formato de gráfico, irá ilustrar esses dados.

FIGURA 16 - Faixa etária dos participantes da amostra



FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

O gráfico evidencia que a maioria dos entrevistados está na faixa etária dos 30 a 60 anos de idade. Este dado revela aspectos significativos acerca da dinâmica interna das igrejas pentecostais, especialmente no que tange à consagração de lideranças mais jovens. Diversos fatores podem ser elencados para justificar essa configuração. As igrejas pentecostais têm um modelo de governo diferente das igrejas tradicionais e históricas, o que facilita o surgimento de novas lideranças. No

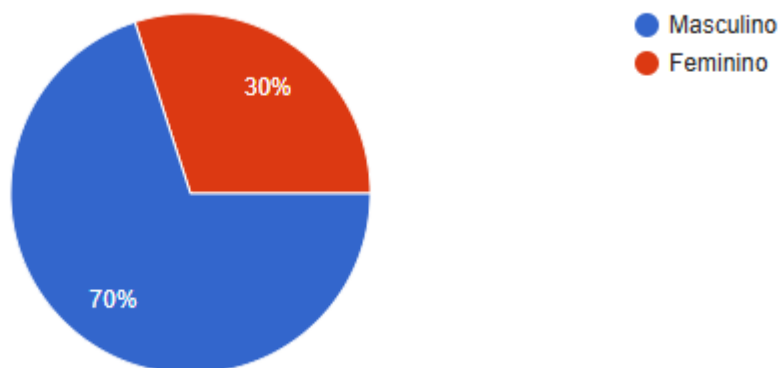
âmbito do pentecostalismo, o exercício de funções ministeriais não está necessariamente atrelado à exigência de uma formação teológica formal e rigorosa, como nas igrejas tradicionais/históricas. Ao contrário, valoriza-se o reconhecimento da vocação e a crença no “chamado divino”, ainda que a capacitação ministerial se desenvolva de maneira processual ao longo da jornada (Maurício-Júnior, 2021).

Questões de ordem social também devem ser consideradas. A presença de líderes mais jovens pode representar uma estratégia eficaz de evangelização, justamente por estarem mais próximos das vivências cotidianas da comunidade, compartilhando valores, linguagem e referências culturais comuns à sociedade contemporânea. Oliveira (2017) observa o processo de renovação geracional, pois muitas igrejas pentecostais surgiram nas décadas de 70, 80 e 90. O que contribui na necessidade de novos líderes, da geração atual, em conduzir à direção das igrejas, principalmente com influência das mídias sociais e marketing religioso. Ademais, o surgimento constante de novas igrejas pentecostais independentes contribui para que membros mais jovens fundem suas próprias denominações e ministérios, dando continuidade à expansão e à diversificação do campo religioso pentecostal no Brasil.

#### 6.1.2 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO AO SEXO

Visto que nas igrejas protestantes não é levada em consideração a diversidade de gênero, adotou-se o binarismo quanto ao sexo biológico, masculino e feminino, em que se predominou 70 (70%) de participantes do sexo masculino e 30 (30%) do sexo feminino, como mostra a figura 17.

FIGURA 17 - Sexo dos participantes da amostra



FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

Os dados apresentados indicam a predominância masculina nas lideranças das igrejas protestantes pentecostais. Este fato pode estar ligado a uma série de fatores teológicos, históricos, culturais e sociais. Muitas igrejas pentecostais adotam uma leitura literal da bíblia, especificamente em dois textos que vão contra o papel das mulheres na liderança: I Timóteo 2:12: “Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem; esteja, porém, em silêncio” (Bíblia, 1995, p. 1886) e 1 Coríntios 14:34-35:

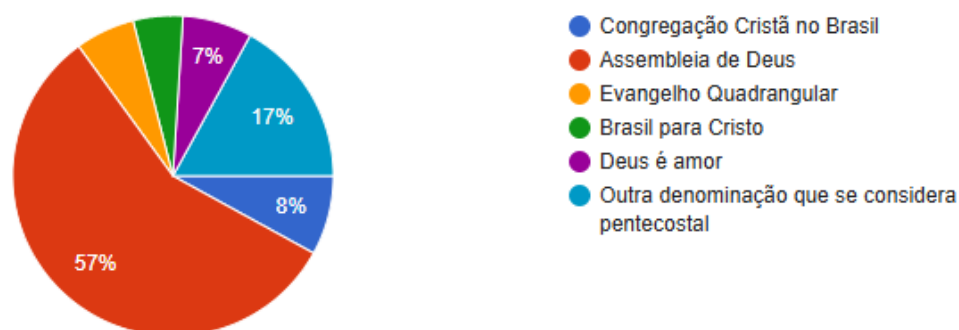
Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja (Bíblia, 1995, p. 1760).

Esses são alguns dos versículos que justificam a exclusão das mulheres nos cargos de liderança nas igrejas. Mesmo as igrejas pentecostais sendo um movimento alternativo às igrejas tradicionais, pode-se entender a cultura patriarcal em muitas comunidades, colocando a mulher em funções de cuidado e suporte, como oração, louvor e cuidado do templo (Chantal, 2017). Todavia, atualmente as mulheres têm adquirido cada vez mais espaço na sociedade, o que envolve também a liderança de igrejas. Embora 30% dos participantes desta pesquisa foram do sexo feminino, esse quantitativo pode elucidar que as mulheres estão ganhando espaços para liderarem nessas igrejas. O marco inicial do pastorado feminina se iniciou no ano de 2005, com a cantora Cassiane, que foi consagrada como primeira pastora das AD. A consagração de Cassiane representou ruptura com a tradição das igrejas pentecostais e um símbolo de representatividade feminina (Santana; Kanashiro, 2021).

### 6.1.3 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO ÀS SUAS CONGREGAÇÕES

Dentre as principais igrejas protestantes pentecostais, foi predominante a presença de líderes da AD, conforme citado na seção referente às igrejas protestantes pentecostais, que reforça as AD como as igrejas de maior expressão e quantitativo de membros no Brasil. Nesta pesquisa 57 (57%) eram líderes da AD. Também citado em outra sessão, atualmente muitas igrejas pentecostais têm surgido de forma independente, tal fato foi observado devido ao segundo maior grupo de participantes se denominar de outra denominação que se considera pentecostal sem estar entre as principais citadas com 17 (17%) dos participantes. Os demais foram oito (8%) da CCB; sete (7%) da igreja Deus é amor; seis (6%) do Evangelho Quadrangular e cinco (5%) da igreja Brasil para Cristo, conforme mostra a figura 18.

FIGURA 18 - Congregação dos participantes da amostra

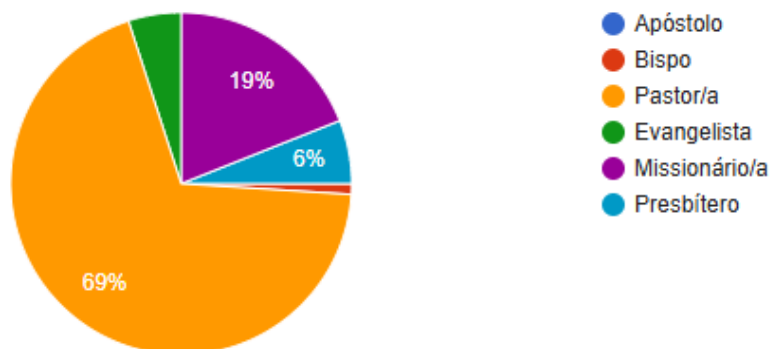


FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

### 6.1.4 AMOSTRA DOS PARTICIPANTES QUANTO AO CARGO DE LIDERANÇA ECLESIASTICA

Predominou-se a participação de pastores, com o quantitativo de 69 (69%); seguido de missionários 19 (19%); em seguida vieram os presbíteros, sendo seis (6%) participantes; cinco (5%) eram evangelistas e um (1%) tem o cargo de bispo. Dentre os participantes, nenhum se denominou como apóstolo. A figura 19 apresenta esses dados.

FIGURA 19 - Cargo eclesiástico dos participantes da amostra



FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

## 6.2 Análise das Evocações Livres de Palavras e Análise de similitude

A seguir serão apresentadas as duas evocações livres de palavras e a análise de similitude. A primeira citando os termos evocados pelos líderes de igrejas protestantes pentecostais sobre o que acreditam que as pessoas pensam sobre o termo indutor “homossexuais” e a segunda sobre o que eles acreditam que as pessoas de sua religião pensam sobre o termo indutor “homossexuais dentro das igrejas”. As palavras foram tratadas por meio da lematização, considerando em um único termo palavras com o mesmo radical e/ou mesmo sentido.

### 6.2.1 ANÁLISE PROTOTÍPICA E DE SIMILITUDE DO TERMO INDUTOR “HOMOSSEXUAIS”

Conforme citado anteriormente, esta evocação faz parte do grupo controle, apresentando resultados preliminares a evocação principal que virá em seguida. Nesta evocação, os líderes de igrejas protestantes pentecostais expressaram um total de 443 palavras evocadas com o uso do termo indutor “homossexuais”. A frequência média foi de 16; a ordem média de evocações (rang) foi de 2,7 e a frequência mínima foi de quatro.

Quadro 6 - Evocação livre de palavras do termo indutor “homossexuais”

<b>QUADRO DE QUATRO CASAS</b> <b>ANÁLISE PROTOTÍPICA (N=100)</b> $\leq 2,7$ Rangs $> 2,7$					
<b>ÁREA CENTRAL</b> Frequência $\geq 16$			<b>PRIMEIRA PERIFERIA</b> Frequência $\geq 16$		
Pecado	70	1,91	Condenação	53	3,62
Opção sexual	17	2,35	Possessão	29	2,93
			Libertação	25	3,56
			Doença	21	3
<b>ELEMENTOS CONTRASTANTES</b> (Frequência $< 16$ )			<b>SEGUNDA PERIFERIA</b> (Frequência $< 16$ )		
Arrependimento	11	2,36	Indignos	12	2,75
Abominação	11	1,91	Afronta	9	3
Gays	10	1,1	Cura	8	3,5
Seres humanos	9	1,44	Julgamento	8	4,5
Preconceito	8	2	Exclusão	7	3,29
Desvio	8	2,5	Vergonha	4	2,7
Amor	7	2,43			
Lésbicas	5	2,6			
Carência	4	1,75			

FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).



Os cognemas pecado e opção sexual fazem parte do provável núcleo central. No segundo quadrante, referente à primeira periferia, emergiram os cognemas condenação, possessão, libertação e doença. Na zona de contraste, terceiro quadrante, as cognições presentes são arrependimento, abominação, gays, seres humanos, preconceito, desvio, amor, lésbicas e carência. A segunda periferia, referente ao quarto quadrante, apresenta as cognições indignos, afronta, cura, julgamento, exclusão e vergonha. Podemos interpretar que os cognemas condenação, possessão, libertação e doença, devido a sua frequência, estão fortemente associadas ao provável núcleo central.

O cognema pecado pode ser interpretado por uma concepção moral-religiosa, evidenciado com bases nas interpretações bíblicas que configuram a prática homossexual contra a natureza da criação: relação entre homem e mulher. Outro cognema presente no provável núcleo central, a opção sexual, mostra que, para esses líderes, a homossexualidade é simplesmente uma escolha, que as pessoas optam por ser homossexuais.

Essa cognição foi muito utilizada no século passado, no entanto, caiu em desuso e é considerado inadequada, dado que a orientação sexual, termo utilizado hoje em dia, não é uma escolha consciente, sendo influenciada por diversos fatores biológicos, psicológicos e sociais (Costa; Osti, 2021). Falar de opção sexual, dá a impressão de que as pessoas homossexuais podem, a qualquer momento, “mudar” sua orientação sexual, reforçando estigmas e preconceitos, ignorando as violências sofridas pela comunidade LGBTQIAPN+, sendo o Brasil considerado o país que mais mata pessoas da comunidade no mundo (Grupo Gay da Bahia, 2025).

Os cognemas condenação, libertação, possessão e doença, apresentam caráter negativo e conservador em relação aos homossexuais. Os cognemas condenação e possessão apontam dimensões de julgamento espiritual. Pode-se compreender que, para esses líderes, ser homossexual é uma transgressão passível de punição divina (condenação) e manifestação espiritual maligna (possessão). As cognições libertação e doença podem estar associados ao discurso de transformação e como possibilidade “cura” e/ou “conversão”, patologizando a homossexualidade. Esses discursos estão frequentemente ligados às terapias de conversão sexual, rejeitadas pelos diversos dispositivos de saúde.

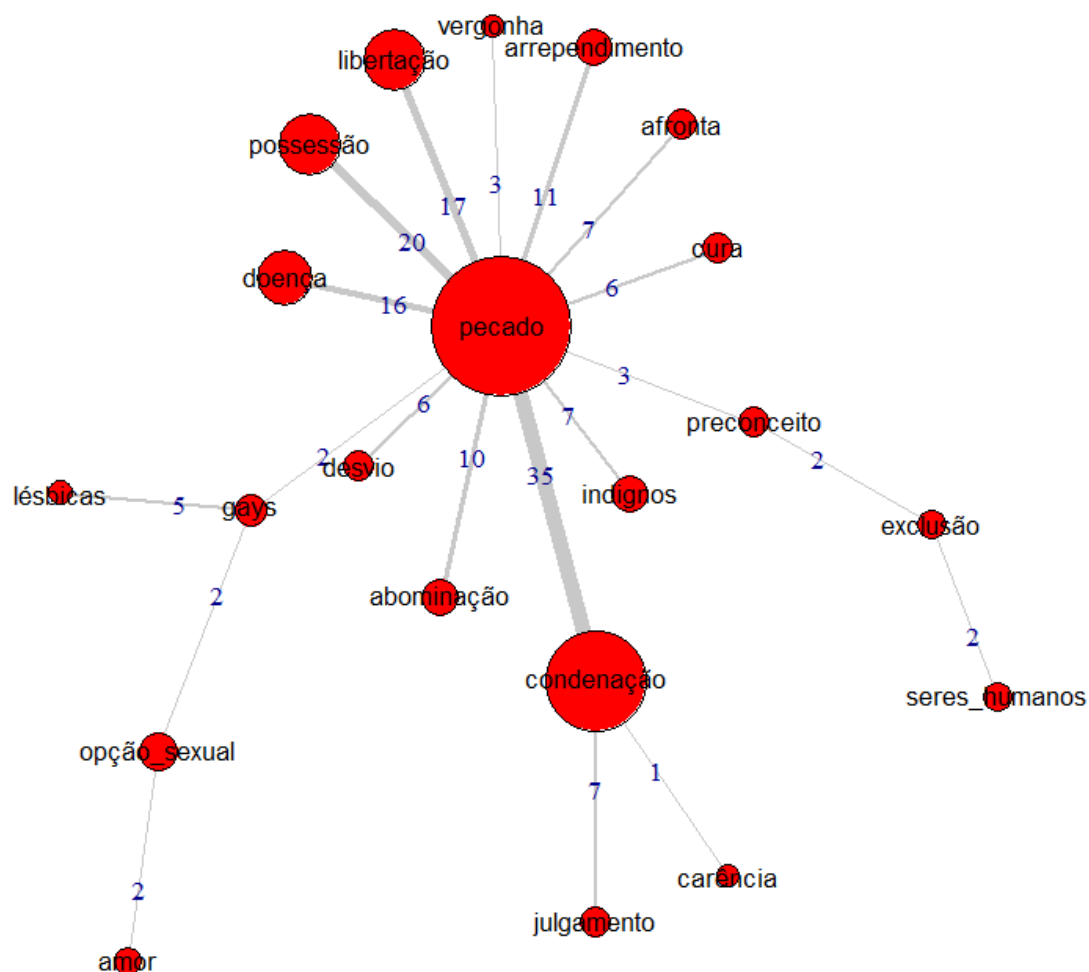
Na zona de contraste, temos os cognemas: arrependimento, abominação, gays, seres humanos, preconceito, desvio, amor, lésbicas e carência. Neste quadrante, os cognemas podem ser compreendidos como elementos normativos: abominação, desvio e arrependimento; termos

neutros: gays, lésbicas e seres humanos; e elementos dissidentes: amor, preconceito e carência. Podemos dizer que abominação e desvio reforçam o núcleo central, vinculando à homossexualidade a uma desordem natural; arrependimento pode apresentar uma possibilidade de redenção, no entanto, ligada às práticas de transformação. As cognições gays, lésbicas e seres humanos, podem indicar uma linguagem mais distante do discurso religioso, que reconhece as identidades sociais. Cognemas como amor e preconceito podem refletir um discurso muito utilizado nessas igrejas: Deus ama o pecador e rejeita o pecado.

Os cognemas na segunda periferia foram: indignos, afronta, cura, julgamento, exclusão e vergonha. A cognição indignos nos faz pensar que os líderes pentecostais acreditam que pessoas homossexuais são indígenas do amor de Deus. A cognição afronta pode ser entendida como uma ofensa ativa a Deus e sua ordem natural. Cura dialoga com a doença e libertação, associando os termos da primeira periferia. Julgamento reforça o quanto as pessoas homossexuais são julgadas por pessoas desta religião. Exclusão reforça o posicionamento de grande parte desses líderes em acreditar que pessoas homossexuais não são bem-vindas nas igrejas. E vergonha pode estar interligada à abominação, mostrando um distanciamento de convívio social com pessoas homossexuais.

A seguir apresentaremos a análise de similitude do termo “homossexuais”.

FIGURA 20 - Análise de similitude do termo “homossexuais”



FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

Nesta análise de similitude, podemos observar a ligação entre os termos evocados a partir do termo indutor “homossexuais”. Como exposto no núcleo central, o termo pecado é facilmente localizado. A imagem nos mostra que pecado e condenação aparecem juntas em 35 das evocações; pecado e possessão aparecem juntas 20 vezes; pecado e libertação aparecem juntas 17 vezes e pecado e doença 16 vezes.

### 6.2.2 ANÁLISE PROTOTÍPICA E DE SIMILITUDE DO TERMO INDUTOR

## “HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS”

O termo indutor “homossexuais dentro das igrejas”, foco principal desta pesquisa, gerou a evocação de 433 palavras. A frequência média foi de 19,25; a ordem média de evocações (rang) foi de 2,84 e a frequência mínima considerada foi de quatro.

Quadro 7 - Evocação livre de palavras do termo indutor “homossexuais dentro das igrejas”

<b>QUADRO DE QUATRO CASAS</b> <b>ANÁLISE PROTOTÍPICA (N=100)</b> $\leq 2,84$ Rangs $> 2,84$					
<b>ÁREA CENTRAL</b> Frequência $\geq 19,25$			<b>PRIMEIRA PERIFERIA</b> Frequência $\geq 19,25$		
Pecado	68	1,93	Condenação	67	3,16
Possessão	35	2,29	Libertação	24	3,29

<b>ELEMENTOS CONTRASTANTES</b> (Frequência < 19,25)			<b>SEGUNDA PERIFERIA</b> (Frequência < 19,25)		
Afronta	10	2,7	Doença	17	3,65
Desvio	7	1,86	Exclusão	15	2,93
			Abominação	14	3,5
			Cura	13	3,92
			Julgamento	10	3,5
			Acolhimento	8	2,88
			Disciplina	7	3
			Impureza	5	3,4
			Misericórdia	4	3,75
			Sujeira	4	4,25

FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

O quadro 7 nos mostra que os cognemas do provável núcleo central são pecado e possessão. No segundo quadrante, primeira periferia, estão condenação e doença. Na zona de contraste, terceiro quadrante, foram evocados os cognemas afronta e desvio. Na segunda periferia, quarto quadrante, emergiram as cognições doença, exclusão, abominação, cura, julgamento, acolhimento, disciplina, impureza, misericórdia e sujeira. A cognição condenação, presente na primeira periferia, possui ligação direta com o provável núcleo central.

Os cognemas pecado e possessão, presentes no provável núcleo central, podem ser interpretados como transgressão moral à natureza de Deus e influência espiritual maligna. A coocorrência desses termos no núcleo central sugere que a homossexualidade é representada não apenas como ato voluntário, mas como fenômeno sobrenatural a ser combatido. Este núcleo mostra que a representação é profundamente marcada por pensamentos que naturalizam a exclusão e justificam práticas corretivas e exorcistas.

O fato de relações homossexuais não contribuir para a procriação, é um dos argumentos

mais utilizadas nas igrejas protestantes pentecostais para repudiar a homossexualidade. Natividade (2006) enfatiza que os membros desta religião acreditam que a homossexualidade desafia uma ordem de mundo instaurada por Deus. Além disso, Mesquita e Perucchi (2016) observam que os protestantes colocam a homossexualidade como fenômeno destrutivo para o ambiente cristão e, também, para a sociedade. Ferreira (2024) expõe que há o pensamento de que as pessoas homossexuais são inferiores em relação ao caráter moral na sociedade, e incapazes de se igualar às comunidades cristãs conservadoras, sendo vistas como pessoas ameaçadoras.

Já quanto a possessão, Natividade e Oliveira (2009) reforçam que as igrejas pentecostais apresentam conceitualmente pensamento do binômio pecado da homossexualidade ligado a possessão. Os autores afirmam que essa “possessão demoníaca” é vista como necessária de rituais de cura e libertação, novamente reforçando o exposto anteriormente sobre as práticas de reorientação sexual. Meirelles (2017) critica o que os pentecostais entendem como possessão, ao citar que este público está em vulnerabilidade espiritual e que essa condição tem a ver com escolhas da própria pessoa.

Os cognemas da primeira periferia, condenação e libertação, podem nos relevar que, para esses líderes, a condenação pode ser consequência do pecado, cognema presente no núcleo central. Além de refletir doutrinas de juízo e práticas eclesiais de exclusão e marginalização. Natividade e Oliveira (2009) enfatizam que dentro do pentecostalismo, a religião acredita que a homossexualidade leva a condenação eterna. A libertação pode representar as práticas pastorais de orações de quebras de maldições e terapias de conversão. Natividade (2007) critica o pensamento de grande parte desses líderes que acredita que a libertação está atrelada a confissão de pecados e que isso condiciona descobrir a causa da “possessão maligna”.

A ameaça da “condenação” pode ser interpretada como equilibrada pela promessa de “libertação”. Este pensamento pode manter os indivíduos LGBTQIAPN+ em estado de vulnerabilidade espiritual. Esses cognemas são relevantes por estarem próximos do núcleo central, mas com um menor consenso entre os participantes da pesquisa. Desse modo, a primeira periferia fortalece o caráter doutrinário da representação, porém introduz certas nuances entre a rejeição e uma possível aceitação mediante a libertação.

As cognições afronta e desvio, presentes na zona de contraste, representam tensões significativas nas representações sociais, por serem elementos menos consensuais, de maior variabilidade e conteúdo que podem indicar contradições. A afronta pode estar ligada ao discurso

moral religioso, podendo ser compreendida como uma ofensa e confronto à religião (Noletto, 2016). O desvio pode estar ligado, mais uma vez, à teologia da restauração, como visão de cura e retorno ao caminho natural das leis da criação. Macedo e Sívori (2018) observam o movimento dos psicólogos que defendem a homossexualidade como um desvio patológico. Dessa forma, as cognições presentes neste quadrante podem nos indicar elementos de tensão e resistência, possivelmente de líderes mais reativos às mudanças sociais.

Na segunda periferia, emergiram cognemas que revelam mecanismos de ação institucional e tensões discursivas no tratamento da homossexualidade no contexto eclesial. Estes cognemas, embora menos centrais, são fundamentais para compreender a operacionalização prática das representações. Doença, cura, impureza e sujeira, se associam a homossexualidade como patologização. Exclusão e disciplina podem ser entendidos como mecanismos institucionais de regulação. Abominação e julgamento podem se associar ao juízo moral religioso. Acolhimento e misericórdia, podem representar certa ambivalência, o que apresenta certa contradição com grande parte do discurso conservador. Posto isso, a segunda periferia indica um espaço mais flexível e compreensível, sendo suscetível à mudança de acordo com o contexto social e teológico.

Adentrando nos conceitos de ancoragem e objetivação, é importante mencionar o conceito de ancoragem nesta pesquisa, pois vemos claramente que a homossexualidade é ancorada em categorias religiosas morais e espirituais, tais como: pecado, possessão, desvio, doença, impureza. Essa ancoragem faz com que os líderes protestantes pentecostais compreendam pessoas homossexuais dentro das igrejas em um universo de sentidos que façam sentido dentro de suas crenças religiosas.

A objetivação torna algo abstrato em algo visível ou palpável. Desse modo, os cognemas pecado e possessão são abstratos, mas ações conhecidas por meio dos rituais de exorcismos, práticas de cura e libertação. Assim como cognemas como “impureza”, “sujeira”, “cura”, “julgamento”, “disciplina” podem ser compreendidas como práticas simbólicas de objetivar a homossexualidade como algo indesejável, tratável e/ou passível de correção.

Vale destacar que o cognema pecado, presente no provável núcleo central, aparece em alguns versículos bíblicos que condenam a homossexualidade. No entanto, o cognema possessão, também presente no provável núcleo central, causa precedentes para novas discussões, visto que, uma vez que os líderes protestantes pentecostais, e demais vertentes do cristianismo, utilizam a bíblia como manual de fé, que instrui essas pessoas a pensarem e agirem, não apresenta relatos de

peessoas homossexuais estarem possessas. Os relatos da bíblia sobre pessoas possessas mostram casos de automutilação, perda de controle, convulsões, mudez e cegueira, força sobre-humana e isolamento social. Desse modo, mesmo que não haja relatos bíblicos da homossexualidade ligada à possessão, a possessão está ancorada para os participantes desta pesquisa.

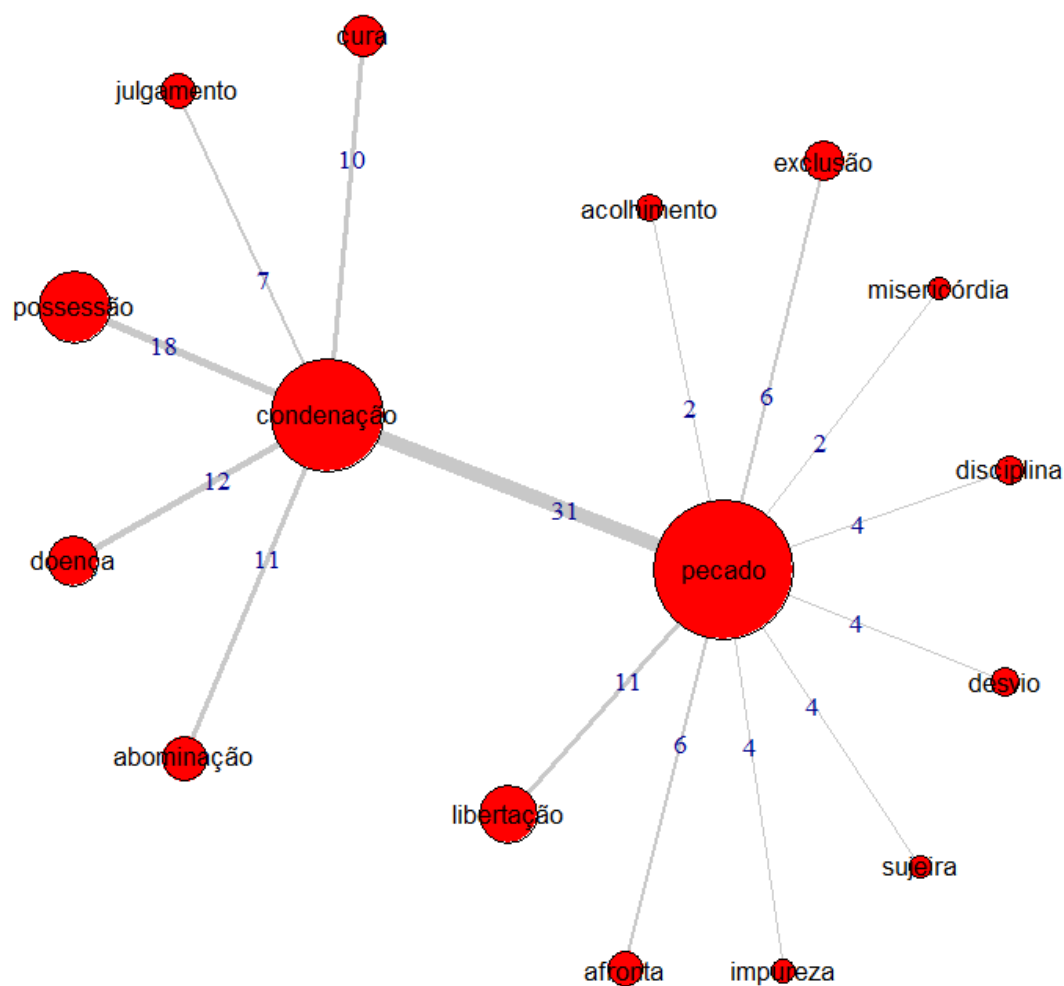
Mesmo com a diversidade de cognemas evocados, é possível perceber a existência daquilo que chamamos de área de silenciamento nas representações sociais. Trata-se de cognições que, embora estejam presentes no âmbito social, podendo influenciar o pensamento dos líderes, não foram verbalizados de maneira explícita, talvez por considerarem questões delicadas e/ou que poderiam levar a conflitos internos. A ausência de termos como “amor”, “desejo”, “fé”, “direitos”, “cidadania”, “respeito” pelas pessoas homossexuais, é um exemplo disso, sugerindo que essas ideias podem estar excluídas do que se representa ou escondidas nessa zona de silêncio.

Essa ausência pode ser compreendida por pressões normativas do grupo religioso, que não contribui para leituras e debates mais inclusivos e abrangentes. Os cognemas presentes na segunda periferia, “acolhimento” e “misericórdia”, podem ser entendidos como ambivalentes, o que reforça a hipótese, em que mesmo que apareçam, por estarem na zona periférica indicam fragilidade no consenso e possíveis tensões entre a doutrina religiosa e práticas mais inclusivas. Assim sendo, a zona muda se revela como um espaço de contradição e possível mudança nas representações, mostrando conteúdos que, possivelmente, as pessoas evitam dizer, mas que podem influenciar a forma como as pessoas pensam.

A seguir apresentaremos a análise de similitude do termo “homossexuais dentro das igrejas”.

FIGURA 21 - Análise de similitude do termo “homossexuais dentro das igrejas”





FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

Nesta análise de similitude, podemos observar a ligação entre os termos evocados a partir do termo indutor “homossexuais dentro das igrejas”. O termo pecado aparece junto de condenação em 31 evocações; pecado e libertação aparecem juntos em 11 evocações; condenação aparece junto de possessão em 18 evocações; condenação aparece junto de doença em 12 evocações e condenação e abominação aparecem juntos em 11 evocações.

### 6.2.3 COMPARATIVO DAS EVOCAÇÕES COM OS TERMOS INDUTORES “HOMOSSEXUAIS” E “HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS”

Conforme já esclarecido que a análise prototípica do termo “homossexuais” faz parte do grupo controle. E que a segunda análise prototípica, do termo “homossexuais dentro das igrejas”, é nosso interesse de estudo, a seguir apresentamos uma breve comparação dos termos evocados nas duas análises.

Quadro 8 - Comparação das evocações “homossexuais” e “homossexuais dentro das igrejas” em cada quadrante

Análise Prototípica	Evocação livre do termo “homossexuais”	Evocação livre do termo “homossexuais dentro das igrejas”
Núcleo Central	<b>pecado</b> e opção sexual	<b>pecado</b> e possessão
1ª periferia	<b>condenação</b> , possessão, libertação e <b>doença</b>	<b>condenação</b> e <b>doença</b>
Zona de Contraste	arrependimento, abominação, gays, seres humanos, preconceito, desvio, amor, lésbicas e carência	afronta e desvio
2ª periferia	indignos, afronta, <b>cura</b> , julgamento, <b>exclusão</b> e vergonha	doença, <b>exclusão</b> , abominação, <b>cura</b> , julgamento, acolhimento, disciplina, impureza, misericórdia e sujeira

FONTE: Autor (2025).

As duas evocações nos mostram, de acordo com o núcleo central, que o cognema pecado está presente tanto para o pensamento sobre os homossexuais de forma ampla, quanto para os homossexuais especificamente dentro das igrejas. Essa concepção nos faz interpretar que o cognema pecado pode estar profundamente nas representações sociais de homossexuais e

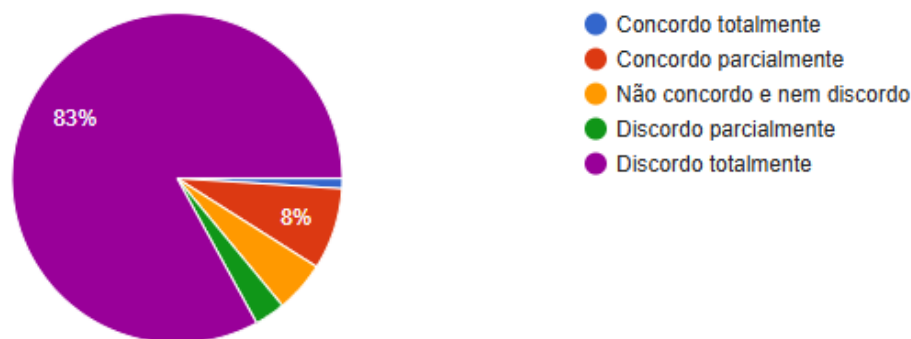
homossexuais dentro das igrejas, não só para os cristãos pentecostais, mas parte da sociedade também podem apresentar esse pensamento.

Condenação e doença estão presentes nas duas tarefas de evocação livre na primeira periferia. Nesse sentido, podemos interpretar que, mesmo a homossexualidade na contemporaneidade, não sendo compreendida como doença, há grupos que acreditam nela como tal, e que as pessoas homossexuais estão fadadas à condenação.

Cura e exclusão aparecem nas duas evocações na segunda periferia. Como citado acima, no que tange a doença, há com frequência o pensamento de que a homossexualidade pode ser curada com práticas de terapia de reversão sexual, o que vai contra o discurso científico. A exclusão é, praticamente, unanimidade quanto à presença de pessoas homossexuais nas igrejas, como foi visto com outros termos apresentados anteriormente.

### 6.3 Análise da pergunta sobre homossexuais em cargos de lideranças nas igrejas

Figura 22 - Resposta da pergunta sobre homossexuais em cargo de lideranças nas igrejas



FONTE: Instrumento de coleta de dados (2025).

A análise dessas respostas revelou a predominância de líderes que discordaram totalmente de uma pessoa homossexual liderar algum departamento, sendo representados por 83 (83%) dos participantes; oito (8%) concordam parcialmente; cinco (5%) não concordam e nem discordam; três (3%) discordam parcialmente e um (1%) concorda totalmente.

Podemos pressupor que os líderes que discordam totalmente de uma pessoa homossexual possuir algum cargo de liderança, se colocam numa condição da homossexualidade ser uma

conduta totalmente superior a outras cometidas por estes. A bíblia que rege práticas e ensinamentos dessa religião, não condena somente a homossexualidade, mas também diz que os injustos, os devassos, os idólatras, os adúlteros, os efeminados, os sodomitas, os ladrões, os avarentos, os bêbados, os maldizentes, não herdarão a salvação, acreditada por estes.

Essa resposta sugere que, embora haja avanços sociais e legais no que se refere aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, o ambiente eclesiástico, ao menos entre os participantes, é marcado por barreiras, se mostrando resistentes às diversidades. Essa resistência pode ser interpretada como uma forma de valores doutrinários considerados centrais para manutenção das igrejas, mesmo com avanços e evoluções culturais mais amplas. A quase unanimidade nas respostas também podem representar o indicativo de uma pressão interna dentro deste grupo, para manter certo alinhamento ideológico, por questões mais abrangentes e contemporâneas que envolvem gênero e sexualidade.

Pode-se imaginar que os que concordam parcialmente, entendem que todas as pessoas são pecadoras e carecem da graça de Deus, não colocando a homossexualidade algo à parte de comportamentos que podem ser julgados ou condenados dentro das igrejas. Nesse mesmo sentido, pode-se refletir nos participantes que discordam parcialmente, imaginando que estes são mais abertos ao diálogo sobre as transformações culturais que têm acontecido socialmente, não deixando a igreja fora desse cenário. Por fim, houve um líder que concordou totalmente. Mesmo que esse dado seja minoritário, pode haver um contraponto significativo. É possível idealizar que este líder, mesmo congregando em uma igreja pentecostal, seja mais flexível à determinadas práticas que envolvem a sexualidade. Além disso, pode ser que acompanhe igrejas que acolhem e cuidam de pessoas homossexuais, apresentando posturas menos ríspidas e discriminatórias.

#### **6.4 Análise de conteúdo das perguntas abertas**

Nesta seção discutiremos os resultados das três perguntas abertas analisadas pela Análise de conteúdo de Bardin, seguindo as clássicas etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. Após a etapa de pré-análise e leitura flutuante do corpus textual, foi realizado o processo de categorização e subcategorização. As respostas foram tratadas como unidades de registro, sendo posteriormente agrupadas em categorias e subcategorias temáticas exclusivas, também entendidas como categorias mutuamente excludentes. Isso significa que cada unidade de

registro se encaixa em apenas uma subcategoria dentro das categorias estabelecidas. Essa escolha metodológica teve como objetivo assegurar a clareza da análise e simplificar a quantificação dos dados organizados, prevenindo repetições ou interpretações ambíguas. As categorias foram desenvolvidas de maneira gradual, a partir da análise minuciosa das respostas, e ajustadas ao longo da codificação. Cada resposta foi examinada dentro do seu contexto original e alocada na categoria e/ou subcategoria que melhor representava a sua ideia central. Em caso de ambiguidade, ou mais de uma unidade de registro em uma única resposta (unidade de contexto) priorizamos a temática mais predominante e detalhada.

#### 6.4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PERGUNTA: O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

Elegemos cinco categorias para agrupar as respostas dos participantes: enquadramento patologizante e moralizante; determinantes da orientação sexual; homossexualidade como dimensão natural da sexualidade; tensões entre aceitação social com rejeição religiosa e discurso inclusivo sem julgamento. Devido à diversidade das respostas, foi necessário a construção de subcategorias. A seguir apresentaremos as categorias com a quantidade de registros/percentual, as subcategorias também com a quantidade de registros/percentual e a descrição das categorias.

Quadro 9 - Categorias, unidades de registro/percentual, subcategorias e descrição para análise de conteúdo da pergunta: o que você pensa sobre a homossexualidade?

Categorias	Unidades de registro/percentual	Subcategorias	Descrição
Enquadramento patologizante e moralizante	66-66%	pecado (48/48%)	Agrupam visões que patologizam ou moralizam a homossexualidade, seja por perspectivas médicas, religiosas ou psicológicas.
		traumas na infância (10/10%)	
		doença (04/04%)	
		possessão (04/04%).	

Determinantes da orientação sexual	15-15%	livre arbítrio (12/12%)	Abordam debates sobre causalidade (se a homossexualidade é determinada ou escolhida).
		fatores externos (03/03%).	
Homossexualidade como dimensão natural da sexualidade	08-08%	categoria única	Trata da fundamentação da homossexualidade como inerente ao indivíduo e como dimensão natural da sexualidade, não como escolha ou desvio.
Tensões entre aceitação social e rejeição religiosa	08-08%	preconceito/discriminação (06/06%)	Refletem espectros de aceitação ou rejeição, seja na sociedade ou em instituições religiosas.
		ambivalência entre tolerância e condenação (02/02%)	
Discurso inclusivo sem julgamento	03-03%	categoria única	Compartilham o princípio da não condenação e valorizam a igualdade.

FONTE: Autor (2025).

Aprofundaremos a seguir as falas dos participantes de acordo com cada categoria, dialogando com a literatura sobre o resultado da pergunta: o que você pensa sobre homossexualidade?

#### ENQUADRAMENTOS PATOLOGIZANTES E MORALIZANTES

Exibiremos as subcategorias dentro da categoria geral, enquadramentos patologizantes e

moralizantes: pecado, trauma na infância, doença e possessão.

## Pecado

*“A homossexualidade é um pecado grave e uma abominação aos olhos de Deus, conforme está claramente escrito na Bíblia. Em Levítico 18:22 e Romanos 1:26-27, as Escrituras deixam evidente que essa prática é contrária à vontade de Deus e ao Seu plano para a humanidade. A igreja não pode compactuar com o pecado, pois somos chamados a ser santos, separados para Deus. Homossexuais precisam se arrepender, abandonar esse estilo de vida e buscar a transformação em Cristo. A igreja é um lugar para os que desejam viver em obediência aos princípios bíblicos, e não para aqueles que insistem em viver em desobediência [...].”*  
(Participante 70).

*“A homossexualidade é um pecado, contra a vontade de Deus. É uma abominação e desvia as pessoas do caminho certo. Deus criou o homem e a mulher para se unirem, e essa prática vai contra os ensinamentos da Bíblia. Precisa de retorno e libertação.”* (Participante 71).

*“[...]a homossexualidade é um pecado, e isso não é minha opinião, é o que a Bíblia diz, em passagens como Romanos 1:26-27 e 1 Coríntios 6:9-10. Não adianta tentar distorcer a Palavra de Deus para se encaixar na agenda de uma sociedade que tenta legalizar o erro [...].”*  
(Participante 79).

*“[...]A homossexualidade é pecado, e como todo pecado, precisa ser confrontado com a luz do Evangelho. A igreja não pode fechar os olhos para isso, nem aceitar práticas que desonram a Deus.”* (Participante 84).

*“A homossexualidade é uma abominação aos olhos do Senhor, um pecado grave que corrompe a criação divina e afasta as pessoas do plano de Deus! Não podemos aceitar, nem mesmo tolerar, algo que vai contra os princípios sagrados que nos foram dados pelo Senhor. A homossexualidade é uma influência do maligno, uma distorção da natureza humana que precisa*

*ser combatida com firmeza e repudiada sem hesitação.” (Participante 91).*

As falas desses participantes recorrem a passagens da bíblia para legitimar a homossexualidade como pecado. Essa interpretação foi unânime em classificar a homossexualidade como “contrária ao plano divino”, corroborando uma visão heteronormativa de sexualidade (Silva, E., 2020). Houve ênfase na concepção de arrependimento e transformação, apontando a homossexualidade como um desvio passível de correção mediante práticas religiosas. Tal perspectiva se alinha ao controle moral, como dito por Foucault (1988), que vinculam pecado a mecanismos reguladores. A persistência em uma oposição clara entre santidade e pecado acaba por reforçar fronteiras simbólicas e práticas de exclusão institucional dentro das igrejas, como já discutido por estudiosos da religião e sexualidade (Noletto, 2016).

As informações coletadas revelam que a homossexualidade, quando vista como um “pecado”, é moldada como um erro moral a ser corrigido, o que fortalece as relações de poder dentro das igrejas. Essa perspectiva, no entanto, é diferente das ideias atuais das teologias *queer* e inclusivas, mostrando um debate em andamento que está longe de terminar.

#### Traumas na infância

*“Faltou uma criação acirrada do lado paterno, em que essa falta faz com que as decisões sejam tomadas pelo lado feminino, assim sendo, sexo feminino aceita mais as transformações do que o sexo masculino. Resumindo, falta de um pai presente.” (Participante 18)*

*“Eu sempre ouvi dizer que a homossexualidade pode ser causada por algum trauma de infância.” (Participante 31)*

*“É uma condição que pode ter sido causada por algum trauma na infância ou falta de criação paterna.” (Participante 54)*

As falas citadas revelam o discurso religioso/conservador. Associam à homossexualidade a causas familiares e/ou traumáticas, na maioria dos casos, sem base científica, mas muito presentes no imaginário social e religioso, de que a causa da homossexualidade está atrelada a traumas na



infância e/ou ausência paterna. Nesse contexto, a homossexualidade não é interpretada como uma orientação sexual legítima, mas sim, como uma “falha” no desenvolvimento psicossocial. Além disso, associar à homossexualidade a paternidade ausente, reforça a heteronormatividade compulsória, que presume que as famílias tradicionais são essenciais para o pleno desenvolvimento social (Mendes; Mori, 2023).

Essa crença de que a homossexualidade tem sua causa em traumas na infância, é sustentada por mitos sociais, sem comprovação científica, que busca enquadrar a sexualidades nos modelos normativos (Bento, 2006). Dessa forma, alimentando discursos legítimos religiosos e institucionais de poder que reforçam estigmas e transmitem discriminação.

Ao examinar as declarações, percebe-se a perpetuação de estereótipos pseudocientíficos que ainda rotulam a homossexualidade com discursos religiosos e psicológicos ultrapassados. As narrativas, embora refutadas pela ciência moderna, ainda são difundidas no senso comum, aumentando o preconceito e os discursos sem embasamento.

## Doença

*“A homossexualidade é uma doença que precisa ser curada de alguma forma.” (Participante 06)*

*“A homossexualidade deve ser curada e combatida.” (Participante 26)*

*“A homossexualidade é um câncer que tem assolado as igrejas.” (Participante 100)*

As falas citadas comunicam e condenam a homossexualidade como patologizante. Elas relacionam a homossexualidade a uma doença que deve ser curada e um mal que deve ser combatido, reverberando discursos já conhecidos que vão contra pressupostos dos direitos humanos, como as práticas de conversão sexual. Tais falas mostram que a homossexualidade não é somente vista como algo contrário a fé, mas como uma ameaça a comunidade religiosa.

Bento (2006) enfatiza que práticas religiosas que buscam “curar” a homossexualidade promovem violência simbólica e institucionalizada que contribui para o sofrimento psíquico da comunidade LGBTQIAPN+. Indo adiante, atribuir a homossexualidade a um câncer, intensifica a desumanização e o discurso de ódio religioso.

## Possessão

*“É uma possessão demoníaca.” (Participante 09)*

*“Uma triste realidade. Uma pessoa que está presa a um espírito maligno.” (Participante 60)*

*“Na nossa fé, a Bíblia é considerada a Palavra de Deus e, de acordo com essa interpretação, a sexualidade foi estabelecida por Deus como um dom para ser vivenciado dentro do casamento heterossexual, entre um homem e uma mulher. O que foge disso é influência maligna.”*  
(Participante 78)

As narrativas expostas representam um imaginário religioso ainda presente: da homossexualidade como possessão espiritual maligna. Vale o destaque que a homossexualidade e possessões espirituais estão frequentemente presentes no discurso pentecostal, como uma batalha espiritual entre Deus e diabo, ou entre o bem e o mal. Esse discurso espiritualizador atua como mecanismo de controle social e exclusão simbólica, que reforça que a homossexualidade deve ser um mal combatido e extirpado do corpo social religioso. A concepção de que pessoas homossexuais estão presas a espíritos malignos sugere o controle dos corpos no discurso religioso dito por Foucault (1988) que ainda impera na atualidade.

## DETERMINANTES DA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Dissertaremos sobre as subcategorias dentro da categoria determinantes da orientação sexual: livre arbítrio e fatores externos.

### Livre arbítrio

*“Cada um é livre para viver a sua escolha desde que assuma a responsabilidade sobre isso.” (Participante 08)*

*“É uma opção que cada um escolhe para sua vida.” (Participante 30)*

*“Penso que homem é livre para fazer suas escolhas, mas que não é o plano de Deus para vida deles. (Participante 96)*

Ainda dentro de uma perspectiva moral religiosa, as falas reverberam uma introdução a um discurso de liberdade individual. Apesar disso, a homossexualidade aqui é entendida como uma escolha pessoal e particular de cada um, do qual as pessoas devem assumir consequências. Ou seja, há uma suposta liberdade, mas não uma aceitação plena. Ainda assim, os discursos lidam com a ideia de que as pessoas homossexuais escolhem ser homossexuais, visto que os estudos atuais demonstram que a orientação sexual de cada pessoa não é uma escolha, mas sim uma condição que pode ser originária de diversos fatores. Atribuir a homossexualidade a uma decisão totalmente racional, reforça que as pessoas devem assumir suas responsabilidades e lidar com consequências, o que pode gerar conflitos internos e sofrimento psíquico, especialmente nos contextos religiosos, em que a homossexualidade não é muito bem aceita (Nogueira; Brandão, 2022).

As declarações examinadas ilustram de que maneira abordagens supostamente progressistas a respeito da homossexualidade, como a ideia de “opção”, podem, na realidade, gerar formas sutis de agressão. Ao focar unicamente no indivíduo LGBTQIAPN+, essas narrativas desconsideram tanto o conhecimento científico acerca da orientação sexual quanto os sistemas de dominação que favorecem a heterossexualidade. A divisão artificial entre “liberdade humana” e “plano divino” (participante 96) explicita a permanência de um dogmatismo religioso que se moldou à retórica da aceitação neoliberal.

#### Fatores externos

*“Não creio que seja definição genética, vejo como comportamento. Acredito que a orientação sexual seja estabelecida como a personalidade, que vem sendo influenciada pela visão de mundo, comportamento, criação, convivência, trocas e aspirações [...]”. (Participante 32)*

*“Acredito ser uma orientação adquirida por diversos fatores.” (Participante 38)*

*“É algo que a pessoa não tem controle e nem escolhas.” (Participante 42)*

Os participantes demonstraram visões sobre a homossexualidade que variam entre interpretações comportamentais, socioculturais e psicológicas. O Participante 32 declara: “não acredito que seja genético, considero um comportamento”, já o participante 38 compreende como uma “orientação adquirida por diversos fatores”, enquanto o participante 42 rejeita a noção de decisão deliberada, dizendo que “algo que a pessoa não tem controle e nem escolhas”.

A fala do participante 42 se alinha com o entendimento contemporâneo da sexualidade como algo intrínseco de cada pessoa, sendo uma característica humana complexa, que não pode ser determinada por uma única causa, seja ela genética, comportamental ou social, além de não poder ser modificada e controlada de forma voluntária (Simões; Facchini, 2009).

## HOMOSSEXUALIDADE COMO DIMENSÃO NATURAL DA SEXUALIDADE

*“Acho normal. A grande questão é que estão dando muita ênfase a homossexualidade e deixando de falar sobre diversas atrocidades que acontecem nas igrejas, como o adultério, a fornicação, violência contra as mulheres, ganância por dinheiro, etc.” (Participante 01)*

*“Que ao contrário do que muitos pensam, ninguém escolhe ser homossexual. Como escolher ser homossexual sabendo que sofrerão violências, exclusão, julgamentos? (Participante 27)*

*“Uma característica inata do ser humano, dentre tantas outras que fazem com que a pessoa esteja viva e capaz de viver todos os seus direitos e obrigações enquanto cidadão/cidadã.” (Participante 43)*

*“É uma orientação sexual que a gente não tem muita escolha.” (Participante 45)*

As falas citadas pelos participantes 43 e 45 apresentam a homossexualidade como uma dimensão natural e como característica inata. Tais falas não são tão condenatórias como outras já citadas. O participante 01 critica o exagero nessa problemática, visto que outras coisas acontecem nas igrejas e não têm a mesma relevância. Pode-se entender por meio dessa fala que a homossexualidade é frequentemente tratada como um pecado superior do que outros comportamentos e práticas que ocorrem dentro das igrejas.

Em conformidade com a orientação sexual involuntária, as falas nos mostram discursos mais próximos dos consensos científicos da atualidade, sobre a homossexualidade como uma orientação sexual involuntária, não escolhida por conta própria e inata. Essas falas nos mostram o princípio de reconhecimento da homossexualidade como dimensão natural e diversa.

A fala do participante 27 faz uma crítica ao argumento das pessoas escolherem ser homossexuais. Essa fala pode articular as consequências que as pessoas homossexuais sofrem, como violências, exclusões e julgamentos, reforçando que ninguém “optaria” por uma orientação sexual cercada de situações que vão contra os direitos humanos e sua própria segurança (Teixeira *et al.*, 2023).

## TENSÕES ENTRE ACEITAÇÃO SOCIAL E REJEIÇÃO RELIGIOSA

Nesta categoria emergiram duas subcategorias: preconceito/discriminação e ambivalência entre tolerância e condenação.

### Preconceito/discriminação

*“A pessoa ser homossexual, beleza, agora ser homossexual e cristã não é compatível.”*  
(Participante 14)

*“Acho em dia todo mundo é gay, bi, lésbica, e outras coisas. Antigamente era só homem e mulher, do jeito que Deus constituiu.”* (Participante 15)

*“Não aprovo e não quero proximidade com essas pessoas.”* (Participante 16)

*“Acredito que é um mal que tem cegado muitas pessoas, devido a essa diversidade sexual em que hoje tudo é permitido.”* (Participante 61)

As falas expressadas indicam forte rejeição contra pessoas homossexuais dentro das igrejas, principalmente em conviver com elas, entendendo que esse contato pode ser uma ameaça moral ao ambiente eclesial. Esses comentários mostram discurso excludente e de incompatibilidade entre uma pessoa ser homossexual e fazer parte da religião. A fala do participante 14, ao dizer que determinada pessoa não pode pertencer a determinada religião por conta da sua sexualidade, pode

ser encarada como exclusão e violências simbólicas (Barros; Martino, 2022).

As demais falas mostram preconceito generalizante, reforçando o que entendemos como heteronormatividade. O participante 16, ao expressar que não aprova e não quer nenhum tipo de contato com pessoas homossexuais, representa exclusão e isolamento para com as pessoas homossexuais. Já a fala do participante 61, ao dizer que a homossexualidade é um mal que tem cegado muitas pessoas, traduz uma ameaça moral. Essas narrativas não reforçam apenas estigmas, mas também reverberam em comportamentos e práticas exclusivistas.

#### Ambivalência entre tolerância e condenação

*“A homossexualidade é aceita na sociedade, mas é vista como aberração nas igrejas.”*  
(Participante 02)

*“Mesmo achando errado, a homossexualidade deve ser respeitada e não pode de maneira alguma servir como uma desculpa para ser preconceituoso ou um assassino em potencial.”*  
(Participante 19)

As falas acima mostram respeito social mínimo, junto da manutenção de condenação religiosa. Há uma negociação interna de valores, visto que parte das falas apresentam certo respeito à diversidade, junto de suas convicções morais religiosas. Dessa forma, a homossexualidade passa a ser tolerada, mas não aceita (Natividade, 2010).

#### DISCURSO INCLUSIVO SEM JULGAMENTO

*“Somos todos iguais nas diferenças.”* (Participante 12)

*“Normal porque não podemos julgar as pessoas, pois da forma que julgamos seremos julgados.”* (Participante 33)

A fala do participante 12 revela certo princípio de equidade e acolhimento a dignidade

humana, independente da orientação sexual vigente de cada pessoa. A fala do participante 33 chama a atenção para as pessoas que julgam as outras, enfatizando que todos os que julgam, também serão julgados. Dito isso, Machado *et al.* (2011) sinalizam que o discurso inclusivo pode surgir mesmo em contextos religiosos conservadores e extremistas, na tentativa de conciliar a fé com os avanços científicos e sociais que envolvem a diversidade sexual.

#### 6.4.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA FALA DO PASTOR ANDRÉ VALADÃO SOBRE UM CASAL HOMOSSEXUAL FREQUENTAR IGREJAS

Designamos quatro categorias para agrupar as respostas dos participantes: discursos de exclusão e incompatibilidade; discurso inclusivo; discurso conservador/agressivo com concordância a mensagem; e discurso crítico a abordagem com foco na transformação. A primeira categoria apresentará subcategorias: discurso de incompatibilidade e discurso de ódio. As demais categorias são categorias únicas. A seguir apresentaremos as categorias com a quantidade de registros/percentual, as subcategorias também com a quantidade de registros/percentual e a descrição das categorias.

Quadro 10 - Categorias, unidades de registro/percentual, subcategorias e descrição para análise de conteúdo da fala do pastor André Valadão sobre um casal homossexual frequentar igrejas

Categorias	Unidades de registro/percentual	Subcategorias	Descrição
Discurso de exclusão e incompatibilidade	32/32%	discurso de incompatibilidade (23/23%)	Todas expressam formas de rejeição à homossexualidade, variando em grau (da incompatibilidade doutrinária ao ódio explícito).
		discurso de ódio (09/09%)	
Discurso inclusivo	26/26%	categoria única (26/26%)	Propõem aceitação incondicional.
			Refletem posições

Discurso conservador/agressivos com concordância a mensagem	21/21%	categoria única (21/21%)	que questionam métodos, como a linguagem agressiva, mas preservam a norma heteronormativa.
Discurso crítico a abordagem com foco na transformação	21/21%	categoria única (21/21%)	Compartilham a ideia de mudança/conversão, seja como “libertação do pecado” ou espaço de mudança pessoal.

FONTE: Autor (2025).

A seguir as falas dos participantes serão agrupadas em suas categorias e subcategorias, dialogando com a literatura sobre as falas do pastor André Valadão sobre um casal homossexual frequentar igrejas.

## DISCURSO DE EXCLUSÃO E INCOMPATIBILIDADE

As respostas serão divididas nas seguintes subcategorias: discursos de incompatibilidade, e discursos de ódio.

### Discurso de incompatibilidade

*“Se a pessoa é homossexual e quer frequentar a igreja, ela precisa deixar de ser homossexual.” (Participante 02)*

*“Homossexuais não podem ser cristãos. Podem ser de outra religião, mas na nossa não.” (Participante 10)*

*“[...] qualquer pessoa pode ir à igreja, mas assumir os cargos, eu não concordo.” (Participante 25)*



*“A igreja não expulsa ninguém, pois Jesus veio para chamar pecadores ao arrependimento. Todos são bem-vindos para ouvir a Palavra e buscar transformação. Mas viver no pecado e querer que a igreja aceite como algo normal? Isso não tem base bíblica! O papel da igreja não é se adaptar ao mundo, mas sim chamar as pessoas ao arrependimento e à santidade.” (Participante 76)*

*“O pastor André Valadão falou com a clareza e firmeza que a situação exige! A igreja é a casa de Deus, um lugar santo, e não pode se tornar um refúgio para práticas que são claramente condenadas pelas Escrituras. A homossexualidade é um pecado abominável, e permitir que casais homossexuais frequentem a igreja como se nada estivesse errado seria o mesmo que compactuar com o erro e afrontar a santidade do Senhor.” (Participante 91)*

A subcategoria discurso de incompatibilidade agrega falas que, embora não proponham a exclusão direta de pessoas homossexuais das igrejas, estabelece condições para que elas permaneçam: *“deixar de ser homossexual”* (participante 02). Essa perspectiva é reforçada na fala do participante 10 ao dizer: *“homossexuais não podem ser cristãos. Podem ser de outra religião, mas na nossa não”*. O participante 76 articula um discurso de acolhimento condicional, ao dizer que todos são bem-vindos para ouvir a palavra, porém *“não para viver em pecado e querer que a igreja aceite como algo normal”*. O participante 91 coloca a presença dos homossexuais nas igrejas como compactuar com o erro e como afronta a Deus.

As falas citadas mostram realmente o discurso de incompatibilidade entre ser homossexual e ser cristão, na qual, apenas os que se enquadram no modelo heteronormativo são aceitos de forma plena. Esse padrão se alinha ao que Butler (2018) chama de regulação dos corpos, sendo reconhecidos os corpos e sujeitos que se alinham com normas e padrões impositivos, no caso, a heterossexualidade como norma. Essas narrativas dificultam o diálogo entre religião e direitos humanos, visto que depreciam a dignidade e diversidade sexual da população LGBTQIAPN+ (Bento, 2006).

Discurso de ódio

*“Não tem o que fazer, a verdade tem que ser dita, mesmo que seja dolorosa.”*

(Participante 14)

*“O pastor André Valadão foi até muito brando em sua resposta. [...] A homossexualidade é uma abominação, um pecado que clama aos céus, e permitir que homossexuais frequentem a igreja sem arrependimento e mudança de vida é uma afronta direta à santidade de Deus. A igreja não é um clube social onde cada um vive como bem entende. [...] O pastor Valadão até tentou ser delicado, mas eu diria com todas as letras: homossexualidade e igreja não combinam. Ponto final.”* (Participante 70)

*“A fala do pastor é totalmente correta. A homossexualidade é um pecado abominável aos olhos de Deus, e a igreja não pode aceitar essa prática dentro de seus muros. [...] Os gays podem frequentar outros lugares, mas na igreja, onde seguimos as orientações de Deus, não há espaço para essa prática. A Bíblia é clara: a homossexualidade é contra a vontade de Deus.”* (Participante 71)

*“Eu apoio a fala do pastor. De que adianta vir para igreja e continuar com práticas diabólicas? Se for para viver assim é melhor ficar no mundo. Para congregar em uma igreja tem que abrir mão dos seus pecados e prazeres.”* (Participante 93)

As narrativas explicitam desumanização e estigmatização frente às pessoas homossexuais. Falas como *“a verdade tem que ser dita, mesmo que seja dolorosa”* (participante 14) e *“a Bíblia é clara: a homossexualidade é contra a vontade de Deus”* (participante 71), reforça discurso de ódio declarado aos homossexuais, além de interpretar esta orientação sexual como “diabólicas”, “pecaminosas” e “contra a vontade de Deus”. É um tipo de discurso que além de excluir, demoniza e desumaniza essas pessoas.

Discursos de ódio e falas travestidas de zelo espiritual, podem causar extremo sofrimento às pessoas homossexuais. Se torna mais preocupante, o fato de parte da comunidade pentecostal não se considerar violenta e homofóbica nos casos citados, e nem como detentora de ódio e rejeição frente às pessoas que desejam se relacionar com Deus, independentemente de sua orientação sexual (McGeorge; Coburn; Walsdorf 2021).

## DISCURSO INCLUSIVO

*“A igreja é um lugar para pecadores. Se for levar à risca a fala do pastor, ninguém deve frequentar a igreja, pois todos têm algum pecado.” (Participante 01)*

*“Comentário infeliz. Essa fala extremista deveria se aplicar a todos que mentem, que adulteram, que roubam, que fazem um monte de coisas e ninguém se manifesta.” (Participante 27)*

*“Argumento infeliz. A igreja é o lugar primordial para que todos a frequentem. Independentemente de raça, cor, gênero e status social.” (Participante 38)*

*“Acho horrível a fala dele. Infelizmente não posso dizer que LGBTs deveriam ir pra igreja porque eles sofreriam bastante julgamentos e isso não é fácil, mas a igreja deveria receber quem quisesse ir buscar a Deus, Deus não faz acepção de pessoas. É horrendo o preconceito existente contra LGBTs.” (Participante 42)*

*“A igreja é chamada para acolher, ensinar e amar. Se formos fechar as portas para todo mundo que tem pecado, vish, nem o pastor ficava! A Bíblia diz que todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23), então a igreja deve ser um hospital espiritual, não um clube de gente perfeita. A questão é que a doutrina cristã tem princípios, e cada igreja decide como lidar com isso. Mas o maior mandamento é o amor. Então, em vez de mandar alguém procurar outro “clube”, talvez seja melhor convidar para conhecer Jesus de verdade e deixar Ele fazer a obra, do jeito d’Ele e no tempo d’Ele. (Participante 85)*

Essas falas apresentam uma postura mais acolhedora em contraste com falas anteriores. Elas reconhecem que todos são imperfeitos e que a igreja deve ser um espaço de acolhimento e não de julgamento e/ou rejeição. Esse contexto reverbera na fala do participante 01, que enfatiza que se fossemos levar à risca a fala do pastor, ninguém é digno de frequentar as igrejas. Assim como o participante 27 que critica a seletividade cristã, chamando a atenção com um olhar mais crítico sobre outras situações que acontecem nas igrejas.

A abordagem das falas dos participantes propõe um Cristianismo protestante mais centrado no acolhimento, na escuta e no amor ao próximo, conforme Natividade (2010) cita as igrejas inclusivas que têm crescido em solo brasileiro.

Apesar desses discursos, supõe-se que tais discursos possam ter surgido como uma resposta reativa à fala extremista e excludente do pastor. Esse cenário pode chamar a atenção, pois, segundo Natividade (2010), os espaços religiosos são marcados por conflitos e disputas simbólicas internas.

#### DISCURSO CONVERSADOR/AGRESSIVO COM CONCORDÂNCIA À MENSAGEM

*“Achei infeliz! Embora quando um pastor prega os princípios e valores que Jesus ensinou, todos os que estão em pecado são constrangidos.” (Participante 08)*

*“Foi radical ao dizer que não pode entrar em uma igreja, isso não concordo. Podem ir assistir o culto, mas congregar e participar de algum ministério só se arrependendo.” (Participante 26)*

*“A frase do pastor não está totalmente errada não, também não é tudo preto no branco, o casal pode frequentar a igreja, portanto que entenda que deve submissão e obediência a palavra de Deus, assim como todos nós, entretanto, não há espaço para que o casal pratique a ação de ser um casal gay dentro de um lugar que é explicitamente proibida essa prática de acordo com a bíblia.” (Participante 40)*

*“As palavras do pastor André Valadão refletem o que muitos dentro da Assembleia de Deus acreditam sobre o assunto. A igreja é a casa de Deus, um lugar onde se prega a santidade e a obediência à Palavra. Se a Bíblia ensina que a prática homossexual é pecado (Romanos 1:26-27, 1 Coríntios 6:9-10), então a igreja não pode se curvar às vontades do mundo, mas deve permanecer firme na doutrina. [...] No entanto, também entendo que a igreja deve estar aberta para todos que buscam a Deus, pois Cristo veio para chamar os pecadores ao arrependimento (Lucas 5:32).” (Participante 68).*

*“Concordo com a essência da fala do pastor André Valadão, pois ela reflete uma posição alinhada com a interpretação tradicional e conservadora das Escrituras que defendo. Acredito*

*que a igreja deve ser um lugar onde os princípios bíblicos são ensinados e vividos, e a Bíblia é clara ao considerar a prática homossexual como pecado, conforme passagens como Levítico 18:22, Romanos 1:26-27 e 1 Coríntios 6:9-10. [...] No entanto, também reconheço que a forma como essa mensagem é transmitida é crucial. Acredito que devemos pregar a verdade com amor e compaixão, lembrando que todos somos pecadores e precisamos da graça de Deus. A igreja deve ser um lugar de acolhimento para quem busca a Deus, mas também um lugar onde a verdade bíblica é ensinada sem comprometimento.” (Participante 69).*

*“A fala do pastor André Valadão reflete uma posição alinhada aos princípios bíblicos que muitos líderes e igrejas evangélicas defendem. A Bíblia é clara ao afirmar que a prática homossexual é considerada pecado. [...] No entanto, é importante destacar que a igreja deve ser um lugar de acolhimento e amor para todos, inclusive para aqueles que estão em pecado, pois todos nós somos pecadores e carecemos da graça de Deus. A abordagem do pastor, embora firme em sua convicção bíblica, poderia ter sido mais enfática em expressar o amor de Cristo e a disposição da igreja para ajudar aqueles que desejam buscar a Deus e viver em obediência à Sua Palavra.” (Participante 89).*

As narrativas apresentadas mostram discordância e incômodo com o teor excludente e agressivo da fala do pastor. No entanto, mostra concordância com o conteúdo da mensagem. A fala dos participantes usam enquadramentos bíblicos para justificar suas posições conservadoras, mas com moderação, para evitar rejeição social. Rausch e Prado (2024) observam o discurso de líderes religiosos que, mesmo mantendo a visão da homossexualidade como pecado, alguns adotam práticas inclusivas e acolhedoras.

## DISCURSO CRÍTICO A ABORDAGEM COM FOCO NA TRANSFORMAÇÃO

*“Foi um comentário infeliz. A fala do pastor mostra que ele não quer que os homossexuais frequentem a igreja, quer eles distantes. Eu gostaria que homossexuais frequentassem a minha igreja e fossem transformados pelo evangelho.” (Participante 52)*

*“Na igreja que eles precisam estar pra que possam ser confrontados e que possam receber a libertação e mudança necessária, Deus ama o pecador, mas rejeita o pecado.”*

(Participante 55)

*“[...] Acredito que a igreja deve ser um lugar onde todos se sintam convidados a conhecer a Jesus e a buscar a transformação em suas vidas, mesmo que isso signifique enfrentar desafios e mudanças difíceis. Enfim, acho que o pastor André Valadão estava tentando ser fiel à Bíblia, mas a forma como ele expressou isso pode ter sido um pouco rígida.” (Participante 73)*

*“[...] A fala do pastor André Valadão nesse caso é um tanto quanto equivocada. A igreja não pode se comportar como um ‘clube’ onde se escolhe quem pode ou não estar presente. A igreja de Cristo é para todos, sim, mas não é para que ninguém permaneça no pecado sem arrependimento. [...]” (Participante 79)*

*“Compreendo a intenção do pastor André Valadão em resguardar os valores bíblicos por meio de suas palavras, contudo, penso que a igreja precisa ser um refúgio para cada indivíduo, sem exceção, incluindo a comunidade LGBTQ+. Afinal, Jesus sempre acolheu os pecadores com afeto, mostrando o caminho da mudança. A Bíblia considera o homossexualismo um pecado, é verdade, mas a igreja jamais deveria isolar quem quer que seja; pelo contrário, ela deve ser um local onde todos possam escutar os ensinamentos, conhecer Jesus e sentir Seu amor transformador, sempre com amor e sinceridade.” (Participante 98).*

Embora as falas critiquem como a mensagem do pastor foi propagada, os participantes defendem que a igreja deve acolher todas as pessoas, inclusive as homossexuais, porém com o objetivo de transformação, almejando serem “transformadas” pelo evangelho. Esse cenário é percebido nas seguintes falas: “Foi um comentário infeliz. [...] Eu gostaria que homossexuais frequentassem a minha igreja e fossem transformados pelo evangelho.” (Participante 52) e “Na igreja que eles precisam estar pra que possam ser confrontados e que possam receber a libertação e mudança necessária [...]” (Participante 55).

Silva, Almeida e Dias (2020) discutem essa forma de “acolhimento transformador”. Os atores apresentam contextos que fogem de inclusão plena. Essa suposta inclusão, que ocorre em algumas igrejas pentecostais, é mascarada pela intenção “transformadora” condicionada à heteronormatividade.

#### 6.4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DA PERGUNTA: VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUMA SITUAÇÃO PESSOAL COM PESSOAS HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS? SE SIM, PODE NOS CONTAR?

Para as respostas desta pergunta, elegemos seis categorias: inclusão condicional e acolhimento ambíguo; violência simbólica e exclusão institucional; controle moral e dispositivos de correção; experiência nula; conflitos e tensões na vivência pastoral e aceitação plena. Não houveram subcategorias nesta análise. A seguir apresentaremos as categorias a quantidade de unidades de registros/percentual e a descrição das categorias.

Quadro 11 - Categorias, unidades de registro/percentual e descrição sobre experiências pessoais com homossexuais dentro das igrejas

Categorias	Unidades de registro/percentual	Descrição
Inclusão condicional e acolhimento ambíguo	27/27%	Engloba práticas de acolhimento limitado, superficial ou condicionado à mudança de comportamento, como o “ame o pecador, odeie o pecado”.
Violência simbólica e exclusão institucional	25/25%	Todas dizem respeito a experiências de rejeição ativa ou passiva, assédio, e formas de expulsão física, simbólica ou litúrgica.
Controle moral e dispositivos de	16/16%	Mecanismos de pressão para conversão ou adequação à heteronormatividade, bem como os conflitos gerados por resistências a essas expectativas.

correção		
Experiência nula	15/15%	Participantes que relataram não terem vivenciado experiências com pessoas homossexuais nas igrejas.
Conflitos e tensões na vivência pastoral	11/11%	Embates internos e institucionais vivenciados pelos líderes religiosos ao lidarem com a presença de pessoas homossexuais nas igrejas.
Aceitação plena	06/06%	Aceitação de pessoas homossexuais nas igrejas incondicionada à mudanças e transformações.

FONTE: Autor (2025).

## INCLUSÃO CONDICIONAL E ACOLHIMENTO AMBÍGUO

*“Sim, uma jovem homossexual começou a frequentar a igreja. Porém não queria mudança de vida. Apenas lhe disse o que a Bíblia diz sobre homossexualismo, se aborreceu e foi embora.” (Participante 07)*

*“Sim. Tenho amigos que têm filhos homossexuais. Eles vão na igreja, mas a presença deles incomoda o pessoal, porque eles apresentam comportamento inadequado.” (Participante 26).*

*“Sim. Uma vez vi uns jovens cochichando e rindo. Eu imaginei que estavam tramando alguma coisa. Depois me pediram para orar para abençoar um casal. Quando fui ver, eram dois homens. Eu fiquei sem reação. Apenas orei pela vida de cada um, sem proferir palavras de bênçãos sobre seu relacionamento, pois esse tipo de relacionamento não é condizente com a palavra.” (Participante 50)*



*“Sim, já vivenciei situações com pessoas homossexuais dentro da igreja. Uma vez, uma moça veio até mim após um culto, chorando, e me contou que ela se sentia atraída por outras mulheres. Ela estava muito confusa e com medo de ser rejeitada por Deus e pela igreja. Na hora, meu coração doeu por ela, porque eu sei que Deus ama todos nós, mas também entendo que a Bíblia diz que a prática homossexual não é da vontade dEle.*

*Orei com ela, e disse que Deus a amava profundamente, mas que Ele também nos chama para viver em santidade, deixando para trás tudo o que não agrada a Ele. Expliquei que a igreja é um lugar para todos que querem buscar a Deus, mas que precisamos estar dispostos a mudar e seguir os princípios da Palavra. Conversei com ela sobre o poder da oração e do Espírito Santo para nos transformar, e a encorajei a continuar buscando a Deus de todo o coração. Foi uma situação difícil, porque eu queria acolhê-la com amor, mas também não podia ignorar o que a Bíblia ensina [...]” (Participante 71)*

*“Uma vez eu estava dirigindo um culto em um ponto de pregação e uma sobrinha minha, bem arteira e levada, me pediu para eu orar por um casal de amigas, não entendi muito bem, mas fui até lá. Elas eram namoradas e pediram oração. Foi uma situação muito constrangedora para mim, mas não deixei de orar, só não usei palavras de bênçãos para elas.” (Participante 86)*

*“Sim. Aconteceu uma cerimônia de batismo, surgiu um problema sensível com dois jovens que se declararam homossexuais e queriam ser batizados. Tinham assistido às lições de discipulado e mostravam um desejo real de seguir Jesus, mas, ao serem indagados sobre a sua maneira de viver e costumes, disseram que não planeavam deixar o relacionamento homossexual. Isto colocou a direção da igreja numa situação complicada, pois o batismo é uma ação pública de crença que representa o fim do pecado e o início de uma vida nova em Jesus.” (Participante 98)*

As falas agrupadas nesta categoria evidenciam uma forma de acolhimento que, apesar de não explicitamente excludente ou agressiva, estabelece alguns limites para pessoas homossexuais estarem nas igrejas. Os relatos descrevem uma aceitação ambígua, que está atrelada à renúncia da homossexualidade. Foucault (1988) auxilia nessa análise ao evidenciar como as instituições religiosas operam como dispositivos de saber-poder, que visam normalizar condutas e moldar as

subjetividades. Desse modo, o acolhimento pleno só é possível caso haja renúncia de sua orientação sexual e submissão ao modo heteronormativo religioso.

## VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E EXCLUSÃO INSTITUCIONAL

*“Sim, já vivenciei uma situação assim em um encontro na casa de um membro da igreja. Foi durante uma reunião de oração e estudo bíblico, e um casal de homens apareceu, convidado por um dos irmãos da congregação. Eles estavam juntos há algum tempo e queriam conhecer mais sobre a igreja. Quando percebi que eles eram um casal homossexual, senti uma grande preocupação. Após o encontro, chamei o irmão que os convidou e o casal para uma conversa séria. Expliquei a eles que a Bíblia é clara ao considerar a prática homossexual como pecado, e que, se eles quisessem frequentar a igreja, precisariam se arrepender e buscar a transformação em Cristo[...].” (Participante 72)*

*“Sim, infelizmente! Certa vez, durante um retiro em um sítio, fui vítima de assédio por parte de um homem que também estava participando do evento. Foi algo que me deixou profundamente abalado, porque nunca esperei passar por algo assim, especialmente em um ambiente que deveria ser seguro e sagrado. Na época, eu estava em um momento de muita vulnerabilidade emocional, e essa experiência me deixou confuso, com raiva e até mesmo com medo. Tive que lidar com sentimentos contraditórios: por um lado, eu sabia que, como pastor, era meu dever perdoar e buscar a reconciliação; por outro, eu me sentia violado e traído. Depois de muito orar e buscar orientação, decidi confrontar a pessoa em questão, com a ajuda de outros líderes da igreja. Expliquei a ele que o que ele fez foi errado e que precisava se arrepender e buscar a transformação em Cristo [...].” (Participante 73)*

*“[...] Uma vez, muitos anos atrás, eu estava num culto de vigília, cheia do poder de Deus, louvando e glorificando bem alto. De repente, uma irmã nova na fé começou a se aproximar demais, me elogiando, dizendo que eu tinha um brilho diferente. No começo, entendi que era apenas admiração espiritual, mas aí ela começou a querer segurar minha mão demais, me abraçar com um carinho estranho e até me acariciou. Na hora, eu fiquei sem entender, mas quando percebi que o negócio estava esquisito, falei logo: “Tá amarrado em nome de Jesus!” [...]*

(Participante 76)

*“[...] Certo dia, um casal de homossexuais resolveu aparecer no culto. Eles chegaram de mãos dadas, querendo causar um impacto, como se estivessem desafiando a igreja. E eu, como pastor, não sou homem de ficar de rodeio. Quando vi aquilo, já preparei o coração para falar a verdade, porque a casa de Deus não é lugar de brincadeira. No final do culto, eles vieram até mim, meio que esperando uma recepção calorosa, mas eu fui claro e direto: ‘Olha, a igreja é lugar de pecador arrependido, não de pecador orgulhoso. Se vocês estão aqui para buscar a Deus e abandonar o pecado, sejam bem-vindos. Mas se estão aqui para defender o estilo de vida de vocês, sinto muito, mas a igreja não é o lugar certo. A Bíblia é clara: homossexualidade é pecado, e pecado não entra no céu.’” (Participante 84)*

*“Sim. Quando eu liderava o ministério de louvor passei por uma situação complicada. Um homem, claramente envolvido no pecado da homossexualidade, ousou se aproximar de mim, um servo consagrado ao Senhor, com intenções impuras e desrespeitosas! Ele, que vive em pecado e afronta a santidade de Deus, ainda teve a audácia de querer entrar no ministério de louvor, como se pudesse servir ao Senhor com mãos sujas e um coração corrompido! Imediatamente, o repreendi com firmeza, lembrando-lhe que a igreja não é lugar para imoralidade e que o ministério de louvor é um chamado santo, reservado para aqueles que vivem em obediência à Palavra de Deus. Disse a ele que, enquanto não se arrependesse e abandonasse o pecado da homossexualidade, não haveria espaço para ele no meio do povo de Deus.” (Participante 91).*

As falas dessa categoria demonstram um padrão de disciplina moral, fundamentalismo religioso e exclusão, apresentando como instituições religiosas constituem mecanismos de poder. As falas também podem ser interpretadas como violência simbólica, nitidamente quando a presença de homossexuais nas igrejas é entendida como ameaça espiritual e provocação. Dessa forma, as narrativas salientam uma exclusão institucional que coloca a homossexualidade atrelada a impureza, desobediência e afronta.

Os líderes que reverberam essas falas colocam-se como detentores e responsáveis pela doutrina religiosa do que é considerado certo e errado. Essa lógica é entendida por Foucault (1988)

como demonstrativo do poder pastoral, regulando regula o comportamento e pertencimento por intermédio de técnicas de correção, disciplina e confissão a seus líderes, sob uma perspectiva de cuidado.

## CONTROLE MORAL E DISPOSITIVOS DE CORREÇÃO

*“Sim. Dava para perceber nitidamente que um adolescente era homossexual, mas ele ficava falando de mulheres o tempo todo, só para acreditarmos que ele não era homossexual. Acabou que ele não ficou muito tempo na igreja e anos depois se assumiu.” (Participante 10)*

*“Sim. Tem um rapaz que sabemos que ele é homossexual, mas é casado e tem filhos para ser bem visto pela sociedade.” (Participante 14)*

*“Toda igreja tem pessoas que parecem ser homossexuais. Mas elas não se assumem, ficam dentro do armário. Conheço algumas que tenho certeza que são, mas não falam, até são casadas e têm filhos.” (Participante 15)*

*“Sim. Tenho um amigo que é gay, mas força uma heterossexualidade porque seu pai é pastor.” (Participante 17)*

*“Sim. Um tio meu era viado e entrou para igreja para deixar de ser. Conheceu uma mulher lá dentro, depois de um tempo de tentativas não conseguiu gostar de mulheres e saiu da igreja e voltou a sua vida anterior.” (Participante 18)*

Esses relatos demonstram formas de vigilância, coerção simbólica e autorregulação do comportamento. As narrativas mostram que os participantes presenciam performances heteronormativas dentro das igrejas para se sentirem pertencentes à comunidade religiosa. Desse modo, a heterossexualidade não é apenas uma norma moral, mas uma forma de vivência para ser bem aceito.

Essas experiências se alinham ao que Foucault (1988) chama de “dispositivos de correção”. Conceito atrelado que mostra a realidade dos participantes em que as igrejas exercem um papel de

extrema vigilância e controle. Esses dispositivos propagam técnicas sutis de vigilância e controle de comportamentos considerados por eles como desviantes. Nesse sentido, percebe-se estratégias de silenciamento e ocultamento da homossexualidade. Ao ponto de pessoas homossexuais se enquadrarem em casamentos e relações heterossexuais para estarem dentro da norma religiosa.

## EXPERIÊNCIA NULA

Esta categoria não será tão aprofundada como as demais, pois as respostas para a pergunta foram: “não” e “nunca vivenciei”.

## CONFLITOS E TENSÕES NA VIVÊNCIA PASTORAL

*“Sim. Eu conhecia um pastor que ele sempre mandava indireta para pessoas homossexuais, mas traía a esposa e a gente sabia disso.” (Participante 27)*

*“Sim. Já conheci pessoas que se assumiram homossexuais dentro da igreja. Houve um caso de um amigo que fazia parte do ministério de louvor da igreja que se relacionava com pessoas do mesmo sexo em segredo. Quando o caso veio à tona, se tornou um escândalo.”*  
(Participante 37)

*“Sim. Até engraçada por sinal. Certa vez, na igreja, durante um culto de Santa Ceia, eu estava ajudando a distribuir os elementos, o pão e o vinho, como de costume. Aí, uma irmã nova, que eu não conhecia direito, chegou para receber. Eu, querendo ser gentil e acolhedor, estendi a mão para cumprimentá-la e disse: “Que a paz do Senhor esteja contigo, irmã! É uma bênção te ver aqui na Casa de Deus. “Só que, na hora, eu não percebi que ela estava acompanhada de outra irmã, e as duas estavam de mãos dadas. Aí, ela olhou pra mim, sorriu e disse: “Obrigada, pastor. Essa é minha esposa, estamos juntas há cinco anos.” Irmão, na hora eu fiquei sem reação, porque não estava esperando aquilo. Eu fiquei ali, parado, segurando o pão e o vinho, sem saber muito bem o que dizer. Acabei só respondendo: “Ah... que bom. Que a graça de Deus esteja com vocês.” E segui em frente, mas fiquei o resto do culto pensando se eu tinha falado algo errado ou se deveria ter feito algo diferente. Depois, eu conversei com o pastor presidente*

*sobre o ocorrido, e ele me orientou a sempre agir com amor e respeito, mas sem deixar de lado os princípios da Palavra. Ele disse que a igreja é um lugar para todos que buscam a Deus, mas que também é nosso dever pregar a verdade com mansidão. Desde então, eu tenho pedido a Deus mais sabedoria para lidar com situações assim, porque, irmão, a gente quer acertar, mas às vezes fica naquela dúvida do que é certo falar ou fazer.” (Participante 82)*

*“Certo dia, após o culto, um jovem da igreja se aproximou de mim de forma um pouco mais pessoal, elogiando minha pregação e minha aparência de um jeito que me deixou desconfortável. Percebi que ele estava tentando estabelecer uma conversa com segundas intenções, então, com respeito, mas firmeza, deixei claro que minha dedicação era ao ministério e aos princípios bíblicos que sigo. Depois, procurei orientar a mãe dele com cuidado, reforçando que todos são bem-vindos na igreja, mas que devemos manter a comunhão com respeito e dentro dos valores que ensinamos. Foi uma situação delicada, mas que tratei com amor, discernimento e sem causar constrangimento. (Participante 85)*

*“Já passei por uma situação muito constrangedora. Certa vez, um grupo de jovens homossexuais começou a frequentar nossa igreja. Eles eram carismáticos, participativos e cheios de energia, mas, ao mesmo tempo, assumidamente viviam um estilo de vida que contrariava os princípios bíblicos. A situação se tornou constrangedora quando, durante um culto de jovens, um deles levantou a mão e perguntou publicamente: ‘Pastora, por que a igreja não aceita o nosso amor? Deus não é amor?’ Começaram a surgir burburinhos e gritarias e eu tive que responder com amor. Expliquei que Deus é, de fato, amor, como diz 1 João 4:8, mas que Seu amor é santo e justo. Ele nos ama incondicionalmente, mas também nos chama para uma vida de santidade, conforme Sua Palavra. Foi difícil ver a reação deles, pois alguns se sentiram ofendidos e decidiram não voltar.” (Participante 93)*

Os relatos desta categoria evidenciam tensões no ambiente religioso revelando ambivalência e contradições ao lidarem com pessoas homossexuais. Em alguns relatos pode-se perceber hipocrisia institucional e dupla moral, no caso do pastor que mandava indiretas para pessoas homossexuais, mas tinha relações extraconjugais. Essa experiência se enquadra, mais uma vez, no que Foucault (1988) explica sobre os dispositivos de correção que impõem hierarquias

morais em discursos contraditórios e ao que Bourdieu (1998) declara como violência simbólica, pois naturaliza a exclusão dos que não se enquadram nos padrões dominantes.

A fala do participante 37 diz respeito a pessoas homossexuais presentes no ministério de louvor, em que vivem sua sexualidade reprimida, demonstrando silenciamento. A narrativa da participante 82, sobre sua experiência na santa ceia, ilustra o conflito entre lidar com amor, sem deixar os princípios religiosos de lado. O caso da participante 93, que citou a palavra “santidade” para justificar sua não aceitação, mostra a linguagem religiosa que legitima o que é certo ou errado por meio do fundamentalismo religioso.

## ACEITAÇÃO PLENA

*“Na minha igreja tem homossexuais, as pessoas decidiram viver pelo evangelho e são como qualquer outra. Cada um entende as situações que carrega, somos humanos poxa vida. Nunca vi nenhum tipo de discriminação.” (Participante 41)*

*“Por várias vezes, muitas pessoas que são gays ou lésbicas vão à igreja por vários motivos, porque gostam dos louvores, gostam do ambiente, gostam das pregações e etc. É normal receber homossexuais na igreja, e pelo menos nos lugares onde eu lidero são sempre bem recebidos.” (Participante 65)*

*“Uma jovem lésbica chamada Ana chegou a nossa igreja em busca de aceitação para conciliar sua fé com sua sexualidade. Ana havia sofrido com a rejeição e o julgamento das outras comunidades religiosas que se autodenominam amigáveis e boas. No culto, ela disse sobre os sentimentos interiores aos meus braços abertos; ela estava emocionada e confusa, mas com uma mente aberta e disposta a ir em Deus. Escutava Ana com compaixão e a entusiasmava de caminhar com Deus, apoiando com amor.” (Participante 89)*

*“Sim. Tenho amigos que são homossexuais, casados que amam as canções, orações e aconselhamento. Estamos ali para atender pessoas.” (Participante 99)*

A categoria aceitação plena traz indícios que há, mesmo que forma tímida, espaços onde as

peessoas homossexuais são acolhidas de forma respeitosa, mesmo que isso ainda retrate uma realidade em menor número nas igrejas protestantes pentecostais. O acolhimento sem julgamento e/ou sem a renúncia da orientação sexual se aproxima da perspectiva defendida por Natividade (2010) sobre a comunidade LGBTQIAPN+ ser acolhida nas igrejas, juntamente com o discurso de Pinto (2016), que reforça que todas as pessoas são dignas de se relacionar com Deus.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo identificar as representações sociais de líderes protestantes pentecostais acerca de pessoas homossexuais dentro das igrejas, comparando com as representações sociais de pessoas homossexuais, sem especificar “dentro da igreja”, tendo como hipótese que a inclusão do grupo “dentro da igreja” pode gerar diferenças na estrutura das representações. Com base na teoria de Moscovici, especialmente na teoria estrutural proposta por Abric, foi possível analisar como essas representações se organizam e se expressam, reverberando tanto o conteúdo simbólico, quanto às práticas associadas.

Por meio do grupo controle, a análise prototípica do termo “homossexuais”, identificou o provável núcleo central com os cognemas “pecado” e “opção sexual”. Ao comparar com a análise prototípica do termo “homossexuais dentro das igrejas”, que revelou um provável núcleo central organizado pelos termos “pecado” e “possessão”, foi possível identificar que a estrutura em relação ao cognema pecado, se repete. Pode-se interpretar que, somente o termo “homossexuais”, sem especificar que são para pessoas da religião dos líderes protestantes pentecostais, e sem especificar que são “dentro das igrejas”, a homossexualidade é vista como pecado e como opção sexual. Ao sermos mais específicos, solicitando que expressem o que acreditam que as pessoas da sua religião pensam sobre homossexuais dentro das igrejas, o cognema pecado se repete, sem o cognema opção sexual, mas com o cognema posseção. Dessa forma, podemos supor que, quando partimos de uma visão macro (homossexuais) para uma visão micro (homossexuais dentro das igrejas), fora das igrejas a homossexualidade pode ser vista como pecado e opção sexual e dentro das igrejas pode ser vista como pecado e posseção, indicando representações fortemente enraizadas em visões moralizantes e condenatórias. Tais termos estruturam a visão dos líderes de igrejas protestantes pentecostais alimentadas por práticas sociais de rejeição e transformação das pessoas homossexuais, indo contra preceitos dos direitos humanos e da OMS (Teixeira *et al.*, 2023).

O sistema periférico expressou uma diversidade de sentidos. Os termos “libertação”, “acolhimento” e “misericórdia” apontam para uma certa tensão entre discursos tradicionais religiosos mediante transformação e ressignificação da homossexualidade. Enquanto isso, termos como “condenação”, “desvio”, “doença”, “cura”, “impureza”, ainda reverberam discursos patologizantes, violentos e discriminatórios.

A análise das perguntas abertas auxiliou a aprofundar essas representações. Os líderes

expressam palavras já ditas como pecado, possessão, doença, reforçando uma visão negativa e normativa da homossexualidade. Os comentários sobre a fala do pastor André Valadão sobre a presença de um casal homossexual frequentar igrejas, identificou uma divisão entre os discursos de exclusão, concordância com a mensagem, mas criticando o modo como foi falado. Os relatos sobre experiências pessoais com pessoas homossexuais dentro das igrejas marcam um cenário de inclusão condicionada à mudança, acolhimento ambíguo, exclusão institucional e tentativas de controle moral (Foucault, 1988; Oliveira, 2019). Embora, mesmo que de forma tímida, alguns líderes expressaram aceitação plena incondicional às pessoas homossexuais frequentarem as igrejas.

Em geral, os dados nos mostram que as representações sociais dos líderes de igrejas protestantes pentecostais, tanto no grupo controle, que apresentou os cognemas pecado e opção sexual no provável núcleo central, quanto ao especificar sobre o termo homossexuais dentro das igrejas, que apresentou os cognemas pecado e possessão no provável núcleo central, são representações hegemônicas, excludentes, violentas, moralizantes, e que associam à homossexualidade ao pecado, possessão, desvio, impureza. No entanto, nas zonas periféricas e alguns relatos das perguntas abertas indicaram algumas fissuras nesse modelo, com discursos mais compassivos e acolhedores, embora, muitas das vezes, condicionado ao aniquilamento da orientação sexual homossexual. As representações deste estudo não apenas sustentam práticas de exclusão simbólica e institucional, como também atuam como prática reguladora dos corpos e dos comportamentos dentro das igrejas (Butler, 2018; Foucault, 1988).

As contribuições desta pesquisa podem fornecer subsídios para o debate entre diversidade sexual e religiosa no Brasil, reverberando a possibilidade de repensar algumas práticas mais acolhedoras às pessoas, independentemente de seu gênero ou sexualidade. Desse modo, a pesquisa pode fortalecer estudos nas áreas da Psicologia Social, Ciências da Religião e Diversidade Sexual e de Gênero. Para a sociedade, os achados podem contribuir na busca de espaços religiosos mais acolhedores, reforçando que, mesmo de forma não tão abrangente, há igrejas inclusivas que acolhem pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ com discursos menos excludentes e mais acolhedores.

Acredita-se que a proposta desta pesquisa e seus objetivos foram alcançados. Embora, como toda pesquisa, com algumas limitações que podem ser aprofundados por novos pesquisadores. Destacamos que próximos estudos podem envolver um grupo mais abrangente de protestantes,

como os tradicionais/históricos e neopentecostais. Além disso, esta pesquisa se restringiu aos líderes, indicando que novas pesquisas podem ter os fiéis como participantes, com objetivo de verificar se há divergência quanto às representações sociais. Estudos que oportunizam a visibilidade e possibilidade de vozes da comunidade LGBTQIAPN+ sobre suas experiências nas comunidades religiosas, surgem como necessárias para o debate e discussão no meio científico.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 1994.

ABRIC, Jean. Claude. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, Denize. Cristina.; CAMPOS, Pedro. Humberto. Faria. **Representações sociais: uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 23-34. Acesso em: 18 set. 2024.

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar *et al.* Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 37, p. 516- 524, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/JhwFvPRq3LCSQTqkLgtHZ7f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

ALENCAR, Gedeon Freire. Pentecostalismos no Brasil. In: REIS, Livia *et al.* (Org.). **Dicionário para entender o campo religioso**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos de Religião, 2023. p. 139-149. Disponível em: <https://iser.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Dicionario-para-entender-o-campo-religioso-Volume-1.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

ALMEIDA, Tiago. História do Pentecostalismo Brasileiro: origem, crescimento e expansão. **Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos**, v. 8, 2021. Disponível em: <https://repas.emnuvens.com.br/revista/article/view/53/55>. Acesso em: 21 dez. 2024.

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. **Faces da História**, v. 4, n. 2, p. 58-72, 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/271/835>. Acesso em: 11 set. 2024.

APOLINÁRIO, Eleonora Beatriz Ramina *et al.* As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall-A Luta Pelo Direito de Amar”(1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou”(2015). **Epígrafe**, v. 7, n. 7, p. 97-108, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048>. Acesso em: 20 set. 2024.

ARAÚJO, Saulo de Freitas. Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. **Temas em psicología**, v. 17, n. 1, p. 9-14, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751433002.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2024.

AZEVEDO, Reinaldo. **O IBGE e a religião** — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2% , 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2>. Acesso em: 29 ago. 2024.

BALBINO, Jéfferson. O beijo gay na teledramaturgia: uma visão panorâmica. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 16, n. 41, p. 382-395, 2015. Disponível em: <https://pucpr.emnuvens.com.br/estudosdecomunicacao/article/view/22536>. Acesso em: 31 ago.

2024.

BARBOSA, Juliana. **Representatividade lésbica**: entenda a origem e o que é o termo sáfico. Metrôpolis, 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/representatividade-lesbica-entenda-a-origem-e-o-que-e-o-termo-safico>. Acesso em: 16 set. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Maria Cristina Rocha; OLIVEIRA FILHO, José Evaristo de. A inclusão de homossexuais no protestantismo. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, p. 117-135, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/index.php/rbhcs/article/view/10505>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BARROS, Andréa Kelmer de. Igrejas “inclusivas” como espaços para a luta LGBT. **Revista Vozes dos Vales**, n. 17, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2020/06/Andrea.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BARROS, Laan Mendes de; MARTINO, Bettina. Ódio, violência, negação e exclusão dos outros na sociedade midiaticizada: apresentação do dossiê. **Comunicação Midiática**, v. 17, n. 2, p. 6-9, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9075911.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BARROS, Nilma Soares; NAIFF, Luciene Alves Miguez. Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescentes: identificando representações sociais. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 240-259, 2015. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v15n1/v15n1a14.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

BASCOPE, Kezia Freitas *et al.* A reforma protestante e seus desdobramentos. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 38, n. especial, p. 160-180, 2022. Disponível em: <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2499/2096>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BECHTOLD, Leila Pessoa. Fricções entre a obra Velcro: visibilidade lesbiana nas Artes Visuais. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, v. 26, n. 46, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/118963/66423>. Acesso em: 16 set. 2024.

BELIN, Matheus de Oliveira; NEUMANN, Ricardo. História da homossexualidade no Brasil: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/e4bd27e3-acc9-4300-a8e2-6a6f4e70a31e/download>. Acesso em: 05 set. 2024.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 3ª ed. Salvador: Editora Devires, 2006. Disponível em: <https://dspace.unisa.br/server/api/core/bitstreams/fea1830f-13e7-4307-b1b1->

5de1441a93f2/content. Acesso em: 20 abr. 2025.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações (Campo Grande)**, v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/inter/a/5D44rZBWRJ5d8YCpX4GP83H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2024.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo pentecostal**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi.

**Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 3 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

Disponível em:

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34035980/psicologias\\_uma\\_introducao\\_ao\\_estudo\\_da\\_psicologia-13-edicao-3tiaragem-1999-2001-libre.pdf?1403698839=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDoutor\\_em\\_Psicologia\\_Social\\_pela\\_PUC\\_SP.pdf&Expires=1722999015&Signature=CHNDybV9~TSYnU~IL~zg9gVdcai~zZ~5uRO0amuNh6c6n7KhRGpGdd~RcVKWaB45kOe~bjFjlxo3QMBJlu3O4DXuDb2N0fDc5-3YmZqohIn-OYT-LurBYyCemC6OYQP2LSn65hqhtoz0irNV2X4hmtOjnDZEiw53CEVFwB0auGmN~-3r9huSGWefJ~JUPoQp6yzCjnM5giGTTrt5HXnzXYoXuD-xtKSHxJpdZ3YrboaKKwipvM4WcLh75t8ok9WtjriiGWXl5wpvnG7stwfLBTER014idVQTRBieQ23-Hsqho3pS-2WmnSM5qwEqR8TE7iCxMLY2~ryxWL3zfO59eiQ\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34035980/psicologias_uma_introducao_ao_estudo_da_psicologia-13-edicao-3tiaragem-1999-2001-libre.pdf?1403698839=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDoutor_em_Psicologia_Social_pela_PUC_SP.pdf&Expires=1722999015&Signature=CHNDybV9~TSYnU~IL~zg9gVdcai~zZ~5uRO0amuNh6c6n7KhRGpGdd~RcVKWaB45kOe~bjFjlxo3QMBJlu3O4DXuDb2N0fDc5-3YmZqohIn-OYT-LurBYyCemC6OYQP2LSn65hqhtoz0irNV2X4hmtOjnDZEiw53CEVFwB0auGmN~-3r9huSGWefJ~JUPoQp6yzCjnM5giGTTrt5HXnzXYoXuD-xtKSHxJpdZ3YrboaKKwipvM4WcLh75t8ok9WtjriiGWXl5wpvnG7stwfLBTER014idVQTRBieQ23-Hsqho3pS-2WmnSM5qwEqR8TE7iCxMLY2~ryxWL3zfO59eiQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 07 ago. 2024.

BONFIM FILHO, Maurício Madeira *et al.* Sexualidade e religião: a prática sexual na perspectiva das denominações protestantes. **Seminário sobre a Economia Mineira**, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/6237192.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2024.

BONOMO, Mariana; SOUZA, Lídio de. Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 31, n. 2, p. 402-418, 2013.

Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v31n2/v31n2a08.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Gestão de Produção Cultural) – Escola de Comunicação e Artes Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, p. 32, 2019. Disponível em:

[https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme\\_engelman\\_bortoletto.pdf](https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme_engelman_bortoletto.pdf). Acesso em: 30 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ–Brasil: Editora Bertrand Brasil Ltda, 1998. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?1332946646](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646). Acesso em: 24 abr. 2025.

BRADSHAW, Kate *et al.* Sexual orientation change efforts through psychotherapy for LGBTQ individuals affiliated with the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. **Journal of Sex &**

**Marital Therapy**, v. 41, n. 4, p. 391-412, 2015. Disponível em: <https://scihub.se/10.1080/0092623x.2014.915907>. Acesso em: 04 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução Nº 674, de 06 de maio de 2022**. Dispõe sobre a tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, edição 203, p. 65. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2022/res0674\\_06\\_07\\_2022.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2022/res0674_06_07_2022.html). Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas e Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Guia de prevenção das DST/AIDS e cidadania para homossexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 87 p. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manHSH01.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

BUDKE, Sidnei. O movimento da Reforma protestante & os processos de mediação religiosa. **REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 10, n. 16, p. 259-273, 2016. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/407/392>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: [https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/869762/mod\\_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%A3o.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf](https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/869762/mod_resource/content/0/Judith%20Butler-Problemas%20de-g%C3%A3o.Feminismo%20e%20subvers%C3%A3o-da%20identidade-Civiliza%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira-%202018.pdf). Acesso em: 23 abr. 2025.

CABECINHAS, Rosa. Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste. In Martins, M.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Org.). **Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media**, Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, 2006. p. 183-214. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55607229.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. A morte da clínica: movimento homossexual e luta pela despatologização da homossexualidade no Brasil (1978-1990). **Anais do Simpósio Nacional de História, Florianópolis, SC, Brasil**, v. 28, 2015. Disponível em: [https://d1wqtxs1xzle7.cloudfront.net/43220121/A\\_Morte\\_da\\_Clinica.\\_Movimento\\_Homossexual\\_e\\_Luta\\_pela\\_Despatologizacao\\_da\\_Homossexualidade\\_no\\_Brasil\\_1978-1990-libre.pdf?1456799079=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA\\_Morte\\_da\\_Clinica\\_movimento\\_homossexual.pdf&Expires=1727219136&Signature=EhCB9gJgsWxYaoHNOOtVF6hDaOxBfgSy5T4-kMwCSXzKksKcbOUZ7WqkoodGgS~oKVgHxvFjj~CzNkCOxsP2FaAhtnGsShQvIx8fME5bTVtHFWU82n~MJK9DsKMRwoC0eXOHfSDGrBKNFJ9Sa8Cp2nncZI4hzXuysOQbEPRSWT4KQkI3PzaLdGXHe1Wzol7sVBI2cenjyf4R0vfaIfT02Qzu7Q-](https://d1wqtxs1xzle7.cloudfront.net/43220121/A_Morte_da_Clinica._Movimento_Homossexual_e_Luta_pela_Despatologizacao_da_Homossexualidade_no_Brasil_1978-1990-libre.pdf?1456799079=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_Morte_da_Clinica_movimento_homossexual.pdf&Expires=1727219136&Signature=EhCB9gJgsWxYaoHNOOtVF6hDaOxBfgSy5T4-kMwCSXzKksKcbOUZ7WqkoodGgS~oKVgHxvFjj~CzNkCOxsP2FaAhtnGsShQvIx8fME5bTVtHFWU82n~MJK9DsKMRwoC0eXOHfSDGrBKNFJ9Sa8Cp2nncZI4hzXuysOQbEPRSWT4KQkI3PzaLdGXHe1Wzol7sVBI2cenjyf4R0vfaIfT02Qzu7Q-)

ID7PIED~jMTadLH6NmQBDIn~~BgSBW7BIzwbI02E3XDGMwBFilsUht-tlak11CWGLr-ATm6r4L4LnC7Fp5n8~oP53NEFI2FSbVKDyEio3ct4NkeQhaVcXjrMJzA\_\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 24 set. 2024.

CARVALHO, Lucileine. **Gil do Vigor falando de Deus**. (1min35seg). 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rv7iW9KpDT4>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CASTRO, Yasmin. **QIAPN+: entenda como novas letras da sigla LGBT reforçam busca por representatividade**. O Globo, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/06/28/qiapn-entenda-como-novas-letras-da-sigla-lgbt-reforcaram-busca-por-representatividade.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2024.

CHANTAL, Graziela Rodrigues da Silva. Agora que são elas: as mulheres como líderes eclesiais. **Annales Faje**, v. 2, n. 4, p. 75-82, 2017. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/download/3871/3935/12874>. Acesso em: 22 abr. 2025.

CISCATI, Rafael. **LGBTQIA+:** o que a sigla significa, e por que ela muda de tempos em tempos. Brasil de Direitos, 2019. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/por-que-a-sigla-lgbtqia-mudou-ao-longo-dos-anos/>. Acesso em: 30 set. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Posicionamento do Sistema de Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade**. GT Nacional Laicidade e Psicologia. 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 013/2007, de 14 de maio de 2007. **Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro**. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao\\_CFP\\_nx\\_013-2007.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf). Acesso em: 10 out. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 001, de 22 de março de 1999. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual**. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf). Acesso em: 18 mar. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Tentativas de Aniquilamento de Subjetividades LGBTIs**. 1ª ed. Brasília: 2019. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP\\_TentativasAniquilamento\\_WEB\\_FINAL.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/CFP_TentativasAniquilamento_WEB_FINAL.pdf). Acesso em: 04 out. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução nº 175, de 13 de maio de 2013. **Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em**



**casamento, entre pessoas de mesmo sexo.** Disponível em: [https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao\\_175\\_14052013\\_16052013105518.pdf](https://atos.cnj.jus.br/files/resolucao_175_14052013_16052013105518.pdf). Acesso em: 01 out. 2024.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ. Nota Técnica CRP-PR 001/2015, 13 de março de 2015. **Confissão de Fé e a Atuação Profissional.** Disponível em: <https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Nota-Tecnica-CRP-PR-001-2015-Confissao-de-Fe-e-Atuacao-Profissional.pdf>. Acesso em: 10 out 2024.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO DE JANEIRO. **Nota de esclarecimento do Conselho Regional de Psicologia CRP sobre titulação em “Psicologia Cristã”.** 2017. Disponível em: [HTTP://WWW.CRPRJ.ORG.BR/SITE/NOTA-DE-ESCLARECIMENTO-DO-CRP-RJ-SOBRE-TITULACAO-EM-PSICOLOGIA-CRISTA/](http://www.crprj.org.br/site/nota-de-esclarecimento-do-crp-rj-sobre-titulacao-em-psicologia-crista/). Acesso em: 15 nov. 2024.

COSTA, Elvio Carlos da; OSTI, Andréia. Concepções acerca da homossexualidade: representações de professores da educação profissional. **Revista Científica do UniRios**, p. 385-410. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/77/77>. Acesso em: 13 abr. 2025.

COSTA, Luisa Brandão *et al.* Ansiedade ou cisheteronormatividade? Um estudo de caso na clínica em psicologia sócio-histórica. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 11, n. 1, p. 65-82, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/download/37547/37433/157851>. Acesso em: 31 ago. 2024.

CRUZ, Fernanda Luzia da. **Sorria, Jesus te aceita! Um estudo sobre a Igreja Cristã Contemporânea de Belo Horizonte.** 2018. 52 f. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22929/3/SorriaJesusAceita>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CURTIS, Alvim. Kenneth; LANG, John. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo.** São Paulo: Vida, 2003, Disponível: <https://bencaosdiarias.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/11/os-100-acontecimentos-mais-importantes-da-historia-do-cristianismo1.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 571 p. *Descritores em Ciências da Saúde: DeCS.* 2018. ed. rev. e ampl. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, 2017. Disponível em: <https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=56859>. 31 ago. 2024.

DIAS, Julio Cesar Tavares. Perspectivas da Psicologia da Religião. **Revista Caminhando** v. 22, n. 2, p. 97-115, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229072153.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

DIAS JUNIOR, Jocimar Soares. Notas sobre a frescura e a fanhonice em É Fogo na

Roupa!(Watson Macedo, 1953). **Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 9, n. 2, p. 46-66, 2020. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/701/414>. Acesso em: 14 out. 2024.

Dicionário On-line de Português. **Virago**, s.d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/virago/>. Acesso em: 16 set. 2024.

DOISE, Willem. L'ancrage dans les études sur les représentations sociales. **Bulletin de psychologie**, v. 45, n. 405, p. 189-195, 1992. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/bupsy\\_0007-4403\\_1992\\_num\\_45\\_405\\_14126](https://www.persee.fr/doc/bupsy_0007-4403_1992_num_45_405_14126). Acesso em: 15 out. 2024.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. 3 ed. São Paulo: São Paulo, 2008.

FACCHINI, Regina. **“Sopa de letrinhas”? Movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos 90**: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 245 p., 2022.

FARIAS, Mariana de Oliveira. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 104-115, 2010. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/431/410>. Acesso em: 31 ago. 2024.

FARO, Julio Pinheiro. Uma nota sobre a homossexualidade na história. **Revista Subjetividades**, v. 15, n. 1, p. 124-129, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692015000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014). Acesso em: 12 set. 2024.

FERNANDES, Baltazar. **Metodologias de Estudo nas Representações Sociais**. 2012. 128 p.

FERRAZ, Thaiz. **Movimento LGBT**: a importância da sua história e do seu dia. Politize, 2017. Disponível em: [https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20movimento%20LGBT,militar%20\(1964%2D1985\).&text=O%20peri%C3%B3dico%20frequentemente%20denunciava%20a,Ferro's%20Bar%2C%20frequentado%20por%201%C3%A9sbicas](https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20movimento%20LGBT,militar%20(1964%2D1985).&text=O%20peri%C3%B3dico%20frequentemente%20denunciava%20a,Ferro's%20Bar%2C%20frequentado%20por%201%C3%A9sbicas). Acesso em: 20 set. 2024.

FERREIRA, Rubio José; SILVA, Moizes Generino da. A organização eclesial da Comunidade Cristã Nova Esperança: Entre acolhimentos e desacolhimentos. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 2292-2307, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n40p2292/9061>. Acesso em: 04 out. 2024.

FERREIRA, Wagner de Sousa. **A homossexualidade entre os batistas**: paralelos entre a

ordenação de pastoras na Convenção Batista Brasileira e a inclusão de homossexuais nas igrejas. 2024. 175 f. Tese (Doutorado em Ministério) - Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, 2024. Disponível em: <https://adelpa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/fa0b84f0-f917-418b-925e-57b01e841773/content>. Acesso em 13 abr. 2025.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. **Educação sexual: em busca de mudanças**, p. 187-208, 2009. Disponível em: [http://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao\\_Sexual\\_Em\\_Busca\\_de\\_Mudancas.pdf](http://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Em_Busca_de_Mudancas.pdf). Acesso em: 26 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/05/foucault-m-histoc81ria-da-sexualidade-i-vontade-de-saber.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. 18 ed. rev. - São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

FREITAS, Allan Felipe de. **Quem tem moral para falar?** As representações sociais de usuários do YouTube sobre as controvérsias morais emergentes no transcurso do governo Bolsonaro (2019-2022). 2024. 24 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/23021/2/Tese%20-%20Allan%20Felipe%20Santos%20de%20Freitas%20-%202024-%20Completa.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

FREITAS, Letícia Souza de. Minorias sexuais e de gênero, o estigma social e a sociedade de risco. **Saúde & Transformação Social**. Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2019. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/5914>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos** (1926-1929). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRITZEN, Brena Hennemann et al. Uma experiência homoafetiva masculina na adolescência a partir da análise da série Sex Education. **Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 292-323, 2021. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rppp/article/view/4919/3627>. Acesso em 18 set. 2024.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 128 p.

GANZEVOORT, R. Ruud; OLSMAN, Erik; VAN DER LAAN, Mark. Lutando com a

homossexualidade. **Estudos Teológicos**, v. 52, n. 2, p. 404-422, 2012. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/288/405](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/288/405). Acesso em: 31 ago. 2024.

GERSTENBERGER, Erhard S. A Bíblia e o nosso comportamento: reflexões sobre os Dez Mandamentos. **Estudos Teológicos**, v. 19, n. 2, p. 55-66, 1979. Disponível em: [http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1363/1313](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1363/1313). Acesso em: 18 ago. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 16 out. 2024.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. As representações sociais e o estudo do fenômeno do campo religioso. **Revista Ciências da Religião-História e Sociedade**, v. 2, n. 2, p. 38-60 2004. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2315/2164>. Acesso em: 17 ago. 2024.

GOMES, Tiago de Fraga. Jesus Cristo como revelação da justiça e da paz. **REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 12, n. 19, p. 177-197, 2018. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/650/610>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 3 ed. Unesp, 2022. 654 p.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório 2024 de Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, Grupo Gay da Bahia**, 2025. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2025/01/27/observatorio-2024-de-mortes-violentas-de-lgbt-no-brasil-grupo-ggb/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

HOGA, Luiza Akiko Komura; BORGES, Ana Luiza Vilela. **Pesquisa Empírica em Saúde: Guia prático para iniciantes**. 2016. 1ª ed. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2016. 164 p. Disponível em: [https://www.ee.usp.br/cartilhas/pesquisa\\_empirica\\_saude\\_2016.pdf](https://www.ee.usp.br/cartilhas/pesquisa_empirica_saude_2016.pdf). Acesso em: 16 out. 2024. <https://core.ac.uk/download/pdf/328079778.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: população residente por religião**, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 29 ago. 2024.

JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. 2012. 302 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30381159.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2025.

JODELET, D. Representação social: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & sociedade**, v. 16, p. 20-31, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1980.

JUNG, Gowoon. Evangelical protestant women's views on homosexuality and LGBT Rights in Korea: The role of confucianism and nationalism in heteronormative ideology. **Journal of Homosexuality**, v. 68, n. 13, p. 2097-2121, 2021. Disponível em: <https://sci-hub.se/10.1080/00918369.2020.1804254>. Acesso em: 04 out. 2024.

LIMA, Adriano Sousa. A teologia trinitária como contribuição para o diálogo inter-religioso no pentecostalismo brasileiro. **Estudos Teológicos**, v. 58, n. 2, p. 436-451, 2018. Disponível em: [http://198.211.97.179/periodicos\\_novo/index.php/ET/article/view/677/589](http://198.211.97.179/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/677/589). Acesso em: 19 ago. 2024.

LIMA, Luiz Vanderley Vasconcelos de. **O senso comum como fator de adesão às igrejas neopentecostais**. 2010. 153 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/15108/1/Tese\\_Luiz%20Vanderley.pdf](https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/15108/1/Tese_Luiz%20Vanderley.pdf). Acesso em: 17 ago. 2024.

LIONÇO, Tatiana. Psicologia, democracia e laicidade em tempos de fundamentalismo religioso no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. esp. p. 208-223, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/t87YD9SWxKQtmHxrKmxJbZs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LOUREIRO, Claudia **Mudança de sigla de GLBT para LGBT divide comunidade gay**. O Globo, 2008. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL597188-5606,00-MUDANCA+DE+SIGLA+DE+GLBT+PARA+LGBT+DIVIDE+COMUNIDADE+GAY.html>. Acesso em: 30 set. 2024.

MACEDO, Cleber Michel Ribeiro De. A "cura gay" desde 1950. **Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos**. Rio de Janeiro, 28 nov. 2018. Disponível em: <https://clam.org.br/campanhas-e-direitos/linha-do-tempo/20533/#:~:text=A%20%22cura%20gay%22%20desde%201950&text=O%20quadro%20ilustra%20a%20trajet%C3%B3ria,conhecido%20como%20%E2%80%9Ccura%20gay%E2%80%9D>. Acesso em: 18 set. 2024.

MACEDO, Cleber Michel Ribeiro De; SÍVORI, Horacio Federico. Repatologizando a homossexualidade: a perspectiva de "psicólogos cristãos" brasileiros no século XXI. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 4, p. 1415-1436, 2018. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/4518/451859498020/451859498020.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

MACHADO, Maria das Dores Campos *et al.* Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, v. 11, n. 1, p. 75-104, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6031/4377>. Acesso em: 10 set. 2024.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos (Descobrimos o Brasil)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

MARCELLOS, Cintia Fernandes; ARAÚJO, Saulo de Freitas. A Questão da Consciência na Psicologia de Wilhelm Wundt. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 311-332, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844634016.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

MARTELLI, Anderson; MARTELLI, Fabiana Palermo. Fenômenos e acontecimentos descritos nas escrituras sagradas são endossados pela ciência contemporânea. **Brazilian Journal of Technology**, v. 3, n. 3, p. 90-102, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJT/article/view/17670/14336>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MATOS, Alderi Souza de. A Reforma Protestante do século XVI. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, p. 1-20. 2011. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai fae/article/view/24/43>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MAURÍCIO-JUNIOR, Cleonardo. O pastor como hiperconvertido: uma etnografia da constituição do líder pastoral. **Religião & Sociedade**, v. 41, n.1, p. 125-148, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/gVkhHsC9WQPkWYhxL5Vxqv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 abr. 2025.

MCGEORGE, Christi R.; COBURN, Katelyn O.; WALSDORF, Ashley A. Christian Mainline Protestant Pastors' Beliefs About the Practice of Conversion Therapy: Reflections for Family Therapists. **Journal of Marital and Family Therapy**, v. 47, n. 3, p. 698-712, 2021. Disponível em: <https://sci-hub.se/10.1111/jmft.12447>. Acesso em: 04 out. 2024.

MEIRELLES, Beatriz Brandão. **Do governo de corpos ao “autogoverno das almas”**: drogas, crime e fé num centro de recuperação pentecostal. 2017. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2017. Disponível em: [https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312332\\_2017\\_completo.pdf](https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1312332_2017_completo.pdf). Acesso em: 27 abr. 2025.

MENDES, Eber da Cunha. Causas religiosas da reforma protestante. **Revista Teológica Doxia**, v. 2, n. 3, p. 47-65, 2017. Disponível em: <http://www.ead.soufabra.com.br/revista/index.php/teologia/article/view/14/17>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MENDES, Rodrigo Prata; MORI, Valéria Deusdará. A família nos processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 14, n. 1, p. 304-323, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21446/209209217687>. Acesso

em: 20 abr. 2025.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 43-51, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/NDdhJbHGFccwNG3CZX7sstr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 105- 114, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kkcQJggKT3GTTWpLggHDXSb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2024.

MESQUITA, Teresa Cristina Mendes de. **Homossexualidade: constituição ou construção?** 2008. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2604/2/20360148.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

MIGUEL, Isabel. Cerca. Representações sociais: emergência e abordagens teóricas de uma teoria psicossocial do pensamento social. In: VALENTIM, Joaquim. Pires. (Org.). **Representações sociais: para conhecer o senso comum**. Lisboa, Edições Silábo, 2022. p. 40-53.

MIRANDA, Punita. C. G. Jung e a Religião. **Self - Revista Junguiana do Instituto de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://self.emnuvens.com.br/self/article/view/35/287>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MOREIRA, Maicon da Silva. **A memória social da religião evangélica em Paracambi entre os anos de 1970 a 2000**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/14522/3/2019%20-%20Maicon%20da%20Silva%20Moreira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **El psicoanálisis: su imagen y su público**, Huemal. Buenos Aires, 1979. 363 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOTA, Ana Maria Del Grossi Ferreira; MIRANDA, Rodrigo Lopes. Adoecimento Mental, Antipsiquiatria e Antidiagnóstico: Notas a Partir de Elso Arruda. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 896-916, 2022. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812022000200896](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812022000200896). Acesso em: 17 out. 2024.

MOTTIER, Véronique. **Sexuality: a very short introduction**. New York: Oxford University

Press, 2008. Disponível

em: <http://dickyricky.com/books/A%20Very%20Short%20Introduction/Sexuality%20-%20A%20Very%20Short%20Introduction%20-%20V%C3%A9ronique%20Mottier.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.

NAIFF, Denis Giovani Monteiro; NAIFF, Luciene Alves Miguez; SOUZA, Marcos Aguiar de. As representações sociais de estudantes universitários a respeito das cotas para negros e pardos nas universidades públicas brasileiras. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 219-232, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844628017.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

NAIFF, Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovani Monteiro; BRAZ, Alcina Maria Testa. Representações sociais de professores sobre a qualidade de vida dos seus alunos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 563-585, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n2/v13n2a10.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; LIMA, Larissa de Mello; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Homossexualidade masculina nos prontuários do Sanatório Pinel, 1920-1940: um estudo de compreensão dos dispositivos de controle social. **Informação & Sociedade**, v. 30, n. 1, p. 1-20, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Nascimento-12/publication/343756450\\_Homossexualidade\\_masculina\\_nos\\_prontuarios\\_do\\_Sanatorio\\_Pinel\\_1920-1940\\_um\\_estudo\\_de\\_compreensao\\_dos\\_dispositivos\\_de\\_controle\\_social/links/5f568e81458515e96d38f151/Homossexualidade-masculina-nos-prontuarios-do-Sanatorio-Pinel-1920-1940-um-estudo-de-compreensao-dos-dispositivos-de-controle-social.pdf?origin=journalDetail&\\_tp=eyJwYWdlIjoiam91cm5hbERldGFpbCJ9](https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Nascimento-12/publication/343756450_Homossexualidade_masculina_nos_prontuarios_do_Sanatorio_Pinel_1920-1940_um_estudo_de_compreensao_dos_dispositivos_de_controle_social/links/5f568e81458515e96d38f151/Homossexualidade-masculina-nos-prontuarios-do-Sanatorio-Pinel-1920-1940-um-estudo-de-compreensao-dos-dispositivos-de-controle-social.pdf?origin=journalDetail&_tp=eyJwYWdlIjoiam91cm5hbERldGFpbCJ9). Acesso em: 18 set. 2024.

NASCIMENTO, Mara Regina do; PEREIRA, Vinicius Roesler. As igrejas inclusivas no Brasil. Os casos da Igreja Cristã (ICI), de Uberlândia/MG, e da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). **Cadernos de Pesquisa CDHIS**, Uberlândia, v. 35, n. 2, p. 197-227, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/download/66877/35380/304339>. Acesso em: 04 fev. 2025.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, Gênero e Cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 1, p. 125-132, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LQHjv7CsL3dNGrXzDmMBFzv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma família como outra qualquer: Casamento igualitário e novas famílias em igrejas evangélicas LGBT. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 33, n. 16, p. 343-372, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/gn6fCKgpZ5CVnHJ338cudVc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.



Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/JwDwM3nzMBmY6js57YBmn7P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2025.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. **Tomo**, v. n. 14, p. 203-227, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/504/420>. Acesso em: 24 abr. 2025.

NATIVIDADE, Marcelo. O combate da castidade: autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais. **Debates do NER**, v. 8, n. 12, p. 79-106, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/5239/2968>. Acesso em: 27 abr. 2025.

NEGRÃO, Felipe da Costa; RAMOS, Érika da Silva. Homossexualidade e repressão religiosa: reflexões sobre a sexualidade a partir do filme Orações para Bobby. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 3, n. 4, p. 73-88, 2021. Disponível em: <http://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/253>. Acesso em: 02 out. 2024.

NOGUEIRA, Léo Carrer; BRANDÃO, Fagner Alves Moreira. Homossexualidade em questão: a formação das Igrejas Cristãs Inclusivas em Goiás e sua inserção no mercado religioso local. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v. 19, n. 1, p. 244-268, 2022. Disponível em: <https://revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1080/1024>. Acesso em: 20 abr. 2025.

NOLETO, Rafael da Silva. Religião e sexualidade: dilemas contemporâneos brasileiros. **Cadernos Pagu**, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cLzKdJRVtmqYDYPNF7SWL7R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2025.

NUNES, Tarcílio Divino. O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil: um olhar sobre a política da Igreja Universal. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia**, v. 1, n. 35, p. 127-132, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/503/473>. Acesso em: 29 ago. 2024.

OGLAND, Curtis P.; VERONA, Ana Paula. Religion and the rainbow struggle: Does religion factor into attitudes toward homosexuality and same-sex civil unions in Brazil? **Journal of homosexuality**, v. 61, n. 9, p. 1334-1349, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2014.926767>. Acesso em: 31 ago. 2024.

OLIVEIRA, Denize Cristina de *et al.* Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia. S. P. *et al.* (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**, João Pessoa, Ed. Universitária UFPB, 2005. p. 573-603.

OLIVEIRA, Renato Carvalho de. **O poder pastoral em Michel Foucault: o paradoxo do governo e do cuidado da vida humana**. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

OLIVEIRA, Thadeu Lopes Marques de. Ofertas neopentecostais: Teologia da Prosperidade e batalhas espirituais. Um estudo comparativo entre o Neopentecostalismo e o Pentecostalismo. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 8, n. 1, p. 28-53, 2020. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/2381>. Acesso em: 27 ago. 2024.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **Juventude, religião e conflitos geracionais**: entre o discurso institucional e a prática religiosa de jovens pentecostais da Assembleia de Deus em Goiânia. 2017. 250f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/57451b00-09fd-41dc-a4b3-8d705d6f5885/content>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PAIVA, Geraldo José. Algumas relações entre psicologia e religião. **Psicologia USP**, v. 1, n. 1, p. 25-33, 1990. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34413/37151>. Acesso em: 08 ago. 2024.

PEREIRA, Drielly dos Reis; MARTINS, Maria das Graças Teles. PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: A RELIGIOSIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO DOS SUJEITOS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 8, p. 532-547, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6457/2531>. 08 ago. 2024.

PINHONI, Marina; CROQUER, Gabriel. **Brasil tem mais templos religiosos do que hospitais e escolas juntos; Região Norte lidera com 459 para cada 100 mil habitantes**. O Globo. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/02/02/brasil-tem-mais-templos-religiosos-do-que-hospitais-e-escolas-juntos-regiao-norte-lidera-com-459-para-cada-100-mil-habitantes.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

PINTO, Luciano Rocha. DIACONADO LATINO. **Atualidade Teológica**, v. 20, n. 52, p. 106-128, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26651/26651.PDF>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. **Iniciação científica: destaques**, v. 1, p. 313-392, 2007. Disponível em: <https://www.arqcom.uniceub.br/rdi/article/download/5727/pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

QUINALHA, Renan. Lâmpião da Esquina na mira da ditadura hetero-militar de 1964. **Cadernos Pagu**, v. 61, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/SHVG63XcvL7Tz4Rp3FDBNMB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

RAUSCH, Antônio Augusto Lemos; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Cores da Sujeição: Enunciados sobre a (Homo) Sexualidade dentro de uma Igreja Evangélica. **Mediações**, v. 29, n. 3, p. 1-22, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/yHskKCJn35T3xHZp8nwSs5Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2024.

REIMER, Ivoni Richter; GUERRA, Danilo Dourado; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. O Enigma da Religião: Religião e Sociedade em Marx, Weber, Durkheim e Bourdieu. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 11, n. 32, p. 175-189, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/43284/751375138167>. Acesso em: 27 jul. 2024.

REIS, Thaís Leite; NAIFF, Luciene Alves Miguês. Representações Sociais de Brasileiros sobre a infância no processo migratório: estereótipos e preconceitos. **Episteme Transversalis**, v. 14, n. 1, p. 86-108, 2023.

RIOS, Eunice de Oliveira; NUNES, Fabrizia Gioppo. História da religião: origem e precursores dos movimentos pentecostais através dos séculos e dos continentes. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 01, p. 111-131, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/4601/5188>. Acesso em: 21 dez. 2024.

RODRIGUES, Vinícius Cainã Silva. O movimento LGBT vai ao mundo: uma análise histórico-discursiva de sua internacionalização. **O Cosmopolítico**, v. 6, n. 1, p. 114-129, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ocosmopolitico/article/view/53811/31654>. Acesso em: 19 set. 2024.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos**

RUIZ, Castor Bartolomé. O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 14, v. 14, n. 241, p. 8, 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/241cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. EdUERJ, 1998.

SÁ, Celso Pereira de. ARRUDA, Ângela. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, Edição Especial Temática. p. 11-31, 2000.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTANA, Marcos Camilo de; KANASHIRO, Helder Bless. Belas do reino: a força das pastoras por uma necessidade mercadológica. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 47, n. 1, p. 57-78, 2021. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/reu/article/view/4639/4422>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SANTO, Caren *et al.* O processo de ancoragem na representação social de líderes evangélicos sobre AIDS. **Psic., Saúde & Doenças, Lisboa**, v. 20, n. 3, p. 778-787, 2019. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/xgbfngn2xrgbhnkypnfwj7qqji/access/wayback/https://www.sp->

ps.pt/uploads/jornal/679.pdf. Acesso em: 14 nov. 2024.

SANTOS, James Washington Alves dos. O sagrado como conceito sociolinguístico: apontamentos entre Durkheim e Saussure. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 67, 2023.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alfa/a/Dkz7FPhh5CMw94Rzgq7W4XR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul 2024.

SANTOS, José Adailton Sousa dos. Movimento lésbico-interseccional no Nordeste: história e atuação do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes (GAMI). **Revista Inter-Legere**, v. 7, n. 39, p. 1-28, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/33914/18549>. Acesso em: 24 set. 2024.

SCHNABEL, Landon. Gender and homosexuality attitudes across religious groups from the 1970s to 2014: Similarity, distinction, and adaptation. **Social Science Research**, v. 55, p. 31-47, 2016. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/283290906\\_Gender\\_and\\_homosexuality\\_attitudes\\_across\\_religious\\_groups\\_from\\_the\\_1970s\\_to\\_2014\\_Similarity\\_distinction\\_and\\_adaptation](https://www.researchgate.net/publication/283290906_Gender_and_homosexuality_attitudes_across_religious_groups_from_the_1970s_to_2014_Similarity_distinction_and_adaptation). Acesso em: 04 out. 2024.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. O Brasil homossexual em retrato: articulações entre direitos humanos, literatura e arte. **Paidéia**, v. 21. n. 50, p. 437-439, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/paideia/a/qCgbCrRDKCHmZdnws3RNSHr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2024.

SECRETARIA DE JUSTIÇA E CIDADANIA. **Calendário das datas afirmativas**. 2021.

Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/index.php/coordenacoes-e-programas/coordenacao-de-politicas-para-a-diversidade-sexual/calendario-de-datas-afirmativas/>. Acesso em: 01 out. 2024.

SELVATICI, Monica. **Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no livro dos Atos dos Apóstolos**. 2006. 247 f.

Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2006. Disponível em

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=497575>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. Libertação gay no Brasil: discursos e enfrentamentos do jornal Lampião da Esquina durante a abertura política (1978-1981).

**Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 2, p. 147-165, 2019.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/interc/a/m5dGgdRDhVcybHL6gc83wsw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA JUNIOR, Jorge Luiz da. **GUEI: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito**. 2004. 97 f. Monografia (graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação, 2004.

Disponível em: <https://www2.ufjf.br/facom/files/2013/04/JSilva.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

SILVA, Alberto Warmling Candido da; RAVANELLO, Tiago; LEMKE, Ruben Artur. De que ontologia? Implicações epistemológicas e realismo ingênuo na racionalidade diagnóstica. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 23, n. 3, p. 57-65, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/zMMcmYCT4SshHzdqzmXSMDN/?format=pdf&lang=pt>.

SILVA, Danuzio Weliton Gomes da; CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho de; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. Discurso LGBTfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano: discriminação e resistência. **Em Questão**, v. 27, n. 1, p. 403-429, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101386/59318>. Acesso em: 04 out. 2024.

SILVA, Elder Luan do Santos. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, histórias**, v. 8, n. 16, p. 143-169, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/31928/27779>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. **Revista de Estudos da Religião**, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2004. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2004/p\\_silva.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf). Acesso em: 17 ago. 2024.

SILVA, Marcos Aurélio da. Numa tarde qualquer: uma antropologia da Parada da Diversidade em Cuiabá e da cultura LGBT no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 10, n. 15, p. 101-130, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/9891/8363>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA, Nathalya Marillya de Andrade *et al.* Representações sociais e ensino de ciências. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 3042-3053, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22864/18339>. Acesso em: 14 out. 2024.

SILVA, Rachel Cabral da. Geografia da Religião: Uma contribuição de abordagem através das práticas espaciais de Intolerância Religiosa na urbanidade carioca. **Revista Magistro**, v. 1, n. 5, p. 62-78, 2012. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/1411/810>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SILVA, Silas Veloso de Paula; ALMEIDA, Júlia Alves de; DIAS, Priscylla Karollyne Gomes. Muito além do Arco-íris: homossexualidade (s) e diversidade sexual em práticas discursivas em torno de uma Igreja Inclusiva da cidade do Recife-PE. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 14, p. 124-159, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/37715/24017>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. 196 p.

SIQUEIRA, Valderêdo Clemente de. Religiões Abraâmicas: semelhanças e diferenças. In: ARAGÃO, Gilbraz; VICENTE, Mariano (Org.). **Espiritualidades, Transdisciplinaridade e**

**Diálogo 2**, Recife: UNICAMP, 2018, p. 120-138. Disponível em: [https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2018/08/1-E-book-Espiritualidades-transdisciplinaridade-e-dialogo-2\\_Observatorio-das-Religoes-no-Recife.pdf#page=122](https://www1.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2018/08/1-E-book-Espiritualidades-transdisciplinaridade-e-dialogo-2_Observatorio-das-Religoes-no-Recife.pdf#page=122). Acesso em: 18 ago. 2024.

SOARES, Antonio Rodrigues. A psicologia no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 1, p. 8-41, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6152819>. Acesso em: 07 ago. 2024.

SOLEDADE, Alisson. Inclusiva, gay e queer: a difusão das teologias dissidentes no Brasil (1994-2018). **Mosaico**, v. 16, n. 25, p. 253-270, 2024. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/90681/86064>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SOUZA, Josué de. A escolha dos “ungidos”: nepotismo e carisma a serviço do poder político-religioso pentecostal. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 3, n. 1, p. 124-137, 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328079235.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2024.

TAGLIAMENTO, Grazielle *et al.* Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77-112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/34558/24055>. Acesso em: 20 set. 2024.

TEIXEIRA, Jeannie Fontes *et al.* Quem pratica crimes contra homossexuais? A apassivação na representação discursiva sobre a violência contra homossexuais em manchetes jornalísticas digitais. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1628/1373>. Acesso em: 20 abr. 2025.

TEIXEIRA, Livia Garcia *et al.* O perfil epidemiológico da AIDS no Brasil/The epidemiological profile of AIDS in Brazil. **Brazilian Journal of Health Review, Curitiba**, v. 5, n. 1, p. 1980-1992, 2022. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/7uzkzfhubrd4zchwsjgivn6vrm/access/wayback/https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/43504/pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

TOKARNIA, Mariana. **IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil**. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/ibge-divulga-levantamento-sobre-homossexuais-e-bissexuais-no-brasil>. Acesso em: 01 out. 2024.

TOMEI, Francesco Andrade. O conceito de representações coletivas em Durkheim. **Laboratório didático de sociologia, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**, p. 1-17, 2013. Disponível em: [https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Francesco\\_texto\\_0.pdf](https://ensinosociologia.fflch.usp.br/sites/ensinosociologia.fflch.usp.br/files/Francesco_texto_0.pdf). Acesso em: 11 out. 2024.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da Igreja Católica em condições históricas e contextuais específicas. **Revista de Estudos da Religião**, v. 1, p. 142-152, 2006. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/79281371/p\\_torres-libre.pdf?1642784484=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DOs\\_Significados\\_da\\_Homossexualidade\\_no\\_D.pdf&Expires=1725978942&Signature=ONKqAhPl6iTjCZ1wbqQtco8zsWvTog9X1Yx-VzQUWNI4fZzmFiUfcJOp3qXMZRfbvN1LoQBKWm-IEVEoIZM6atyKVx7vFEGtzk8~0q3nT7c5DDEc3IZGZYVWUyp2vG1DEaJWcQrPIgx2IT-yjVjgJYv14P6SsY~iP~Kge~oXNN9JYDm7MZVsSjs3s67~eOwUsIfvlQ3Axs2csmjHHPIIm0WgSKpfGhB3HLty0IFQFgeOUBOCTAb368ahqc34qIGJiBjgIuztEFPSZvjiD-s5P~H6NLZV8EdRIYoks4IWTlVu2yVOwt3UW-ZKaVRMbuKdq~OrEXeXU8lFZCeJoY4gg\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/79281371/p_torres-libre.pdf?1642784484=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DOs_Significados_da_Homossexualidade_no_D.pdf&Expires=1725978942&Signature=ONKqAhPl6iTjCZ1wbqQtco8zsWvTog9X1Yx-VzQUWNI4fZzmFiUfcJOp3qXMZRfbvN1LoQBKWm-IEVEoIZM6atyKVx7vFEGtzk8~0q3nT7c5DDEc3IZGZYVWUyp2vG1DEaJWcQrPIgx2IT-yjVjgJYv14P6SsY~iP~Kge~oXNN9JYDm7MZVsSjs3s67~eOwUsIfvlQ3Axs2csmjHHPIIm0WgSKpfGhB3HLty0IFQFgeOUBOCTAb368ahqc34qIGJiBjgIuztEFPSZvjiD-s5P~H6NLZV8EdRIYoks4IWTlVu2yVOwt3UW-ZKaVRMbuKdq~OrEXeXU8lFZCeJoY4gg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 10 set. 2024.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 4 ed. Objetiva, 2018.

TRINDADE, Zeidi Araujo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza, ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: TRINDADE, Zeidi Araujo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza, ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. (Org.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. 2ª ed. Brasília: Technopolitik, 2014. p. 133-162. Disponível em: <http://www.technopolitik.com.br/files/TRS%2050%20anos2aEdAbr17PDFsRp.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

VALA, Jorge; CASTRO, Paula. Pensamento Social e Representações Sociais. In: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (Org.). **Psicologia Social**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2017. 764 p.

VALEZI, Juliana. **Uma compreensão familiar das uniões homoafetivas segundo os princípios constitucionalmente estabelecidos**. 2008. 138 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Centro Universitário Eurípides de Marília – Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, 2008. Disponível em: <https://aberto.univem.edu.br/bitstream/handle/11077/573/Uma%20compreens%20c3%a3o%20familiar%20das%20uni%20c3%b5es%20homoafetivas%20segundo%20os%20princ%20adpios%20constitucionalmente%20estabelecidos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 set. 2024.

VALVA, André. Messianidade de Jesus: figuras malignas e sua influência nos feitos milagrosos. **Estudos Bíblicos**, v. 39, n. 147, p. 124-139, 2023. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/977/955>. Acesso em: 19 ago. 2024.

VARELLA, Marcelo Dias; OLIVEIRA, Katia Adriana Cardoso de. Limites e possibilidades das flexibilidades do direito da propriedade intelectual para lidar com urgências em saúde: estudos de caso da Aids e da covid-19. **Revista Direito GV**, v. 19, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/GYqX8YGf3kZHmR3QQDKwkDk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2024.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; GOMES, Frederico Renan Hilgenberg. Da “doença misteriosa dos homossexuais” à Aids: notas sobre Aids na Revista Manchete—década de 1980. **Revista NUPEM**, v. 13, n. 30, p. 26-45, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/nupem/article/view/5678/3701>. Acesso em: 19 set. 2024.

VERDETE, Carlos. **História da Igreja**: das origens até o Cisma do Oriente (1054), v.1. São Paulo: Paulus, 2009.

VIEIRA, William. Linha do tempo dos direitos LGBT conquistados no Brasil e no mundo. **Revista Gama**. 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/orgulho-de-que/linha-do-tempo-direitos-lgbt-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 28 set. 2024.

VIEIRALVES-CASTRO, Ricardo; ARAÚJO, Maria Clara Rebel. Reflexões sobre fatos e fe (i) tiches no estudo das religiões. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 27-39, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/jmsJn66kWn3WJmBj6xZp9GL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2024.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 16 out. 2024.

VITTORAZZI, Dayvisson Luis; GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. Representações sociais do meio ambiente: implicações em abordagens de educação ambiental sob a perspectiva crítica com alunos da primeira etapa do ensino fundamental. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 26, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ciedu/v26/1516-7313-ciedu-26-e20054.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

WILLAIME, Jean-Paul. O que significa comemorar a reforma? **Numen**, v. 20, n. 2, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22097/12042>. Acesso em: 24 ago. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION *et al.* **Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002, Geneva**. World Health Organization, 2006. Disponível em: <https://www.cesas.lu/perch/resources/whodefiningsexualhealth.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024.

YI, Joseph *et al.* Gay Seouls: Expanding religious spaces for non-heterosexuals in South Korea. **Journal of Homosexuality**, v. 65, n. 11, p. 1457-1483, 2018. Disponível em: <https://sci-hub.se/10.1080/00918369.2017.1377492>. Acesso em: 04 out. 2024.



## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Olá, muito obrigado pelo seu tempo. Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa acadêmica TOTALMENTE ANÔNIMA. Sua participação é muito importante e não existe resposta certa ou errada. Apenas contamos com sua participação voluntária, de acordo com as exigências da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Antes de responder às perguntas relacionadas ao estudo, apresentaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em ambiente virtual para sua leitura e anuência.

A pesquisa intitulada “Representações Sociais de homossexuais dentro das igrejas segundo líderes de igrejas protestantes pentecostais”, desenvolvida na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), será conduzida pelo psicólogo Carlos Eduardo da Silva Barbosa - CRP 05/71734, sob orientação da professora doutora Luciene Alves Miguez Naiff.

Desse modo, convidamos você para responder a este questionário com duração de aproximadamente 5 a 10 minutos. A pesquisa envolve risco mínimo de possível desconforto ao responder algumas perguntas do questionário proposto. Caso isso ocorra, você tem a liberdade para não responder, interromper a pesquisa, fazer pausas, ou cancelar a sua participação a qualquer momento. Em todos esses casos, você não será prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa o risco para você é a possibilidade de desconforto com o tema. Para além do desconforto, também são esperados benefícios com a pesquisa, tais como: contribuições sociais, avanços científicos e, até mesmo, reflexões sobre assuntos sociais no qual as religiões têm se apropriado e não tem se ausentado.

Os resultados do estudo poderão ser apresentados ou publicados em eventos, congressos e revistas científicas. Garantimos que a sua privacidade será respeitada, assim como o anonimato e o sigilo de suas informações pessoais. O pesquisador poderá contar para você os resultados da pesquisa quando esta terminar, caso seja do seu interesse.

Você não receberá pagamentos por ter respondido ao questionário. Os custos diretos e indiretos da pesquisa serão arcados pelo pesquisador responsável. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o ressarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante.

Caso clique no ícone sobre “aceito participar da pesquisa”, você responderá ao questionário do estudo em questão e permitirá que estes dados sejam divulgados para fins científicos ou acadêmicos, sendo mantida em sigilo a sua identidade. Também declara que está ciente dos propósitos e procedimentos do estudo e que teve oportunidade de avaliar as condições informadas sobre a pesquisa para chegar à sua decisão em participar deste estudo.

Desde já, agradecemos!

## APÊNDICE B

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

#### BLOCO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

1 Faixa etária:

☐ 18 a 25 anos ☐ 26 a 30 anos ☐ 31 a 40 anos ☐ 41 a 50 anos ☐ 51 a 60 anos ☐ acima de 60 anos

2 Sexo:

☐ Masculino ☐ Feminino

3 Em qual dessas igrejas pentecostais você congrega?

☐ Congregação Cristã no Brasil ☐ Assembleia de Deus ☐ Evangelho Quadrangular ☐ Brasil para Cristo ☐ Deus é amor ☐ Outra denominação que se considera pentecostal

4 Você possui algum cargo de liderança eclesiástica?

☐ Apóstolo ☐ Bispo ☐ Pastor/a ☐ Evangelista ☐ Missionário/a ☐ Presbítero

## BLOCO 2 – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE HOMOSSEXUAIS DENTRO DAS IGREJAS SEGUNDO LÍDERES DE IGREJAS PROTESTANTES PENTECOSTAIS

1 Cite de três a cinco palavras ou expressões que você acredita que as pessoas pensam sobre o termo “homossexuais”.

2 Cite de três a cinco palavras ou expressões que você acredita que as pessoas da sua religião pensam sobre “homossexuais dentro das igrejas”.

3 O que você pensa sobre a homossexualidade?

4 O que você pensa sobre uma pessoa homossexual figurar como uma liderança em sua igreja?

( ) Concordo totalmente ( ) Concordo parcialmente ( ) Não concordo e nem discordo ( ) Discordo parcialmente ( ) Discordo totalmente

5 No ano de 2020, em uma matéria do g1.com, o pastor André Valadão ao ser questionado por um seguidor no instagram, se um casal homossexual pode frequentar a igreja, respondeu com a seguinte frase: “Entendi. São gays. A igreja tem um princípio bíblico. E a prática homossexual é considerada pecado. Eles podem ir para um clube gay ou coisa assim. Mas, na igreja, não dá. Esta prática não condiz com a vida da igreja. Tem muitos lugares que gays podem viver sem qualquer forma de constrangimento. Mas na igreja é um lugar para quem quer viver princípios bíblicos. Não é sobre expulsar. É sobre entender o lugar de cada um”. Qual sua opinião sobre a fala do pastor?

6 Você já vivenciou alguma situação pessoal com pessoas homossexuais dentro das igrejas? Se sim, pode nos contar?